



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

O QUE É QUE RESISTE AO IMPACTO DO TEMPO?



RIMINI 2019

O QUE É QUE RESISTE AO IMPACTO DO TEMPO?

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2019

Na capa: *Cristo no limbo ressuscita os eleitos.*

A imagem da descida ao limbo pertence a um ciclo de frescos do final do século XV, na capela de Saint Sébastien em Lanslevillard, na Alta Sabóia. Cristo vencedor da morte, representada pelo diabo esmagado sob as portas dos Infernos, traz do reino dos mortos os defuntos conduzidos por Adão. Destacam-se alguns pormenores: a nudez dos defuntos, a mesma nudez das crianças quando vêm à luz. Depois, a letícia dos seus rostos que, pelo contrário, contrasta com o choro dos recém-nascidos, porque estão conscientes de que a vida a que estão prestes a aceder é a vida eterna. Finalmente, o pormenor de Jesus que segura Adão pelo pulso, e não pela mão. O pulso é o ponto do corpo humano em que se sente a vida, e Cristo volta a dar a vida. Adão não se agarra a Cristo, mas deixa-se agarrar por ele, num gesto de humildade total.

«Por ocasião do curso dos Exercícios Espirituais, que juntam em Rimini os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, acompanhados este ano pelo significativo tema “O que é que resiste ao impacto do tempo?”, o Sumo Pontífice envia o seu cordial pensamento, formulando votos de que a memória do sacrifício de Cristo e da Sua encarnação na história seja a ajuda concreta oferecida por Deus Pai para superar todas as adversidades e a mediocridade do tempo presente. O Papa Francisco, ao mesmo tempo que vos convida a perscrutar os sinais dos tempos e a reconhecer nas múltiplas histórias de santidade a ocasião para a construção da Sua morada no mundo, envia-vos de todo o coração, pela intercessão da Virgem Maria, a implorada benção apostólica, estendendo-a de bom grado a todos os presentes, aos seus familiares e a todo o movimento».

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
12 de abril de 2019

Sexta-feira, 12 de abril, noite

À entrada e à saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 7 em lá maior, op. 92,

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 3, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

Talvez nunca, como desta vez, tenhamos chegado aqui com a consciência de que não somos capazes de fazer durar em nós as coisas boas que nos acontecem na vida. E talvez nunca, como hoje, tenhamos estado tão conscientes do quanto temos necessidade de alguém que resista ao impacto do tempo, respondendo à nossa necessidade desmesurada de algo que dure.

Peçamos por isso o Espírito, o único capaz de resistir e de responder a todo o desejo de plenitude que nos constitui.

Vinde, Espírito Santo

Começo lendo a mensagem que nos foi enviada pelo Santo Padre: «Por ocasião do curso dos Exercícios Espirituais, que juntam em Rimini os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, acompanhados este ano pelo significativo tema “O que é que resiste ao impacto do tempo?”, o Sumo Pontífice envia o seu cordial pensamento, formulando votos de que a memória do sacrifício de Cristo e da Sua encarnação na história seja a ajuda concreta oferecida por Deus Pai para superar todas as adversidades e a mediocridade do tempo presente. O Papa Francisco, ao mesmo tempo que vos convida a perscrutar os sinais dos tempos e a reconhecer nas múltiplas histórias de santidade a ocasião para a construção da Sua morada no mundo, envia-vos de todo o coração, pela intercessão da Virgem Maria, a implorada benção apostólica, estendendo-a de bom grado a todos os presentes, aos seus familiares e a todo o movimento. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

1. Uma pergunta que não se pode eliminar

Fiquei muito surpreso com o interesse despertado pela pergunta que nos demos como título destes nossos dias juntos: «O que é que resiste ao impacto do tempo?». Isso vê-se pelo número de contributos que vocês enviaram: dois mil. Estou-lhes verdadeiramente agradecido pela ajuda que me dão para o

caminho comum. Já tinha acontecido o mesmo com os universitários, que diante da mesma pergunta, acusaram o golpe. Mas para nós, adultos, a questão assume um alcance maior, porque temos mais tempo e mais história sobre os nossos ombros e, portanto, mais dados para responder. Por esta razão, decidimos colocar a mesma questão no centro dos Exercícios da Fraternidade, porque também nós temos de fazer a mesma verificação.

Receber a pergunta foi, para muitos de vocês, como que uma surpresa, que despertou em primeiro lugar uma gratidão. «Senti-me invadida por uma imensa gratidão», escreve uma pessoa. E outra: «Permite-me agradecer-te por esta pergunta, que quiseste partilhar com cada um de nós. Devolveu-nos a consciência de sermos, cada um de nós, uma parte do carisma que teve impacto na nossa vida e que nos faz estar aqui agora para levar a sério a tua pergunta». E ainda outra: «Com uma gratidão imensa, aguardo os próximos Exercícios. O meu coração, embora muitas vezes cansado, espera. Espera o quê? Ouvi-l’O falar outra vez, porque nada enche o meu coração assim e nada desafia a minha razão assim, ou seja, nada exalta a minha humanidade assim! Que graça me aconteceu!».

O interesse despertado em tantos de vocês é o sinal de que a pergunta feita não foi entendida como algo de abstrato, mas como uma questão existencial, que tocou um nervo descoberto em nós, intercetou uma questão crucial da vida, da qual não se pode escapar. O interesse demonstrado indica o quanto sentimos a urgência de alguma coisa que dure. E isto surpreende ainda mais, já que vivemos numa sociedade líquida e, portanto, devíamos estar habituados ao facto de que nada dura. Com efeito, um olhar sobre a situação, sobre o estilo de vida que caracteriza muitos de nós, jovens e adultos, revela uma labilidade, uma volubilidade, uma dança contínua de percepções contrastantes. Somos muitas vezes tomados por um turbilhão de afetos, de sentimentos, em que tudo se constrói e se desmonta sempre muito rapidamente; consequentemente, somos facilmente vítimas da desilusão. Nada parece resistir, o tempo consome, esvazia tudo; o que aconteceu ontem perde a sua influência em nós, o seu fascínio.

Já o dizia Gaber na sua *Illogica alegria*: «Sei sobre o mundo e também sobre o resto / sei que tudo está em ruínas».¹ Vasco Rossi faz-lhe eco: «Nada dura, nada dura / E tu sabes isso».²

Mas se nada dura, por que é que não nos contentamos, por que razão tentamos – pelo contrário – domesticar ou anestesiar a urgência recorrendo a alguma droga, como Houellebecq faz com a personagem do seu

¹ «L’illogica allegria», letra de A. Luporini, música de G. Gaber, 1981-1982, © Edizioni CURCI.

² «Dannate Nuvole», letra e música de V. Rossi, 2014, © EMI.

último romance? A serotonina, escreve ele, «é um pequeno comprimido branco, oval, divisível. Não cria nem transforma; interpreta. Torna passageiro o que era definitivo; contingente o que era inevitável. Proporciona uma nova interpretação da vida – menos rica, mais artificial e impregnada de uma certa rigidez. Não proporciona nenhuma forma de felicidade, nem mesmo de verdadeiro alívio, a sua acção é de outra ordem: transformando a vida numa série de formalidades, permite enganar. Por conseguinte, ajuda os homens a viver, ou pelo menos a não morrer... durante um certo tempo. A morte, no entanto, acaba por se impor, a armadura molecular fende-se, o processo de desagregação retoma o seu curso».³

A pergunta que ecoa nestes Exercícios não pode ser suprimida, ela regressa, na sua absoluta inevitabilidade. «Este drama [da vida] [...] – embora possa ser tratado como um jogo, e encarado com leviandade por todos os tipos de céticos e de felizes ignorantes – é o *único*. E não pode ser evitado sem abandonar a vida ao mesmo tempo. Em suma, o drama é sério; e a nossa vida não é uma farsa, pela simples razão de que é única, e não se pode mudar o nosso próprio papel: só se pode rejeitá-lo».⁴

2. Levar a sério a pergunta é o primeiro gesto de amizade

O primeiro gesto de amizade para conosco e entre nós não é censurar esta pergunta, é levá-la a sério. O primeiro gesto de amizade para consigo mesmo daqueles que estão doentes consiste em levar a sua doença a sério. É simples. E se tens um amigo doente, o primeiro gesto de amizade para com ele é um convite para cuidar dele mesmo. Em oposição a isto, está aquele “deixa andar” que é a demonstração de uma falta de afeição por si mesmo.

Por isso, logo na primeira página de *Em busca do rosto do homem*, Dom Giussani adverte-nos: «O supremo obstáculo ao nosso caminho humano é a “negligência” do eu». O primeiro ponto de um caminho humano é, portanto, o «contrário dessa “negligência”», ou seja, um «interesse pelo próprio eu», pela própria pessoa. Um interesse que pareceria óbvio «enquanto na verdade não o é de modo algum»: basta, na verdade, olhar para o nosso comportamento habitual para ver «que grandes rasgos de vazio se abrem no tecido quotidiano da nossa consciência e quão grande é a perda de memória».⁵

A primeira condição que nos lembra Dom Giussani é, então, uma afeição por si mesmo, como primeiro gesto de amizade conosco mesmos.

³ M. Houellebecq, *Serotonina*, Alfaguara, Lisboa 2019, p. 278.

⁴ D. de Rougemont, *La persona e l'amore*, Morcelliana, Brescia 2018, p. 57.

⁵ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, p. 11.

«Se esta afeição pelo humano – não afeição pelo humano como objeto estético, olhado e tratado poeticamente, mas afeição humana como apego pleno de estima e compaixão, de piedade, de si mesmo, de afeto, como ter em relação a ti mesmo um pouco daquele apego que a tua mãe tinha em relação a ti, especialmente quando tu eras pequeno (mas mesmo agora que és grande) – se não houver um pouco disso em nós, para nós mesmos, é como se o chão onde construir faltasse».⁶

Portanto, «a primeira condição para que [...] o movimento como acontecimento [...] se realize [...] é precisamente este sentimento da própria humanidade: a “afeição a si”».⁷ «Eis aqui o início, o primeiríssimo início:» – escreve Etty Hillesum – «levar-se a si mesmo a sério [...]. É precisamente este o trabalho que se pode realizar, também pelo próximo: conduzi-lo cada vez mais em direção a si mesmo, capturá-lo e detê-lo na sua fuga para longe de si, e tomá-lo pela mão e voltar a acompanhá-lo às suas nascentes, que lhe pertencem».⁸

Quem não censura a pergunta, graças a uma afeição experimentada por si mesmo, é o único capaz de colocá-la aos outros. Por isso, o verdadeiro amigo é aquele que coloca a questão, como Dom Giussani nos colocou: «O que é que resiste ao impacto do tempo?».⁹ É uma questão que nos obriga a sermos nós mesmos e não nos deixa cair no nada. Muitos de vocês o escreveram. Leio apenas alguns dos vossos contributos: «Obrigado por me teres despertado do meu torpor, enviando-me a pergunta: “O que é que resiste ao impacto do tempo?”». «Achei que a pergunta que fizeste podia mesmo ser uma pergunta feita para mim e não “feita também para...”», com o pensamento habitual de que então alguém responderá». «Obrigada por esta tua pergunta, que me “perseguiu” desde que a li, não me deixando sossegada. Muito obrigada pela forma como provocas a nossa liberdade e como nos convidas a ir ao fundo de cada um nas suas próprias circunstâncias». «Antes de qualquer palavra, gostaria de te dizer que esta solicitação dominou os meus dias: companhia profunda quando abria os olhos pela manhã e quando os fechava à noite».

Trata-se de uma pergunta, em última instância, inevitável. Basta que arrefeça a experiência que uma pessoa vive com um amigo, ou com a pessoa amada, para que ela surja, ainda que possa ser formulada com um tom de ceticismo: mas então, se também esta amizade ou este amor colapsam, o que é que verdadeiramente resiste?

⁶ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, p. 291.

⁷ *Ibidem*, p. 294.

⁸ E. Hillesum, *Il bene quotidiano*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2014, p. 44.

⁹ Cf. J. Carrón, L. Giussani, “*Vivo quer dizer presente!*”, Jornada de Início de Ano, outubro 2018, p. 2.

Há uma canção de Guccini, *Farewell*, que descreve este fenómeno. Fala de uma história de amor que acaba: «Era fácil viver então, a todas as horas», «parecia-nos ter encontrado a chave / secreta do mundo», «revermo-nos era como renascer outra vez. / Mas todas as histórias têm a mesma ilusão, a mesma conclusão / e o pecado foi crer que era especial uma história normal», «o tempo desgasta-nos e faz-nos murchar».¹⁰

É uma experiência ilustrada também em alguns dos vossos contributos; por exemplo, este: «A idade provocou em mim uma dureza maior, uma defesa em relação àquilo que acontece para não ter de sofrer. A verdade é que o tempo mói, é um exame impiedoso que faz deixar de fora aquilo que não se conservou, e a mim dá-me muito medo descobrir que não se salvou o suficiente: então traço linhas de esquecimento, encubro, confundo, renuncio também a gozar o que é bom, para que as dores inconsoláveis não se aproximem e não abram abismos que já não serei capaz de fechar. Prevalece uma espécie de langor, abrigo-me nos ritos e nos hábitos, como fazem os velhos, e assim há partes da minha vida que ficam cuidadosamente de fora. Também a minha experiência no movimento, com o tempo, se tornou uma “tia velha” a quem sou afeiçoada, assemelha-se tristemente ao cobertor de Linus [NT: *Linus é o melhor amigo de Charlie Brown na série Peanuts, de Charles Schulz; observador e erudito, é o “filósofo” da série e está sempre agarrado ao seu cobertor azul*], a um anestético que com o tempo cria dependência e já nem sequer funciona. Eu sei que o ponto está aqui, que quanto mais procuro o controlo, quanto mais guardo para mim, menos se salva, menos vem ao de cima. Sei que devo aprender a oferecer precisamente aquilo que dói mais, aquilo que eu não posso ajustar e que, no máximo, consigo esconder, como se faz com a poeira debaixo do tapete».

É a mesma amarga conclusão a que chega o génio poético de Baudelaire: «Foi medonha tormenta a minha mocidade, / Aqui e além cortada por brilhantes sóis; / A chuva e os trovões fizeram tais estragos / Que poucos frutos rubros no jardim me sobram. / E eis-me já em pleno Outono das ideias/, Quando é preciso usar os ancinhos e a pá / Para arranjar outra vez a terra, após a cheia / Onde a água escavou, quais tumbas, grandes valas. / E quem sabe se as flores que eu sonho, renovadas / Poderão encontrar nessa areia lavada / O místico alimento que lhes dê vigor? / – Ó dor! Ó minha dor! O Tempo engole a vida, / E o que rói o peito, esse obscuro Inimigo / Com o sangue que perdemos cresce e ganha força!».¹¹

¹⁰ «Farewell», letra e música de F. Guccini, 1993, © EMI-BMG.

¹¹ C. Baudelaire, «O inimigo», em *As flores do mal*, Assírio e Alvim, Lisboa 1992, p. 69.

É o medo de que, no fundo, tudo se torne nada, de que tudo seja enganoso e aparência, como diz Montale: «Talvez certa manhã andando por um ar de vidro, / árido, voltando-me, veja acontecer assombrado: / o nada por cima dos meus ombros, e atrás de mim / o vazio, com um terror de embriagado».¹²

Guccini, Baudelaire ou Montale não nos deixam regressar às nossas coisas como éramos antes, porque colocam diante de nós a urgência da vida: com o seu ceticismo ou nihilismo obrigam-nos a ter ainda mais em conta a pergunta. Senão, vivemos como desesperados. Como descreve Houellebecq: «Liberto de desejos, assim como de razões para viver [...], mantinha o desespero a um nível aceitável, pode-se viver desesperado, e a maior parte das pessoas até vive assim, de vez em quando pergunta-se se pode conceder a si própria um naco de esperança [...] antes de responder negativamente. No entanto, persiste e, aí, trata-se de um espetáculo comovente».¹³

Mas amigo não é apenas quem coloca a questão, é também aquele que não recua diante do alcance desta, escapando ou distraíndo-se; por isso, não é apenas quem coloca a questão, mas também quem a leva a sério. Viemos aos Exercícios para isto: para sermos ajudados a viver na verdade, sem termos de olhar para o outro lado porque estamos assustados com tudo, com o medo do nada.

«Quem sustenta o meu cansaço e a minha solidão?», pergunta um de vocês, «quem me acompanha numa escolha difícil? Como é que o meu momento pode ser salvo? Depois de trinta anos de experiências enriquecidas pelo dom da fé, com o tempo, todos os objetivos parciais que me coloquei e me coloco (alguns alcancei-os) estão, inexoravelmente, a deixar espaço para me colocar esta questão. Agora, por algo menos do que esta pergunta [sem levar a sério esta pergunta] já não tenho vontade de mexer nem um dedo. Nem com a família, nem no trabalho, nem com os amigos, nem muito menos com as pessoas que não conheço».

3. A espera

Ao vir aqui, queremos sustentar-nos na luta que cada um de nós está a travar entre o já não esperar nada e o não poder deixar de ter em conta aquele desejo de ser feliz que nos constitui, ou seja, com o desejo de uma felicidade que dure, que não se dissolva no espaço de um dia ou de uma estação.

¹² E. Montale, «Talvez certa manhã andando por um ar de vidro...», *Ossos de choco*, em *Poesia*, Assírio e Alvim, Lisboa 2004, p. 89.

¹³ M. Houellebecq, *Serotonina*, op. cit., p. 190.

Como é ardente e como está difundido o drama de quem pensa que não há resposta para a questão humana, e no entanto, não consegue eliminá-la! Descreve-o Tolstoi: «O homem olha à sua volta e procura respostas para a sua própria pergunta, e não as encontra. Encontra à sua volta doutrinas que dão respostas a questões que ele, de facto, não se coloca, mas não existe uma resposta para aquela pergunta que ele se faz [...]. E [...] encontra-se sozinho diante do mundo inteiro, com aquelas suas terríveis perguntas que lhe dilaceram a alma».¹⁴ Sozinho.

Às vezes, até nos amigos vemos o medo de determinadas perguntas, como me escreve uma pessoa: «Apesar de tudo aquilo que vivi, ouvi e vi, neste momento em que me fazes a pergunta eu distraio-me para não desesperar, porque o peso da vida é demasiado forte, sobretudo o medo de que as coisas não sejam eternas, que escapem; o tempo passa e nada permanece. Quando coloco estas questões aos meus amigos, sinto-me um marciano, alguém que “se debate com o sentido da vida e tem medo da morte”; por isso recuo, guardo as coisas para mim, parece-me que não há nada que resista ao impacto do tempo».

Mas é precisamente esta pergunta, que dilacera a alma, que leva Borges a procurar sem descanso o que lhe pode responder: «continuarei / a procurá-lo até ao dia derradeiro / dos meus passos pela terra»,¹⁵ comprometendo-se deste modo a permanecer leal até ao fim consigo mesmo.

Às vezes até pode parecer uma loucura colocar-se a questão. E, no entanto, a urgência de que falamos é de tal maneira constitutiva que, apesar de qualquer aparente bom senso, o homem que é leal não pode, em última instância, subtrair-se a ela. Por isso Camus se rebela e afirma, grita a verdade desta inevitável urgência, através da voz do seu Calígula: «Não estou doido, parece-me mesmo que nunca fui tão razoável. Simplesmente, senti de repente necessidade do impossível [...]. As coisas, tal como são, não me parecem satisfatórias. [...] Este mundo, tal como está feito, não é suportável. Tenho, portanto, necessidade da Lua, ou da felicidade, ou da imortalidade, de qualquer coisa de demente, talvez, mas que não seja deste mundo».¹⁶

A dificuldade em encontrar resposta faz com que nos interroguemos se aquilo que procuramos não será um sonho. O poeta espanhol Antonio Machado não só tem a audácia de se fazer esta pergunta com seriedade, como aponta a condição para podermos intercetar os sinais, caso estes chegassem, de uma resposta: um coração desperto, que olha e que ouve. Escreve:

¹⁴ L. Tolstoi, *Nella vita*, Feltrinelli, Milão 2018, p. 78.

¹⁵ J.L. Borges, «Cristo na cruz», em *Os conjurados*, Difel, Matosinhos, p. 9.

¹⁶ A. Camus, «Calígula», ato I, cena IV, Edição Livros do Brasil, Lisboa, pp. 22-23.

«Adormeceu o meu coração? / Alvéolos dos meus sonhos, / já não trabalhas? Está seca / a nora do meu pensamento, / estão vazios os baldes, / ao girar, de sombra transbordantes? / Não; o meu coração não dorme. / O meu coração está desperto, está desperto. / Nem dorme nem sonha, olha, / com os lípidos olhos abertos, / os sinais longínquos e escuta / a margem do grande silêncio».¹⁷

Quando é levada a sério, a vida leva-nos até ali, até à margem do grande silêncio, ou seja, do Mistério, diante do qual só podemos estar com os olhos claros, abertos, lípidos, esperando do próprio Mistério algum sinal, ficando à escuta de qualquer aceno seu. Só quem está nesta posição de abertura original pode captar, quando este aparece, o irromper de uma resposta para o desejo do coração, reconhecer os sinais da sua manifestação. Colocar-se a questão, deixar que esta se liberte, torna-nos atentos para intercepar qualquer migalha de resposta, onde quer que ela esteja.

Di-lo bem uma poesia de Patrizio Barbaro: «O olho vê. [...] É o único que pode dar-se conta da beleza [...] a beleza vê-se porque está viva e, portanto, é real. Digamos melhor, que pode acontecer vê-la. [...] O problema é ter olhos e não saber ver, não olhar para as coisas que acontecem. [...] Olhos fechados. Olhos que já não veem. Que já não são curiosos. Que já não esperam que aconteça mais nada. Talvez porque não creem que a beleza exista. Mas no deserto dos nossos caminhos Ela passa, rompendo o finito limite e enchendo os nossos olhos de infinito desejo».¹⁸

4. O imprevisto

A beleza passa, acontece, sem nos pedir licença, desafiando qualquer ceticismo, qualquer niilismo. E se uma pessoa estiver atenta, pode intercepar. Tudo o que nos é pedido é, portanto, para estarmos atentos para a surpreendermos quando passa. «Não é à força de escrúpulos – escreve com efeito Camus nos seus *Cadernos* – que um homem se tornará grande. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia».¹⁹

Toda a nossa vida se joga no intercepar o momento em que a beleza passa diante dos nossos olhos. Como é que posso reconhecer que a intercepei? Vejo-o no facto de que, de repente, abre os meus olhos, despertando o meu desejo.

¹⁷ A. Machado, «S'è addormentato il mio cuore?», *Solitudini* em Id., *Tutte le poesie e prose scelte*, Mondadori, Milão 2010, p. 107.

¹⁸ P. Barbaro, «*Ah uno sguardo* – dedicata a Pasolini», em «Una domanda a cui non so rispondere», organização de F. Pierangeli, *30Giorni*, n. 11, 2000.

¹⁹ A. Camus, *Taccuini. III, 1951-1959*, Bompiani, Milão 1992, p. 34.

Mas qual é a beleza mais necessária? É o acontecer de uma preferência, da preferência última que todos esperamos experimentar. Porque a preferência é a forma de todo o despertar, de todo o resgate, de toda a geração do humano, do eu.

Conta um de nós:

«Há um ano contratámos uma jovem professora para ensinar na escola primária. Vive a mesma condição de confusão de tantos jovens, em particular a angústia provocada pelo nunca estar à altura das circunstâncias. No outro dia veio ter comigo e contou-me que desde que está na escola está pior do que antes, porque se estão a abrir nela muitas perguntas e muitas feridas. Disse-lhe que, então, estava no melhor momento da sua vida, que as perguntas e as feridas se abrem diante de alguma coisa que, em certa medida, já nos oferece uma esperança. Disse-me que não, que as feridas são muito dolorosas, e que antes, pelo menos, tinha uma couraça, enquanto que na escola a couraça tinha caído. Nessa altura contou-me a sua história, com todas as dores sofridas. Depois foi por um breve período para a escola Newman, onde também trabalhou dois dias. De regresso, disse-me: “Na Newman aconteceu-me alguma coisa. Que não sei o que é. Mas as pessoas deram-se conta disso, porque mo dizem. Dizem-me que estou mais contente e mais tranquila. Dizem-mo os colegas e a família. Eu também vejo que me aconteceu alguma coisa. O quê? Não me digas que é Deus, porque eu não posso aceitar isso”. Disse-lhe para não se preocupar com Deus, mas para ser leal até ao fundo com a sua experiência. Perguntou-me: “Por que é que isto me aconteceu a mim? Aqui há muitos que não creem, a quem não aconteceu nada. Será pela necessidade que eu tenho, pela ferida aberta que tenho em mim?”».

Cá está, a beleza que passa pelo deserto dos nossos caminhos é intercedida por quem tem verdadeiramente necessidade, por quem tem esta ferida e esta pureza.

Como é fácil reconhecer a beleza – isto é, a evidência de uma preferência que desperta o nosso eu – quando acontece! É o sermos escolhidos que nos faz tornarmo-nos nós próprios. Como diz uma poesia de Pedro Salinas: «Quando tu me escolheste / – foi o amor que escolheu – / saí do grande anonimato / de todos, do nada [quando o tu aparece é como se te arrancasse do nada] [...] / Mas quando me disseste: “tu” – a mim, sim, a mim, entre todos – / então mais alto de que as estrelas / ou os corais fiquei [levas-me às estrelas]. / E a minha alegria / começou a girar, preso / ao teu ser, ao teu pulso. / Posse de mim tu me davas, / dando-te a mim. / Vivi, vivo. Até quando? [...] / Serei um entre os muitos / quando já não te tiver»,²⁰ tão decisivo és para que eu me torne eu mesmo.

²⁰ P. Salinas, *La voce a te dovuta*, Einaudi, Turim 1979, p. 195.

Então a grande questão que temos pela frente, amigos, é esta: há alguma coisa, aconteceu alguma coisa na nossa vida que se distingue de tudo aquilo que não dura e perde o seu domínio sobre nós? «Eis – escreve Kierkegaard no seu *Diário* – o importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter ouvido uma coisa tão grande, tão magnífica que qualquer outra seja um nada em comparação com ela e ainda que nos esquecêssemos de tudo o resto, daquela nunca mais nos esqueceríamos».²¹

Por isso trata-se de olhar para tudo aquilo que nos aconteceu para ver se alguma coisa se revelou capaz de durar, de resistir ao esvaziamento operado pelo passar do tempo. Aconteceu alguma vez alguma coisa, na nossa vida, que demonstrou resistir ao impacto do tempo? Houve alguma coisa que tenha sido capaz de agarrar a nossa vida de forma estável? É a grande questão com a qual cada um de nós de deve confrontar, olhando para a sua própria experiência pessoal, se não quiser ver tudo falhar.

A esta «alguma coisa» de que falamos Montale chama «imprevisto»: «Um imprevisto / é a única esperança». Mas muitos defendem que «é uma parvoíce dizê-lo»,²² e às vezes nós pensamos o mesmo.

No entanto, ninguém poderá impedir que uma coisa nova surja diante dos nossos olhos – porque há mais realidades no céu e na terra do que em toda a nossa filosofia, de acordo com a fórmula do grande Shakespeare²³ –: uma coisa que «não podia existir e está aqui», dizia Giussani em 1968, uma coisa que «não podia existir porque nunca a pensámos, não podíamos pensá-la [e nem sequer imaginá-la], e está aqui».²⁴

Se viemos a Rimini é porque, pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento, nos aconteceu este «imprevisto», que agarrou a nossa vida a ponto de nos fazer participar num gesto como este. Se viemos aqui é porque estamos ainda abertos à possibilidade de encontrar aquele «tu» que nos fez sair do anonimato, que fez de cada um de nós verdadeiramente ele mesmo, único. Muitos de nós esperam a renovação deste encontro.

Pelo menos uma vez, pelo menos num determinado momento, aconteceu-nos alguma coisa da qual temos saudades. Um de vocês descreve-o assim:

«Penso na pergunta que nos foi enviada: “O que é que resiste ao impacto do tempo?”. Bela pergunta! Situações familiares que nunca mudam, aliás, que parece que cavam lentamente um fosso cada vez maior onde

²¹ S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*, Morcelliana, Brescia 1962, p. 239.

²² E. Montale, «Prima del viaggio», em Id., *Tutte le poesie*, Oscar Mondadori, Milão 1990, p. 390.

²³ «Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia» (W. Shakespeare, *Hamlet*, ato I, cena V).

²⁴ J. Carrón, L. Giussani, “*Vivo*” *quer dizer presente!*, op. cit. p. 6.

cair. Relações e estruturas que parecem consolidadas, mas em relação às quais, no fundo, parece que não se pode ter nenhuma segurança. Não se pode porque ninguém consegue garantir que não irá fazer tanto mal a alguém que não sinta que lhe é recusado o perdão, ou que, devido ao curso natural das coisas, até as amizades mais profundas mais tarde ou mais cedo firam, ou desiludam, ou nos deixem abandonados. E não existe estrutura que a nossa violência ou a dos outros não possa fazer em pedaços, de acordo com um ideal próprio de revolução e justiça. Basearmo-nos nas nossas próprias energias humanas, ou na nossa própria bondade, encontra-se, pois, no limite do ridículo. Sinceramente, de vez em quando acontece-me olhar para a minha vida e vê-la como um enorme sepulcro. E, ultimamente, passamos dias inteiros em que me sinto assim. Também me parece ridículo dizer: “Ah, que bom, agora vou aos Exercícios e vão dizer-me o que resiste ao impacto do tempo, e depois volto para casa e tudo será diferente”. Mas então por que é que venho? Venho, acho, pela única coisa que me parece poder definir uma constante: uma última e indestrutível atração por alguma coisa que vive no movimento e da qual não consigo desligar-me. Venho para procurar a única coisa de que tenho mesmo saudades».

Por isso peçamos, amigos, que cada um de nós seja de novo alcançado, qualquer que seja a situação em que se encontra, pelo olhar do Senhor, por esta preferência que o fez renascer, para que possa experimentar o quanto é preciosa a sua vida e que não está condenado a vê-la resvalar no nada.

Peçamos, portanto, para sermos mais uma vez revestidos daquela preferência última que o nosso ser espera: «Tu és precioso a meus olhos»;²⁵ tu, não um outro, não alguém diferente de ti; tu, agora, tal como és, não quando mudares. Agora! Não estás condenado a resvalar no nada! Tão precioso és a Seus olhos.

O instrumento do empenho que te pedimos nestes dias é o silêncio. Por isso, ajudemo-nos uns aos outros com a nossa seriedade, em primeiro lugar respeitando o silêncio. Com efeito, dizia Dom Giussani: «Façamos praticamente um dia inteiro, ou pouco mais, juntos para um momento de maior verdade da nossa vida. Fizemos tantos sacrifícios, muitos entre vocês fizeram mesmo grandes sacrifícios para vir; procuremos retirar disso a maior vantagem possível, procuremos conseguir a alegria de um momento de familiaridade com o Senhor mais completo até do que os melhores dias do nosso ano. É um compromisso [...] que devemos assumir, que assegure um resultado verdadeiramente bom [...]». O instrumento para este compro-

²⁵ Is 43,4.

misso é o silêncio. [...] O silêncio, com efeito, não é um nada, [...] é uma oração, é a consciência de estarmos diante de Deus, [...] é um pedido». Por isso, «também os livros que nos são propostos se podem comprar em silêncio»,²⁶ sustentando-nos na experiência. «Recomendamos o silêncio acima de tudo nas deslocações; que o silêncio absoluto seja depois conservado enquanto se entra no salão onde a memória será facilitada com a música que vamos ouvir e as imagens que vamos ver; ficaremos assim dispostos a ver, a ouvir, a sentir com a cabeça e com o coração aquilo que, de algum modo, Deus nos proporá». Porque «aquilo que fazemos juntos neste dia e meio não é senão um dos aspetos do grande gesto amoroso com que o Senhor – ainda que não te apercebas disso – impele a tua vida [e a minha] para o Destino que Ele é».²⁷

O silêncio, portanto, é para olharmos bem para estas coisas (quando uma pessoa tem uma úlcera no estômago, não a resolve pelo simples facto de não pensar nela, continua ainda assim com ela, e o não encarar o problema só torna a sua vida mais pesada, mais insuportável).

Temos a possibilidade de estarmos juntos, de podermos olhar para tudo sem medo, como os publicanos que iam ter com Jesus porque com Ele podiam ser eles próprios, não tinham necessidade de estarem à altura, eram abraçados tal como eram.

O silêncio – pelo menos uma vez no ano deixemo-lo entrar em nós até ao nosso âmago! –, a oração, o canto, as indicações que daremos não são diretivas formais, mas sugestões para que todos vivamos este gesto com a seriedade que a vida exige.

Podemos viver à grande, amigos, mas é preciso querê-lo.

²⁶ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Bur, Milão 2018, pp. 211-213.

²⁷ L. Giussani, *Dare la vita per l'opera di un Altro*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rimini 8-10 de maio de 1992, supl. a *CL-Litterae Communionis*, junho de 1992, p. 5.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Jer 20,10-13; Sal 17 (18); Jo 10,31-42

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Se formos leais, temos de reconhecer que, na nossa vida, também nos acontece apanhar pedras para lapidar Jesus: as pedras do orgulho, da nostalgia amarga, da instintividade, da maledicência. Cada um de nós sabe bem reconhecer esta possibilidade diante do olhar de Cristo que exprime a Sua relação com o Pai. É este o escândalo: este homem é o Filho, é o Filho do Pai, do nosso Destino.

Temos diante de nós a possibilidade de resistir com as nossas razões – as “nossas” razões – ou a de reviver a experiência daqueles que foram à Sua procura. Muitos foram ter com Ele, como nós esta noite. Reviver aquela mesma experiência a partir do reconhecimento da obra maior do Pai, através d’Ele, ou seja, o nosso coração como sede de felicidade, em qualquer circunstância possível, em qualquer provação, em qualquer desilusão, o coração como sede ardente da felicidade de poder encontrar aquela Beleza, como acabou de ser dito.

Se estamos aqui é para encontrar e reconhecer este olhar, este rosto, o rosto humano da misericórdia do Pai que nos atrai a si e nos espera.

Sábado, 13 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Ludwig van Beethoven, Quarteto para cordas em lá menor, op. 132

Quarteto Italiano

“Spirto Gentil” n. 49, Decca

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5,8)

Diante da pergunta «O que é que resiste ao impacto do tempo?», a resposta não pode ser os nossos sentimentos ou os nossos estados de alma, os nossos pensamentos ou os nossos argumentos, que «já não prendem ninguém».²⁸ Por isso, encaremos de frente a nossa pergunta! Nós não temos medo nenhum de levar a sério as perguntas mais desafiadoras que podem surgir na vida: não queremos virar-nos para o outro lado, não queremos contentar-nos com consolos baratos, queremos ser homens e mulheres capazes de olhar para tudo.

Uma universitária, num encontro de responsáveis, fez-me uma pergunta de forma direta que nos faz perceber o problema: «No passado fim de semana fizemos um encontro de dois dias para receber novos alunos, que foi muito bonito para mim e aconteceu num momento muito complicado. Dei-me conta de que no final do encontro estava diferente. O ponto é que, de volta a casa, bastaram vinte minutos, aconteceu uma coisa sem importância e voltei ao meu nervosismo, como se aquela coisa que me tinha mudado, a beleza que acontecera naqueles dois dias, não resistisse. Por isso, a minha pergunta é: o que é que aconteceu ali e o que é que, depois, resiste na vida quotidiana?».

Podemos dizer, esquematizando ao máximo, para esclarecer de maneira muito simples, que a situação em que muitas vezes nos encontramos é esta: nós vimos de uma experiência A (neste caso, um momento muito complicado) e acontece B (aquela rapariga vai para o encontro e acontece alguma

²⁸ Cf. H.U. von Balthasar, *La percezione della forma. Gloria. Una estetica teologica*, vol. I, Jaca Book, Milão 1975, p. 11.

coisa que a move, que a torna diferente), mas pouco tempo depois, como se nada tivesse acontecido, como se B não tivesse existido, voltamos a A e voltamos ao princípio. Parece que o que nos aconteceu desaparece, não tem forças para durar, para atravessar o tempo, para continuar a mudar-nos.

Talvez a descrição da estudante universitária seja uma descrição um pouco *naïf*, mas a substância é a mesma daquilo que Dom Giussani nos dizia no início do ano: acontece-nos uma novidade radical – imprevista, imprevisível –, um encontro sem comparação, uma beleza que nos muda, mas depois parece-nos que aquele acontecimento está confinado a um momento, como uma onda do mar que, depois de ter tocado na praia, se retira e tudo volta a ser como dantes: somos tentados a remeter o que nos aconteceu à nossa experiência antecedente, à nossa sabedoria antecedente.²⁹

Este é o nosso drama. Então vamos enfrentá-lo, como fez aquela rapariga de modo tão franco! Quais são os factores envolvidos neste aparente desaparecimento, recuo, da novidade que nos aconteceu? Por que é que vivemos esta desconfiança e esta oscilação?

1. Alguma coisa «da qual não se volta atrás»

Para encarar a pergunta feita, «O que é que resiste ao impacto do tempo?», a primeira coisa a fazer é olhar para a nossa experiência.

A frase de Kierkegaard – citada ontem à noite – oferece-nos o critério para intercalar a resposta. «Eis o importante na vida: ter visto uma vez alguma coisa, ter ouvido uma coisa tão grande, tão magnífica que qualquer outra seja um nada em comparação com ela e ainda que nos esquecêssemos de tudo o resto, daquela nunca mais nos esqueceríamos».³⁰

Aconteceu alguma coisa na nossa vida que nunca mais esquecemos, uma coisa tão grande, tão magnífica, que se revelou capaz de desafiar o tempo, os nossos estados de alma, as circunstâncias, e de nos acompanhar até nos momentos mais dramáticos da vida? Como dizia uma das cartas de ontem à noite: «Por que é que eu venho [ainda]? Venho [...] por uma última e indestrutível atração por alguma coisa que vive no movimento e da qual não consigo desligar-me. Venho para procurar a única coisa de que tenho mesmo saudades».

Esta duração, esta resistência – a indestrutibilidade da atração graças à qual o nosso amigo veio aqui –, é o «sinal» que nos faz perceber o alcance daquilo que nos aconteceu.

²⁹ Cf. L. Giussani, J. Carrón, “*Vivo*” quer dizer presente!, op. cit., p. 6.

³⁰ S. Kierkegaard, *Diário. I (1834-1849)*, op. cit., p. 239.

«Uma eterna miséria persegue aquele que cada dia vive, se não encontrar um amor que perdure todos os dias»,³¹ diz Hugo de São Vítor.

a) *O encontro*

O primeiro indício de uma resposta à nossa pergunta, seguindo o critério oferecido por Kierkegaard, está contido no próprio facto de estarmos aqui. Se estamos aqui, de facto – como o amigo mencionado – é porque nos deparámos com pessoas que nos fizeram experimentar uma preferência única, totalmente gratuita, e que nos permitiram experimentar uma plenitude, uma vibração humana que nos elevou, fez-nos ser nós mesmos, tirou-nos o medo e encheu-nos de esperança e de alegria. Aconteceu um encontro em que tivemos pelo menos o pressentimento de alguma coisa de novo, de diferente, que fez vir ao de cima aquilo que somos de verdade.

É esta a experiência que vivemos. O amor que Deus me dirigiu através de certos rostos «faz de mim o que eu sou na verdade e [...] também me torna único»,³² dizia von Balthasar. Poderias ser cem vezes mais frágil, mais inconsistente, mais autoconsciente do que és, mas há alguém que te faz experimentar esta preferência absolutamente gratuita: «Tu és precioso a meus olhos».

É evidente, é de uma evidência sem comparação: nós estamos aqui porque, para usar novamente as palavras da Jornada de Início de Ano, fomos alcançados – cada um nas suas circunstâncias particulares – por uma presença carregada de proposta, de sentido para a vida, e ao mesmo tempo cheio de afeto por nós mesmos, de escolha, de preferência.³³ Vimos um tipo de relação diferente entre as pessoas, um modo mais humano de lidar umas com as outras, uma «convivência», uma «vida» que tinha em si uma novidade, uma promessa que nos encheu de espanto; fomos atraídos, aproximámo-nos, ficámos curiosos.

O início de tudo foi «o *encontro* com um facto objetivo [...], cuja realidade existencial é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunidade na qual a voz humana da autoridade, manifestada nos seus juízos

³¹ Hugo de São Vítor, *De arra anime. L'inizio del dono*, Glossa, Milão 2000, p. 13.

³² H.U. von Balthasar, «Significato dell'antica Alleanza», em H.U. von Balthasar-L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, Jaca Book, Milão 2017, p. 38.

³³ « Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres; não creram porque Cristo citava os profetas; não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. [...] Creram por uma presença. Não uma presença imberbe ou indistinta, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso [...]. Uma presença carregada de proposta é, então, uma presença carregada de significado» (L. Giussani, J. Carón, *“Vivo” quer dizer presente!*, op. cit., p. 5).

e diretrizes, constitui critério e forma. Não existe nenhuma versão da experiência cristã, por muito íntima que seja, que não implique, pelo menos em última instância, este encontro com a comunidade e esta referência à autoridade».³⁴

Pode ter sido o encontro com uma comunidade cristã viva ou com uma pessoa que ilustrava aos nossos olhos uma perceptível vida diferente,³⁵ mas aconteceu-nos um encontro que nos atraiu e que – como diz Kierkegaard – não conseguimos esquecer, não conseguimos eliminar (não podíamos arrancá-lo de nós, mesmo se o quiséssemos).

Escreveu-me uma universitária: «Por natureza sempre gostei de refúgios, de jogar pelo seguro, da tranquilidade das minhas quatro paredes, de um estudo vivido como uma fuga do mundo. Podemos pensar o quanto quisermos que a vida nos traz desgostos, por comodismo, e que não existem motivos para nos empenharmos, mas só o podemos fazer até termos a graça de estar diante de pessoas que vivem cheias de razões, cheias de gosto e de significado [É isto que faz a diferença; e uma vez que o viste, tudo é diferente]. Para mim, conhecer o movimento significou isto: foi o encontro com pessoas duma humanidade fulgurante, que uma vez conhecidas não te deixam em paz, atormentam-te, são capazes de fazer com que volte uma certa inquietação pela tua vida tão maltratada». O encontro, portanto, introduziu na sua vida uma afeição por si que ela não conseguia ter. E, uma vez conhecida esta humanidade diferente, não pode deixar de sentir uma inquietação pela sua própria vida. Mas depois acrescenta: «Por isso tenho medo quando um destes meus amigos me escreve e me procura, porque sei que uma só hora com eles poria em discussão todas as minhas posições, faria nascer em mim aquela sensação agora muito identificável de quando olhas para alguma coisa enorme e bonita e sentes que poderia ser também tua». É impressionante! A resistência – disse-nos tantas vezes Giussani – é à beleza.³⁶ Nós temos medo da beleza do que vimos. A carta continua: «Claro, o meu medo continua o mesmo. E, no entanto, esqueci-me de muita coisa, mas não daqueles olhos com que fui olhada, porque ali já estava todo o bem que me seria oferecido nos anos seguintes e que insistentemente volta a procurar-me, a recuperar-me com uma fidelidade que ultrapassa toda a lógica e que é a única e última barreira à tentação de viver passivamente».

³⁴ L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 129.

³⁵ Cf. L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, pp. 24-26.

³⁶ Cf. L. Giussani, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, pp. 66-67.

O encontro com um fenómeno de humanidade diferente: foi assim que tudo começou. Como João e André, nós encontrámo-nos diante de uma presença excepcional carregada de proposta, carregada de significado para a vida.³⁷

b) O significado do encontro

Mas para isso não basta que o facto aconteça. Precisamos de perceber o seu significado. Caso contrário, como muitas vezes acontece, voltamos à sabedoria anterior, ao nosso modo habitual de olhar, à mentalidade de todos. Eis então que começa a vir à superfície o ponto: quando voltamos a A depois de termos visto B, pensando que tudo desapareceu, é porque não compreendemos o alcance do que nos aconteceu. De facto, para ganhar realmente alguma coisa com a nossa experiência, precisamos de perceber o seu significado.

Isto é válido para tudo: «O que caracteriza a experiência é o *perceber*, o descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas».³⁸ Uma realidade nunca é verdadeiramente afirmada, agarrada, se não se afirmar o seu significado.

Eis o que escreve uma de vocês:

«Nos últimos seis meses, tenho-me sentido esmagada por uma grande mudança que revirou completamente a minha vida, gerando em mim uma dor gigantesca. O que me deixava mais desorientada era que esta dor tinha origem numa das coisas mais bonitas que já me tinha acontecido; em suma, era um grande paradoxo. Consequentemente, não conseguindo encontrar respostas de significado para o que me tinha acontecido, ao longo dos meses amadureci, gradualmente e quase sem me aperceber, uma sensação de total niilismo, apatia e ausência de significado. Um dia, uma grande amiga minha convidou-me para participar na Escola de Comunidade. Fui durante alguns meses, sem um motivo particular, mas continuava a ir. E dei-me conta de que a Escola da Comunidade dizia uma verdade absoluta sobre a minha vida, e também me mostrava um caminho para as coisas que pareciam preparadas para mim, que me fariam mais feliz. É como se me tivessem aberto os olhos. Pela primeira vez, dei-me conta de que seguia coisas que aos meus olhos pareciam ser cómodas, atraentes e cheias de promessas, mas que na realidade, depois, se revelavam fechadas em si mesmas.

³⁷ «O primeiro capítulo do Evangelho de João ilustra a forma muito simples e profunda com que o cristianismo surgiu na história: um acontecimento humano, o encontro com o facto de uma presença excepcional» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 11-12).

³⁸ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 126.

Mas eu seguia-as porque estava anestesiada pela mentalidade mundana de hoje, e portanto não me colocava muitas questões. Nos últimos meses, tinha começado a desejar coisas que, pelo contrário, resistissem diante das adversidades da vida, que não fossem privadas de significado, e rostos verdadeiros. E graças a Deus, encontrei o movimento. Diante desta tomada de consciência, senti-me pela primeira vez como se estivesse cheia e plenamente feliz, mas de uma felicidade duradoura e não circunscrita à tarde da Escola de Comunidade. É evidente que Alguém sabe melhor do que eu aquilo que o meu coração deseja e planeou tudo para que eu possa viver à altura das minhas perguntas».

Devemos então dar-mo-nos conta do facto que aconteceu, da sua natureza, porque se não compreendermos plenamente a sua diversidade, a razão da sua diferença, tratamo-lo como se fosse uma coisa qualquer das que acontecem na vida, que prometem muito e depois desiludem porque acabam, como se o cristianismo fosse um entre muitos no Panteão da mentalidade de todos, uma das muitas tentativas destinadas a fracassar.

Não é óbvio entendermos o alcance de uma coisa que vivemos. Vemos isso no facto de que o acontecimento que vivemos não determina a autoconsciência e a ação: não há crescimento da consciência, não há crescimento do eu, o encontro não se torna determinante para a nossa relação com a realidade. Por isso, continuamos a partir do A em vez de partir de B. Como quando um rapaz resolve um problema de matemática por acaso, sem ter percebido o porquê: na vez seguinte, ele não encara o novo problema com um aumento de conhecimento e encontra-se no mesmo ponto de antes. Ter resolvido o problema por acaso, sem perceber porquê, não lhe serviu de nada. É assim na vida: podem acontecer-nos factos sensacionais e nós não aprendemos nada. Se um facto – por mais sensacional que seja – não for compreendido no seu significado, e não conseguir determinar a nossa autoconsciência, não serve para nada. Pensem nos nove leprosos curados por Jesus, ou nos escribas diante do cego que Ele curara.

Pelo contrário, como tudo é diferente quando percebemos o alcance de alguma coisa que entra na nossa vida!

Dou um exemplo para ajudar a esclarecer. Foi um episódio que aconteceu a Giussani. Ouvindo *A Favorita* de Donizetti, no liceu clássico, aconteceu-lhe alguma coisa que ficou nele, e quando conta isto muitos anos depois, vê-se ainda que ficou marcado. «Quando o fantástico tenor entoou “*Spirto gentil, ne’ sogni miei...*”, quando vibrou a primeiríssima nota eu intuí, estremeendo, que aquilo a que se chama “Deus” – quer dizer, o Destino inevitável para o qual um homem nasce – é o termo da exigência de felicidade,

é aquela felicidade da qual o coração é insuprimível exigência». ³⁹ Naquele momento, ouvindo aquelas notas e aquelas palavras, Giussani intuiu alguma coisa que na manhã seguinte não desapareceu, teve uma percepção tão nítida, tão única, tão evidente daquela “coisa” que, desde então, não pôde mais viver sem ser determinado por aquele instante e aquela descoberta.

Há momentos, encontros, factos que são diferentes de todos os outros: são factos e momentos da vida que têm uma força incomparável. E não graças ao seu clamor, mas graças à força que têm para despertar todo o nosso eu, por aquilo que de decisivo trazem à nossa vida.

Descreve-o Giussani, de modo fascinante e realista: «Pode ter sido um momento breve e subtil, no qual tivemos o pressentimento de uma promessa para a vida, o que nos conduziu até aqui, sem uma consciência clamorosa, sem uma clamorosa crítica. Mas houve um dia na vossa vida em que se deu um encontro que continha todo o significado, todo o valor, tudo o que é desejável, tudo o que é justo, tudo o que é belo e tudo o que é amável». ⁴⁰

Estes momentos únicos fazem-nos descobrir alguma coisa que dura, alguma coisa que tem a marca inconfundível da verdade. Falando do encontro, Dom Giussani observa: «Por vezes aparece como “um clarão na noite”, mas este fugaz aparecimento deixa-nos igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, “uma coisa que tem qualquer coisa dentro”». ⁴¹

Para ver esta «qualquer coisa» que a coisa em que embatemos tem dentro de si (a tal pessoa, a tal comunidade, o «facto objetivo») não é necessário uma especial inteligência nossa, como às vezes pensamos; é necessário apenas responder à exaltação da «capacidade cognitiva da consciência» que o próprio facto provoca, gera, adequando «a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que a provoca». ⁴² Podemos entendê-lo por analogia com muitas das nossas experiências: os encontros com determinadas pessoas abrem-nos os olhos, permitindo-nos ver com mais clareza, com mais profundidade, a realidade das coisas.

Mas em que consiste, de que é feito este “responder”? Ele coincide com uma pureza de coração.

Pensemos no *Inominado*, tal como Manzoni no-lo apresenta. Tinha orientado a sua vida numa determinada maneira, tinha feito as suas escolhas, tinha tomado a sua posição em relação ao cristianismo, tinha visto muitas vezes as pessoas irem à igreja sem ser minimamente tocado por isso.

³⁹ L. Giussani, «Quel che cerchi c'è», em *Spirito Gentil. Un invito all'ascolto della grande musica guidata da Luigi Giussani*, organização de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011, p. 11.

⁴⁰ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, Bur, Milão 2009, p. 426.

⁴¹ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 127.

⁴² L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 130.

Mas, num momento particular da sua vida, em que o aguilhão da inquietação começava a fazer-se sentir, quando ouviu da sala do seu castelo todas as pessoas que, em festa, iam ao encontro do cardeal Federigo Borromeo, algo se agitou nele, deixou-se atrair pela alegria delas e juntou-se a elas. Quando se encontrou diante do cardeal e foi revestido pelo seu olhar, agarrado pelo seu abraço, o seu coração cedeu: respondeu à força daquele olhar, ao calor daquela ternura inesperada. «O *Inominado* – diz Manzoni –, soltando-se daquele abraço, cobriu de novo os olhos com a mão e, levantando ao mesmo tempo a cabeça, exclamou: “Deus na verdade é grande! Deus na verdade é bom! Agora eu conheço-me”». ⁴³ O olhar do cardeal, como o de Jesus a Zaqueu, liberta-o da presunção, volta a dar-lhe uma consciência verdadeira de si e escancara nele a pobreza de espírito. No final da sua conversa, o cardeal dirige-se ao *Inominado*: «Não julgueis que me contento com esta visita por hoje», e pergunta-lhe: «Voltareis cá, na companhia deste honrado eclesiástico, não é verdade?». «Se voltarei?!», pergunta-se o *Inominado* espantado. E aqui explode toda a consciência nova de si, toda a pobreza do coração: «Mesmo que vos recusásseis a receber-me, eu ficaria obstinado à vossa porta, como um pobre mendigo. Preciso de falar convosco! Preciso de vos ouvir, [preciso] de vos ver! Preciso de vós!». ⁴⁴ Vê-se o que lhe aconteceu pelo desejo que jorrou nele de ir outra vez ao seu encontro.

Perguntemo-nos: mas quem é o nosso cardeal, o cardeal de cada um, o cardeal que torna cada um de nós verdadeiramente ele mesmo, que o escancara, sem o qual não pode viver? Jesus, com efeito, não é uma abstração, não é um mero nome; Jesus está vivo, presente, alcança-nos agora através da precariedade de uma carne, através de um olhar e um abraço reais, determinados. «“Vivo” quer dizer presente!», gritámos na Jornada de Início de ano. Só um presente é que pode tornar-nos pobres. Não precisamos de uma organização, não precisamos de uma estratégia, precisamos de alguém que nos devolva a nós mesmos. Tem de acontecer diante de nós alguém que nos faça pobres, que nos permita ver aquilo que temos diante do nariz e não vemos.

É preciso tornarmo-nos conscientes donexo essencial entre conhecimento e pobreza. «Pode compreender-se, então, que os Padres da Igreja tenham considerado como a fórmula fundamental da consciência religiosa em geral, uma frase do discurso da montanha: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Aqui é uma questão de “ver”. A possibilidade de “ver” Deus, ou seja, de modo geral, percebê-lo, depende – diz Ratzinger – da purificação do coração, com a qual se percebe um processo

⁴³ A. Manzoni, *Os noivos*, Paulinas Editora, Lisboa 2015, p. 425.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 429-430.

global no qual o homem se torna transparente, não fica bloqueado em si, mas aprende o dom gratuito de si e torna-se, portanto, um vidente».⁴⁵

Disse-o e testemunhou-o Dom Giussani diante de toda a Igreja em 1998, na Praça de São Pedro: «É uma simplicidade de coração a que me fazia sentir e reconhecer como excepcional Cristo, com aquela imediatez certa, como acontece com a evidência inatacável e indestrutível dos factores e momentos da realidade que, entrando no horizonte da nossa pessoa, tocam-nos até ao coração».⁴⁶

Esta simplicidade de coração, pela qual o homem se deixa escancarar pela realidade única que tem diante de si, é o que nos permite ver a evidência inatacável. «Toda a existência de um cristão, pode-se dizer, tem precisamente este objetivo: tornar-se simples».⁴⁷ Só esta disponibilidade para nos deixarmos escancarar totalmente pelo acontecimento do encontro é que nos permite perceber de forma adequada o seu significado.⁴⁸

c) *Consciência da correspondência*

Como é que aderimos, nos apegámos àquele encontro que, em última instância, nos trouxe aqui hoje? Por que é que nunca mais o esquecemos? Pela experiência de uma correspondência incomparável com as exigências profundas do nosso coração que a presença encontrada tornou possível.

Tal como foi para João e André com Jesus: eles encontraram-se diante de uma presença excepcional, isto é, finalmente correspondente ao coração. Com Ele, havia uma correspondência nunca imaginada, inimaginável, nunca experimentada com o coração. Por isso, foi fácil reconhecê-lo no seu valor único e incomparável, «divino».⁴⁹ «Quem embatia n'Ele nunca mais se ia embora – e este é precisamente o sinal da correspondência experimentada. O encontro é o embater numa tal e excepcional presença».⁵⁰ Excepcional, ou

⁴⁵ J. Ratzinger, *Elementi di teologia fondamentale. Saggi sulla fede e sul ministero*, Morcelliana, Brescia 2005, p. 90. «Aderir a Deus não é mais do que ver a Deus, o que, com uma singular felicidade, só é concedido aos puros de coração. Um coração puro era o que tinha David, que dizia a Deus: “A ti se prende a minha alma”; e ainda: “O meu bem é estar próximo de Deus”» (São Bernardo, *Sermone sul Cantico dei Cantici*, primeira parte, Città Nuova, Roma 2006, pp. 95-97).

⁴⁶ L. Giussani, «Testimonianza durante l'incontro del Santo Padre Giovanni Paolo II con i movimenti ecclesiali e le nuove comunità», in L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. IV.

⁴⁷ I. Silone, *L'avventura d'un povero cristiano*, Arnoldo Mondadori Editore, Milão 1968, p. 126.

⁴⁸ «Deus honra a sua criatura razoável predispondo-a a aceitar o dom que Ele faz de si mesmo. Essa faculdade de aceitação, também ela dada, é a própria essência da razão» (F. Varillon, *L'umiltà di Dio*, Qiqajon, Magnano (Bi) 1999, p. 45).

⁴⁹ Cf. L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 10.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 26.

seja, divina. Também connosco, dois mil anos depois, acontece a mesma coisa: o divino passa através dum rosto efêmero – «uma coisa que tem alguma coisa» –. Aquela «alguma coisa» que passa através de algo de efêmero é o que resiste, permanece, porque é divino. Por isso, se não captarmos a natureza da presença encontrada, acabaremos por trocá-la por qualquer outra.

É esta a passagem que temos que ver bem.

A questão é dar-mos conta do conteúdo e da origem da diferença em que embatemos e graças à qual estamos aqui. Talvez noutros momentos pudessemos termo-nos safado sem chegar a este ponto, sem a necessidade de reconhecer a natureza desta evidência inatacável que entrou na nossa vida, mas no caos de hoje, em que tudo está em discussão, não conseguiremos permanecer cristãos por muito tempo, a não ser por uma evidência reconhecida no seu significado permanente. Em 68, Dom Giussani dizia: «Agora já não pode ser aceite de forma passiva, os tempos não nos permitem isso».⁵¹

Eu sou um entusiasta de estar a viver neste momento histórico, com todas as dificuldades que isso implica. Falo por mim, não quero poupar-me a estas dificuldades, porque não me basta viver na ilusão (como numa bolha), achando que tudo está bem, fechando-me numa *comfort zone* e vindo aqui todos os anos com os amigos para ter um momento de alguma paz; seria inútil para a vida.

Ainda bem que somos desafiados por esta confusão toda, pelo ceticismo que nos rodeia, pelo niilismo graças ao qual nada parece durar! Sim, porque assim podemos compreender, a partir da nossa experiência, talvez como nunca ninguém na história que nos precedeu pôde fazer, a diferença do cristianismo. É como quando uma pessoa vê que nenhuma relação resiste e, de repente, se encontra diante de uma relação que, pelo contrário, resiste, diante de alguém que lhe quer verdadeiramente bem, e então pensa: «Ei, isto é diferente!». É fácilimo, naquele momento, reconhecer a diferença.

É precisamente porque não nos damos conta desta «qualquer coisa» – que tem a marca inconfundível da verdade – que voltamos a A depois de termos visto B: não é por causa da nossa fragilidade, mas por causa da falta de um reconhecimento. Aqui, a nossa fragilidade não tem nada a ver. Aquilo que eu apresentei não é um problema de coerência ética, é um problema de razão, de simplicidade de coração. «É em ti que as coisas devem ser claras»,⁵² escrevia Etty Hillesum no seu *Diário*.

⁵¹ L. Giussani, J. Carrón, “*Vivo*” quer dizer presente!, op. cit., p. 8.

⁵² E. Hillesum, *Diário. 1941-1943*, Adelphi, Milão 1985, p. 57.

2. O desafio do reconhecimento

Através de encontros concretos e determinados, nós não somos apenas alcançados pelo mesmo acontecimento de há dois mil anos. Somos também envolvidos na mesma experiência, desafiados a realizar o mesmo percurso, a viver o mesmo reconhecimento. Num conto seu, intitulado *O estudante*, Tchekhov descreve de forma sugestiva o nexó entre o acontecimento inicial e o acontecimento presente, entre a experiência de Pedro – e dos primeiros – e a nossa experiência.

Regressando da caça, numa noite fria e escura, Ivan, um jovem estudante, encontra hospitalidade em casa de duas viúvas, mãe e filha, que se aquecem junto do lume. Junta-se a elas e põe-se a falar da paixão de Jesus, da última ceia, da angústia experimentada por Jesus no horto das oliveiras, da traição de Judas, da negação de Pedro, do canto do galo e do momento em que Pedro «caiu em si, saiu do pátio e chorou amargamente». Ele dá-se conta que neste momento uma das duas, a mãe, Vasilisa, começa a soluçar e a filha é tomada por uma grande dor. Escreve Tchekhov:

«O estudante desejou as boas-noites às viúvas e foi-se embora. [...] O estudante pensava em Vasilisa: tinha-se posto a chorar, então isso queria dizer que tudo o que tinha acontecido a Pedro naquela noite terrível tinha uma qualquer relação com ela... [...] se Vasilisa tinha chorado e a sua filha tinha ficado confusa, evidentemente aquilo que tinha acabado de contar, que tinha acontecido dezanove séculos antes, tinha relação com o presente, com ambas as mulheres e, verosimilmente, com aquela aldeia deserta, com ele próprio, com todas as pessoas. Se a velha se tinha posto a chorar, não era porque ele fosse capaz de contar de forma comovente, mas porque tinha afinidade com Pedro e porque ela, com todo o seu ser, estava interessada naquilo que tinha acontecido na alma de Pedro. E de repente, a alegria agitou a sua alma, e até se deteve por um momento para inspirar. O passado, pensava, está ligado ao presente por uma cadeia ininterrupta de eventos que descendem uns dos outros. E parecia-lhe ter apenas visto as duas pontas dessa cadeia: como tinha tocado numa ponta, a outra tinha começado logo a tremer. E enquanto voltava a atravessar o rio na jangada [...], pensou que a verdade e a beleza que tinham movido a vida humana ali, no jardim e no pátio do sumo sacerdote, se estendiam sem solução de continuidade até hoje e, evidentemente, tinham sempre constituído o fulcro da vida humana e da vida sobre a terra em geral; e um sentimento de juventude, de saúde, de força – tinha só vinte e dois anos – e a espera inexprimivelmente doce da felicidade, de uma felicidade inaudita, misteriosa, estava a apoderar-se

dele pouco a pouco, e a vida parecia-lhe entusiasmante, maravilhosa e profundamente cheia de sentido».⁵³

É surpreendente o nexu intuído por Tchekhov: «Se a velha se tinha posto a chorar [...] era porque [...] tinha afinidade com Pedro e porque ela, com todo o seu ser, estava interessada naquilo que tinha acontecido na alma de Pedro».

Nós estamos aqui pela mesma experiência dos primeiros que encontraram Jesus. Nós somos desafiados, como eles, a reconhecer a natureza do encontro que nos aconteceu, da presença que nos revestiu. Aliás, também aos primeiros não foi poupado este desafio. O caminho deles indica-nos a estrada a percorrer também hoje. Regressemos, por isso, ao momento em que o desafio foi tão grande que os obrigou a reconhecer a diferença que tinham diante de si.

Numa certa ocasião – no dia em que tinha multiplicado os pães e os peixes e a multidão queria fazê-lo rei –, Jesus tinha dito diante de todos coisas que tinham provocado escândalo e que nem mesmo os discípulos eram capazes de perceber: «O silêncio era grande. Jesus toma a iniciativa de rompê-lo: “Vós também vos quereis ir embora?”. Foi então que Pedro, com a sua veemência, irrompeu com a frase que resume toda a experiência de certeza que eles tinham: “Senhor, nós também não compreendemos o que dizes, mas se formos embora, a quem iremos? Só tu tens palavras que explicam, que dão sentido à vida”. [...] Aquela atitude é [...] profundamente racional», porque – continua Giussani – «com base na convivência com a excepcionalidade do ser e das atitudes de Jesus, aquele grupinho não poderia deixar de confiar nas suas palavras. Deveriam negar uma evidência [tal como nós teremos de negar uma evidência] mais persuasiva que os seus próprios olhos: “Se eu não posso acreditar neste homem não posso acreditar em mais nada”. A contínua reiteração dessa impressão de excepcionalidade, proporcionada pela convivência, determinava um juízo racionalmente palusível sobre a confiança n’Ele».⁵⁴ Um juízo como aquele de quem, após anos de convivência com a sua mãe, se teve com ela um relacionamento normal, diz: «Aconteça o que acontecer, posso estar irritado, triste, posso mudar de humor, pode cair o mundo todo, mas eu não posso negar que a minha mãe me quer bem». A convivência leva-o a um juízo que pode desafiar qualquer humor.

«O juízo exige que se enfrente a experiência incluindo nesta o tempo da sua “duração”».⁵⁵ Nós precisamos deste tempo para alcançar a certeza. E

⁵³ A. Tchekhov, «Lo studente», em Id., *Racconti*, vol. II, Oscar Mondadori, Milão 1996, pp. 944-945.

⁵⁴ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 75.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 76.

esta é a dramaticidade da vida. Jesus trata-nos como adultos: «Também se querem ir embora?». Pelo contrário, nós muitas vezes queríamos que Ele viesse tirar-nos das dificuldades, que decidisse em vez de nós.

«Por isso, para responder à pergunta de amigos e inimigos: “Mas então, quem és tu?” [o que é esta “qualquer coisa” que há em ti e que não conseguimos definir?], Jesus esperou que o tempo fizesse com que os discípulos se tornassem mais seguros da sua ligação [que crescesse a certeza da razão por que estavam ligados a Ele] e os inimigos mais pertinazes na sua hostilidade. Ou seja, Jesus esclareceu o seu mistério quando os homens já estavam definitivamente assentes no seu reconhecimento ou no seu “desconhecimento”».⁵⁶

Jesus não quer forçar as coisas, nem impor-se: espera que a nossa liberdade ceda e se prenda conscientemente a Ele. Sabe bem que, sem que a nossa liberdade seja implicada, o reconhecimento da Sua presença nunca se tornará verdadeiramente nosso. Por isso, não tem pressa, não quer forçar os tempos, mas deixa espaço à nossa liberdade e espera que, em nós, o reconhecimento d’Ele cresça e amadureça.

Uma vez que a razão é afirmar a realidade na totalidade dos seus factores, não podemos iludir a questão sobre a origem da diferença que veio ao nosso encontro. Se os frutos que vemos, em termos de humanidade e de intensidade de vida, são de tal ordem que marcam um corte com tudo aquilo que nos rodeia, então nós estamos perante uma alternativa: ou estes frutos podem ser explicados, de forma exaustiva, com as capacidades especiais das pessoas que os ilustram, ou, uma vez que se trata de pessoas como nós, frágeis como nós, que erram como nós, estes frutos revelam, demonstram alguma coisa mais do que as capacidades delas, alguma coisa mais que opera nelas («Pelo fruto se conhece a árvore»⁵⁷).

O que é esta «qualquer coisa de diferente», a minha razão não consegue dizer, definir, mas – diz Dom Giussani – «não posso não admitir que está. [...] Porque há um factor aqui dentro, um factor que determina esta companhia, certos resultados desta companhia, certas ressonâncias nesta companhia. E é um factor tão surpreendente que, se não afirmo que há alguma coisa de diferente, não estou a dar razão da experiência [que faço], porque a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os factores que a constituem, todos os factores».⁵⁸

Fiquei recentemente surpreendido com Mikel Azurmendi, um amigo nosso que conhecemos há dois anos. Sociólogo, professor do País Basco,

⁵⁶ *Ivi.*

⁵⁷ Cf. L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 257ss.

⁵⁸ L. Giussani, *É possível viver assim?, Vol. II, Esperança*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 96.

espantado com aquilo que via, foi tão leal com o choque provocado por aquilo de que se apercebeu que passou dois anos a visitar todas as nossas comunidades espanholas, as férias, as caritativas, as escolas, porque queria perceber. É como se Azurmendi nos voltasse a dar aquilo que nós, tantas vezes, já não vemos. Chega ao EncuentroMadrid e depois de apenas dez minutos, olhando para a forma diferente de nos tratarmos, de estarmos juntos, «alguns ecos desta companhia», declara: «Aqui está a acontecer alguma coisa». Não pode olhar para tudo isto sem reconhecer que ali, naquela forma de estarmos juntos, de nos tratarmos, de nos olharmos, de nos interessarmos por tudo, há alguma coisa de diferente, que o leva depois a afirmar – a partir do que lhe tinha sido dito há tanto tempo; de facto, em jovem tinha estado no seminário –: «É Ele. Só o divino pode estar na origem de tudo isto».

A mudança do humano em que Mikel, tal como cada um de nós, embateu é o maior milagre. «O milagre pode ser definido como um acontecimento e, por isso, como um facto experimentável, através do qual Deus força o homem a reparar n'Ele, e nos valores de que quer fazê-lo participar, através dos quais Deus reclama a atenção do homem para que este se dê conta da Sua Realidade. Ou seja, é um modo com o qual Ele impõe sensivelmente a sua Presença».⁵⁹ Não se trata de alguma coisa imaginada por nós e que, um instante depois, desaparece.

É precisamente diante do milagre – do milagre de uma humanidade diferente, mais completa – que vem ao de cima a nossa posição e se desencadeia a luta entre a abertura e o fechamento, a transparência e a obtusidade. Nesta luta – a que o Mistério não nos poupa – a liberdade revela o seu papel decisivo no caminho do conhecimento, na descoberta da realidade e do seu significado («Se o encontro com o destino, com a realização, deve ser livre, a liberdade tem de se “jogar” também na descoberta dessa realização [...]». Portanto, a liberdade tem que ver não só com o caminhar para Deus como coerência de vida, mas também com a descoberta de Deus».⁶⁰ Nesta luta, muitas vezes nós chamamos de «atitude crítica» àquilo que, na realidade, é uma tomada de posição pré-concebida («um oculto ponto de partida»,⁶¹ diz Giussani), uma «aridez», que não nos permite ver.

O prémio para quem empreende esta luta com lealdade é o reconhecimento da presença de Cristo, a familiaridade com Ele.

Então o problema, amigos, é não nos determos no limiar deste reconhecimento, mas chegarmos ao reconhecimento da «fonte última» daquilo que vemos, em que embatemos e que nos junta.

⁵⁹ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 270.

⁶⁰ L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2002, p. 167.

⁶¹ *Ibidem*, p. 168.

«Nós arriscamo-nos a viver uma graça tão grande como esta casa [como esta companhia], supondo o último passo (“Ah sim, sim!”), admitindo o último passo, reconhecendo o último passo, que é para Cristo, mas não vivendo-o [...]. Vocês podem viver a vossa companhia de um modo tal que vocês são simpáticos uns com os outros, atentos uns com os outros, que gostam de poder viver num âmbito assim [...]; vocês podem viver tudo o que há de positivo nesta companhia, e no entanto ficarem parados, parados no limiar do reconhecimento do motivo adequado, do factor verdadeiro que, em primeiro lugar, vos juntou [...]. Podem viver tudo isto sem esclarecer a vocês mesmos a fonte última. É como se chegassem ao limiar da coisa: “Eh sim, é Cristo, é por Cristo”». No entanto, «afirmar: “Estamos juntos porque Cristo está”, que grau de comoção existencial, de reconhecimento, de gratidão alcança?».⁶²

Cristo chega a amar tanto a nossa liberdade a ponto de até nos deixar afastarmo-nos d’Ele, na esperança de que possamos descobrir livremente a Sua diferença. Von Balthasar descreve desta forma a atitude de Deus para conosco: «Onde um homem decide largar-se a si mesmo, à sua própria limitação [...] ali cresce o meu reino. Mas uma vez que os homens só o fazem contra vontade [...], eu tenho de percorrer com eles estradas largas e compridas, uma vida inteira até que se convençam da verdade».⁶³

«Deus espera com paciência que eu queira por fim consentir em amá-lo. Deus espera como um mendigo que está de pé, imóvel e silencioso, diante de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo é esta espera. O tempo é a espera de Deus, que mendiga o nosso amor. Os astros, as montanhas, o mar, tudo aquilo que nos fala do tempo trazem-nos a súplica de Deus. A humildade na espera torna-nos semelhantes a Deus»,⁶⁴ diz Simone Weil.

Pensemos em Nossa Senhora, quando o anjo se afasta dela: é como se o Senhor saísse de cena para dar espaço à sua liberdade.

Pensemos no filho pródigo da parábola do evangelho. Não é que o pai seja indiferente ao filho. Pelo contrário, precisamente porque o ama e sabe bem quem é a criatura a quem deu a vida, sabe bem também que o filho não poderá descobrir o gosto de ser filho a não ser através da liberdade.

Escreve o filósofo católico alemão Ferdinand Ulrich, meditando sobre a parábola do filho pródigo: «O pai não mantém ligado a si a próprio filho [...]. Ele deu liberdade ao outro, ao outro diferente de si mesmo, e

⁶² L. Giussani, *Affezione e dimora*, op. cit., pp. 361-362. «Atravessamos os milagres como cegos, sem ver que a mais pequena semente de um flor é feita de milhares de galáxias» (C. Bobin, *La vita grande*, Anima Mundi, Otranto (Le) 2018, p. 41).

⁶³ H.U. von Balthasar, *Il cuore del mondo*, Jaca Book, Milão 2006, p. 119.

⁶⁴ S. Weil, *Quaderni. Volume quarto*, Adelphi, Milão, p. 177.

responsabilizou-o pelo risco futuro de um apaixonado se tornar ele mesmo a partir do abismo da sua própria *liberdade*».⁶⁵

Como é que o pai demonstra o amor pela liberdade do filho? «Simplesmente deixando ir embora o filho». O pai deixa o filho ir-se embora, respeitando a sua liberdade, porque se apoia na certeza de que o filho não se afasta dele sem levar consigo o facto de ser filho. Continua Ulrich: «Por isso o pai, por assim dizer, retira-se para a calma plena de ser ele mesmo, e não o faz *contra*, mas *pelo* filho. O seu esconder-se paternal, o seu silêncio, é a misericórdia do seu acompanhamento. *Aquele* filho, de que nos fala a parábola, é a misericórdia do Pai feita pessoa: na distância, sem pai. Só compreendemos a parábola se *O* escutarmos com espírito de piedade e de perdão! O pai fica, “repousa” no seu poder e deixa o filho ir-se embora. Neste ficar, neste *aparente* não-fazer, ele explicita-se como liberdade que “só através da sua existência” testemunha e está presente».⁶⁶

É precisamente neste espaço de liberdade, em que o pai o deixa, que o filho pródigo reconhece a diferença do pai, aquela marca da verdade que o faz regressar a casa. «Há um vazio terrível – observa Nouwen – nesta paternidade espiritual. Nenhum poder, nenhum sucesso, nenhuma popularidade, nenhuma satisfação fácil. Mas este vazio terrível é também o lugar da verdadeira liberdade. É o lugar onde não há nada a perder, onde o amor não é obrigado a laços e onde pode encontrar a verdadeira força espiritual».⁶⁷

Com a sua atitude, o pai revela a sua verdadeira natureza de pai. Não há acesso à verdade senão através da liberdade, dizia o Concílio Vaticano II.⁶⁸ Cristo respeita, ama e sustenta – desafiando-a – a nossa liberdade.

É preciso tornarmo-nos conscientes do alcance daquilo que entrou na nossa existência, caso contrário estaremos condenados a viver no medo de que tudo acabe no nada. Se Cristo não entrar nas pregas do nosso eu, graças àquela evidência que cada um de nós – a partir do momento em que estamos aqui – percebeu, ficaremos assustados como todos, porque «sem que Cristo seja presença agora – agora! –, eu não posso amar-me agora e não posso amar-te agora. Se Cristo não ressuscitou, eu estou acabado, ainda que tenha todas as Suas palavras, ainda que tenha todos os Seus evangelhos. Com os textos dos evangelhos, no limite, eu até poderia

⁶⁵ F. Ulrich, *Gabe und Vergebung. Ein Beitrag zur biblischen Ontologie* (Dono e Perdono. Um contributo per un'ontologia biblica), Johannes, Freiburg 2006, p. 455; tradução nossa.

⁶⁶ *Ibidem*, pp. 452, 457-458; tradução nossa. «Tu deixaste-me ir quando eu queria e, no entanto, não me afastei de ti» (Guilherme de Saint-Thierry, *Pregliere meditare. Operel3*, Città Nuova, Roma 1998, p. 214).

⁶⁷ H.J.M. Nouwen, *L'abbraccio benediciente*, Queriniana, Brescia 2018, p. 197.

⁶⁸ Cf. Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humanae*, I, 2.

suicidar-me [Giussani ousa até dizer isto!], mas com a presença de Cristo não [porque não é simplesmente um acontecimento do passado], com a presença reconhecida de Cristo não!».⁶⁹

Por que é que vale a pena estar aqui, nestes dias? O que é que podemos ganhar? A consciência de que nos aconteceu alguma coisa que pode vencer a ansiedade e a insegurança de que tudo acabe no nada. Não se vence pensando: «Agora vou procurar empenhar-me um pouco mais», só vence a consciência daquilo que aconteceu, uma coisa que não foste tu a produzir, que não fui eu a produzir: «Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada». ⁷⁰ Só a Sua presença é que é a consistência do nosso eu.

3. A necessidade da verificação

«Quem vem por uma intuição, ou por um pressentimento vago de um valor e depois não se compromete ou não se empenha em verificar, mais cedo ou mais tarde vai-se embora». ⁷¹ Este aviso de Dom Giussani aos universitários é válido também para nós todos, sem excluir ninguém. «Se Cristo é verdadeiramente a resposta para a vida, isto de algum modo deve-se “ver”. [...] Por isso dizia aos jovens: “Temos de vigiar todas as atividades da nossa vida, para conseguirmos ver e experimentar, perceber e viver, que resposta é realmente a presença de Cristo para as urgências e as exigências da nossa experiência humana que se expressam naquelas atividades».⁷²

Durante a apresentação na Biblioteca Ambrosiana das *Atas* do Congresso de Lugano sobre Giussani, o diretor dos estudos de Venegono, padre Franco Manzi, observou: «Podemos então dizer que Dom Giussani, enquanto caminhava, ele próprio, seguindo Cristo no “caminho de Deus” – como os Atos dos Apóstolos definiam o cristianismo –, por um lado, verificava se a experiência de Pedro, de André e dos outros apóstolos era verdadeiramente humanizante também para ele e, por outro lado, convidava os jovens, que encontrava num comboio, mais do que nos bancos da escola do Berchet, a percorrê-la com ele. Mas, precisamente: Dom Giussani identificou o critério de autenticidade deste “movimento” deles atrás de Cristo nas experiências de fé atestadas nos Evangelhos e no resto da Bíblia. Foi assim levado a considerar que se a sua experiência com aqueles companheiros de viagem era humanizante como a de Pedro, de André e dos outros apóstolos, então sig-

⁶⁹ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 77.

⁷⁰ Cf. *Jer* 31,3.

⁷¹ L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Bur, Milão 2007, p. 158.

⁷² L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, organização de C. Di Martino, EDIT-Il Sabato, Roma 1993, p. 341.

nificava que Cristo ressuscitado continuava a estar eficazmente presente na história, para salvar também a humanidade da nossa época». ⁷³

A Igreja não quer adesões acrílicas. Devo verificar se aquilo que entrou na minha vida me permite desafiar qualquer escuridão, qualquer dúvida, qualquer medo, qualquer insegurança. Como devemos ter estudado na Escola de Comunidade, a Igreja não brinca conosco e não faz batota conosco. ⁷⁴

Este é o desafio. Percebem, então, que não basta a associação, não basta o redil, não basta procurar lugares confortáveis para pensarmos em viver como cristãos. Desta forma, não nos safamos. E quem vos propõe isto não vos quer bem. Jesus não fechou os discípulos no redil, mas confiou-lhes o método com o qual podiam desafiar o mundo, fazendo a verificação da Sua promessa: «Se ficares em relação comigo, dar-te-às conta de que vives duma maneira incomparável a qualquer outra». ⁷⁵

Escreve-me uma pessoa:

«“O que é que resiste ao impacto do tempo?” Pensei muitas vezes que esta pergunta era o resultado de uma depressão latente minha, de um cinismo galopante ou então de uma falta de fé. Nos últimos tempos, porém, deixo-me conta de que não é assim. Não, não é uma pergunta de pessoas deprimidas, porque esta minha pergunta com o tempo transformou-se e tornou-se parte constitutiva da relação e do diálogo quotidiano com Ele, tanto que dei por mim várias vezes a dizer: “Como é que resistes, Tu, ó Cristo, ao impacto do tempo, como é que resistes no meu casamento, com os amigos, na relação com os filhos que crescem, nos desafios da vida quotidiana, nos medos que me afligem, nas coisas que antes tanto me agradavam e que agora me deixam quase indiferente? Como?”. Fazendo-me encontrar sempre “coisas diferentes e inesperadas” (este é sempre um traço característico do Seu acontecimento) em relação ao que eu estava à espera, e que me fazem renascer. Houve um longo período da minha vida em que Cristo foi uma espécie de ornamento, a invocar nos casos de necessidade e urgência, enquanto conseguia gerir tranquilamente sozinha tudo o resto. Mas agora, mesmo sem muitos abanões, tornou-se clara a consciência de que aquele “Sem mim não

⁷³ F. Manzi, «Punto di vista di un biblista sugli *Atti* del Convegno della FTL: “Giussani: Il pensiero sorgivo”», em *Rivista Teologica di Lugano*, ano XXIV, 1/2019, p. 200.

⁷⁴ Cf. L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 251-252.

⁷⁵ «A Igreja repete, com Jesus, que pode ser reconhecida como credível em nome da correspondência às exigências elementares do homem na sua afirmação mais autêntica. É o que Jesus queria dizer com a expressão [...] “o centuplo” nesta terra [não no além]. Portanto, é como se [...] a Igreja [te] dissesse [...]: “Comigo obterás uma experiência de plenitude de vida que não encontrarias em nenhum outro lugar”. A Igreja põe-se a si mesma à prova no fio da navalha desta promessa, propondo-se a todos os homens como prolongamento de Cristo» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 252).

podeis fazer nada” não é de facto um exagero. Assim, depois de termos ouvido Dom Giussani desejar-nos, na Jornada de Início de Ano, a “tenacidade de um caminho”, eu e o meu marido decidimos voltar à estrada começando a participar, depois de muitas tentativas, no gesto da caritativa. Foi um dos momentos mais bonitos do nosso casamento, porque naquele voltar a decidir, em conjunto, retomar, estava novamente Ele entre nós os dois; misteriosamente, aderindo a uma proposta educativa da companhia que aparentemente não tinha nada a ver, voltámos a dar por nós juntos, unidos no caminho, como não acontecia há muito tempo. Que presente inesperado! A caritativa foi como que um *tsunami* na minha vida, porque pôs de repente a nu, fez surgir de repente, toda a minha posição reduzida diante da vida».

Esta superabundância de vida é o que te permitirá verificar a verdade da mensagem que a Igreja te traz, o seu propor-se como prolongamento de Cristo na história. É na experiência de uma plenitude não experimentável noutra sítio que se encontra a “verificação” daquilo que a Igreja diz de si: «Eu sou o Corpo de Cristo, rosto da Sua presença aqui e agora». É assim que poderás dizer, aderindo com cada vez mais razoabilidade, àquilo que a Igreja diz de si, «Cristo está aqui».

Para poder alcançar esta certeza, é necessário que o homem aceite viver no seio daquele lugar através do qual lhe chega a vida da Igreja, porque a Igreja «é vida e deve oferecer vida». Por isso é que uma pessoa decide vir aqui um fim de semana, para mergulhar nesta vida. O homem, com efeito, continua Dom Giussani, «não pode preparar-se para uma verificação desta envergadura sem um empenho que implique a sua vida». Por isso, «se a Igreja não pode fazer batota, tão-pouco o homem [cada um de nós] pode fazê-la».⁷⁶

O tempo é crucial para esta verificação, para que surja diante dos nossos olhos a diferença do cristianismo, o que é que verdadeiramente resiste ao impacto do tempo, das circunstâncias, dos desafios, das desilusões. Não temamos: se formos leais com as exigências do coração, estas são de tal maneira irredutíveis a nós próprios e às nossas manipulações que têm o poder de desmascarar qualquer ídolo que tenhamos construído! Não é preciso mais nada do que o tempo e a comparação com o coração para ver o que é verdade. Porque só aquilo que é verdadeiro é que dura no tempo. A verdade tem uma marca inconfundível – todos o sabemos – e dura no tempo. E por que é que dura? Porque, como dissemos no início, corresponde às exigências do coração. Todas as promessas que te fazem os ídolos não duram, porque não correspondem ao coração, «têm boca e não falam»,⁷⁷

⁷⁶ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 253.

⁷⁷ *Sal* 115,5.

diziam os profetas de Israel. Os ídolos não são nada, são inconsistentes; passado pouco tempo, *pffff*, desaparecem.

Temos à nossa disposição instrumentos irredutíveis a nós mesmos e à nossa manipulação para fazer um caminho certo. É o desafio que cada um deve fazer a si mesmo.

Eis – para concluir – uma ilustração da verificação da proposta que todos recebemos continuamente no movimento e que permite não voltar a A depois de ter experimentado B.

«Estou a experienciar de forma muito concreta a passagem definitiva à maturidade da fé. Vivo o movimento há trinta e quatro anos, mas neste último período foi-me dada a graça de experimentar um salto na autoconsciência da fé. Dei-me conta da desproporção existente entre aquilo que recebi e a minha humanidade. Durante muito tempo vivi com a presunção gnóstica de julgar que percebia, e esforçava-me – de forma pelagiana – para tentar aplicar aquilo que julgava ter percebido. Hoje acontece que tudo me parece novo. Descubro-me numa posição completamente diferente em relação à que tinha quando conheci o movimento. Começo a comover-me por qualquer coisa. Palavras que tinha lido uma infinidade de vezes, e que provocavam em mim uma satisfação intelectual, mas não mudavam nem um milímetro a minha posição, agora deixam-me desarmado. Dei-me conta de que seguia Dom Giussani de maneira abstrata, sem colocar em jogo, concretamente, a inteligência e o coração. Comecei a perceber o que significa uma inteligência afetiva, uma ligação à sua pessoa e, conseqüentemente, às suas palavras. Giussani deixou de ser alguém que era exterior à minha humanidade e começou a julgá-la a partir de dentro. Começou a revelar-se o significado real daquilo que tinha aprendido e sabia quase de cor dos capítulos 1, 2, 3, 5, 10 d’*O sentido religioso*. Estou fascinado, porque estou a voltar a ser como uma criança, descubro que tenho tudo para aprender, mas não tanto para acumular conhecimentos quanto para “viver intensamente o real”».

Quanto mais fazemos, na relação com todas as circunstâncias, uma verificação pessoal da capacidade que Cristo tem de mudar a nossa vida («Quem me segue terá o cêntuplo aqui»), de fazê-la renascer, mais se enche de razoabilidade o nosso reconhecimento da Sua presença, o nosso “sim” a Ele e à modalidade concreta que escolheu para nos alcançar e nos conquistar: o movimento.

A verificação, portanto, é a grande estrada da personalização da fé, do amadurecimento da certeza da presença de Cristo na nossa vida.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Ez 37,21-28; Jer 31,10-12b.13; Jo 11,45-56

HOMILIA DE S.E.R. MONSENHOR MATTEO ZUPPI ARCEBISPO METROPOLITA DE BOLONHA

Estes Exercícios introduzem-nos na Semana Santa da paixão e ressurreição. São os dias que iluminam todos os nossos dias. Preparamo-nos para seguir com comoção o Filho do homem no seu amor até ao fim. A sua paixão interroga-nos e orienta-nos sempre. De facto, Ele entrega-se todo a nós e ajuda-nos a entender onde estamos. Iremos traí-lo por banal presunção, pensando que o contrário do medo é a coragem e não o amor; poderemos chorar e recomeçar da sua palavra, como Pedro; veremos a cobardia dos poderosos e o encarniçamento dos homens das leis que o condenam; ficaremos consternados diante da nossa estupidez assassina, escondidos entre a multidão manipulada que urla para que seja condenado Aquele que é a sua salvação; ficaremos junto a Maria sob a cruz, e escolheremos crescer ficando nós com esta mãe que nos é confiada e aprendendo a cuidar dela para sermos sempre filhos responsáveis e não órfãos distantes.

Amando e seguindo Jesus, tornamo-nos também nós santos: não perfeitos, obrigados, na realidade, a cuidar das aparências, a medir a consideração com os primeiros lugares e os cumprimentos, mas pequenos – mendicantes, diria “alguém” – que se tornaram grandes apenas porque amados por Jesus. Jesus é o encontro, o encontro sempre novo que, com doçura, nos impele a correr em frente, sobretudo quando os passos se tornam um pouco pesados ou um pouco perros, e com firmeza pede-nos para não termos medo de estar com ele, de lhe querer bem e de não nos deixarmos andar, desperdiçando a nossa vida e os dons que ela possui.

O tempo é breve e foge rapidamente. As Páscoas e as oportunidades não são infinitas! Somos uns pobres coitados. Que alegria, na verdade, perceber e ouvir isto, até aprendendo a rir de nós mesmos (às vezes levamo-nos muito a sério, tanto que já ninguém nos pode dizer nada; a ironia e o bom humor ajudam-nos a relativizar o nosso eu e a não relativizar o Senhor, coisa que, decididamente, nos é mais fácil fazer!). Recordar a nossa fragilidade não é de todo frustrante, como a idolatria do eu nos faz crer.

Na Quaresma entrámos em nós mesmos, não saímos para fora de nós. Somos uns pobres coitados que estendem as mãos para aquela única mão que salva. É a imagem, lindíssima, do cartaz de Páscoa deste ano. «Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certezas,

sou rico. [...] Só na companhia d'Ele é que a pessoa se ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem traz esta mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros»,⁷⁸ dizia Dom Giussani. Não é de facto óbvio, para uma geração como a nossa, que vive e teoriza o amor a si, mas reduzido a individualismo, talvez garantido por todos os direitos, mas sem o próximo e, afinal de contas, sem amor.

Nós somos o povo – como ouvimos – prometido pelo profeta, um povo de humildes e de pobres: «Farei deles uma só nação na minha terra», e também neste seu santuário. Eu acho – para mim é-o certamente, mas penso que o seja também para todos vocês – que ver-vos, ver-vos assim, que estarem juntos precisamente também fisicamente e ver este santuário, nos ajuda nos dias da solidão, das dificuldades, a relembrar que fazemos parte deste povo. Um povo que descobrimos muito maior do que pensávamos (é uma graça!), que nos pede, porém, uma adesão sempre nova e pessoal. Um povo não de protagonistas, que acabam por se dividir e esgotar nas relações entre si, mas de irmãos chamados sempre a servir e a cuidar da comunhão, que nunca pode ser dada como adquirida e não se realiza de uma vez por todas.

Sermos santos é o nosso único protagonismo, que nos permite sermos verdadeiramente nós mesmos e se revela no amor pelos outros, não em nos impormos a eles ou em usá-los. Somos um povo que não adquire a altivez dos justos, a dureza negativa dos profetas da desventura, ou seja, daqueles que não sabem reconhecer os sinais da graça e que, no final de contas, não veem senão ruínas e problemas, porque não leem a história e não acreditam na providência. Que alegria fazer parte deste povo de pobres e poder fazer parte há tantos anos – como creio que seja para muitos de vocês – de uma amizade fiel, amável, que procura o bem e que o ajuda, ao que o Papa Bento chama de uma «companhia confiável», parte de uma caravana que não parou de caminhar e que acompanhou muitos de nós praticamente toda a vida.

A unidade e a concórdia deste povo – que é sempre delicada, para servirmos e não para nos servirmos dela – é confiada a cada um de nós. Giussani comovia-se quando falava da Igreja como «o lugar em que toda esta gente enriquece». É um pouco o contrário do mundo, em que poucos se arriscam e os outros ficam verdadeiramente pobres. Aqui «toda esta gente enriquece, dá-se e enriquece com o dom dos outros». «A Igreja – continuava Giussani – é mesmo um lugar comovente de humanidade, é o lugar da humanidade, onde a humanidade cresce, aumenta, expurgando conti-

⁷⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 68.

nuamente aquilo que de espúrio lá entra, porque somos homens; mas ela é humana, por isso os homens são humanos quando expurgam o espúrio e amam o puro. É uma coisa verdadeiramente comovente, a Igreja.» E dizia: «A luta com o niilismo, contra o niilismo, é esta comoção vivida».⁷⁹

Nalguns aspetos, estes dias – ouvimo-lo no Evangelho – são uma purificação para a Páscoa, para viver a Páscoa, mas são também uma grande antecipação da mesma. A Semana Santa é, com efeito, o tempo oportuno para expurgar aquilo que no nosso coração e na nossa Fraternidade é espúrio – uma vez que somos feitos para querer bem, somos feitos para sermos santo; e não porque perfeitos, mas porque amados –, pedindo para poder expurgar aquilo que é espúrio, pedindo perdão e perdoando, escolhendo amar e abrindo-nos a tão grande amor.

Numa geração como a nossa, sem laços, que tem medo deles e que acaba, porém, por estar presa a tantas dependências, agradecemos fazer parte de um povo como este, que continua a cantar a sua libertação, isto é, o seu amor pelo Senhor que nos restitui a nós mesmos. Não perdemos o espanto perante um encontro que se renova. Pelo contrário. A Páscoa de paixão e ressurreição (não existe uma sem a outra, e viceversa!) ajuda-nos a reencontrar o amor do início, para não nos tornarmos mornos e administradores avaros, às vezes amargos pelas inevitáveis frustrações; impele-nos a procurar não os inimigos, mas as pessoas; faz crescer em nós o gosto de falar com todos e o entusiasmo para não nos contentarmos com a mediocridade ou sermos umas mornas e descontentes testemunhas.

A cada um de nós é confiado um pedaço deste carisma – deste povo, como ouvimos do profeta, desta promessa que passa pela nossa vida, como dizia antes o padre Carrón, que se torna concreta e de que uma pessoa se dê talvez conta tanto tempo depois: «Finalmente percebi!» –, que temos de levar ao mundo, oferecer a muitos com a inteligência e a paciência da amizade e do amor, porque é um dom; e um dom perde-se quando nos apropriamos dele. Na realidade, só possuímos aquilo que damos. Que muitos possam ver a beleza, a verdade, o bem não em categorias abstratas ou como uma verdade distante, mas em cada um de nós, na nossa humanidade concreta e pobre como ela é, na beleza, na verdade e na bondade da nossa vida pessoal. Cuidemos disto.

Eis a razão porque não temos nostalgia do passado: porque Cristo é uma presença que sentimos verdadeira hoje, presença humana que cuidou de nós e que se renova sem se perder ou desvalorizar. A sua presença torna-se a nossa presença. Uma presença que conheceu o pecado, mas não se

⁷⁹ L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, Bur, Milão 1995, p. 74.

tornou cínica ou resignada. «Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus», esta presença impele-nos a ir ainda «alegramente» – como se cantava antes⁸⁰ – pela estrada ao encontro dos pobres e das pessoas. «Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus. Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna. A minha morada será no meio deles», o seu santuário.

Eis o que resiste ao impacto do tempo. Dura o amor que não se corrompe porque é santidade de Deus, pessoal e de povo, minha e nossa. Dura o amor oferecido, o serviço aos irmãos e aos pobres (que são os irmãos mais pequenos desta mesma Fraternidade), inclinando-nos para lhes lavar os pés. Dura a comunhão que nos une e que o pecado não consegue desfazer. Dura o seu amor que responde à pergunta do Evangelho de hoje, que no fundo é a pergunta da nossa espera, às vezes desesperada: «O que vos parece? Será que não vem à festa?». Sim, o meu e nosso Senhor vem, e vem só por amor. Vem e a sua fidelidade dura também quando tudo parece acabar. Vem à festa, dando a sua vida, para preparar a festa que não acaba.

«Uma positividade total na vida deve guiar a alma do cristão, qualquer que seja a situação em que se encontre, qualquer que seja o remorso que sente, qualquer que seja a injustiça que sente pesar sobre si, qualquer que seja a obscuridade que o rodeia, qualquer que seja a morte que o assalta, porque Deus, que fez todos os seres, é para o bem, Deus é a hipótese positiva sobre tudo o que o homem vive».⁸¹ Estas palavras de Dom Giussani tornam-se a nossa oração, na certeza e na alegria de ter encontrado aquilo que dura sempre: o amor que só quer o nosso bem.

É a Páscoa que nos faz ressuscitar com Ele e que dura para sempre.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Excelência caríssima, desejo agradecer-lhe de todo o coração, em meu nome e de todos os presentes, por ter aceitado presidir a esta Eucaristia durante os nossos Exercícios Espirituais anuais. Obrigado por aquilo que nos disse, Excelência. Obrigado pelo seu testemunho, nesta nada simples mudança de época, de uma total e cordial identificação e seguimento do Papa Francisco. É o que cada um de nós deseja viver, cada vez mais unidos a Cristo e à sua Igreja, saindo ao encontro dos nossos irmãos homens, sobretudo dos pobres e necessitados. Obrigado!

⁸⁰ Cf. «La canzone della Bassa», em *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, Coimbra, p. 242.

⁸¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rimini 3-5 de maio de 1996, supl. de *Litterae communionis – Tracce*, julho/agosto 1996, p. 12.

Monsenhor Zuppi. Eu é que agradeço, obviamente, o convite. Tinham-me dito que estariam poucos de vocês em Rimini... Mesmo assim, obrigado. Sinto tanto o dom que é caminhar juntos, o dom desta comunhão, desta Fraternidade. Tenho também de agradecer àqueles de vocês que estão em Bolonha, agradeço-lhes muito pelo seu serviço e pelo seu testemunho. Mas creio que devemos fazer também um agradecimento comum ao Senhor que vem. Uma pessoa pode pensar: «Sabe-se lá se vem». Vem! E estes dias ajudam-nos a abrir o coração e a não sermos como aqueles que o Papa Francisco, na sua ironia, descreve assim: «Aqueles cristãos que vivem a Quaresma sem Páscoa». Estes dias são verdadeiramente uma preparação para expurgar – como disse primeiro, lendo aquela lindíssima frase de Giussani – aquilo que é espúrio em nós, porque somos feitos para este povo, para este santuário, e a nossa pobreza encontra verdadeiramente a Páscoa, a ressurreição, já no facto de estarmos juntos, de caminhar juntos. Agradecemos ao Senhor por isso e pedimos a benção para que seja uma Páscoa que nos encontre com Ele, a enfrentar o mal com Ele, a não fugir, mas também com a força do amor, que é mais forte do que qualquer adversidade, conscientes de que dar a vida significa que dura para sempre.

* * *

Salve Regina

Sábado, 13 de abril, tarde

À entrada e à saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra em ré menor n. 20, K 466

Clara Haskil, piano

Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux

“Spirto Gentil” n. 32, Philips

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

«Esta é a vitória que vence o mundo: a fé» (1Jo 5,4)

O primeiro passo que demos esta manhã foi uma «constatação»: há «um tipo de relação entre as pessoas diferente, um clima mais respeitoso e mais verdadeiro», uma novidade de vida de que nos damos conta em muitos à nossa volta e que as páginas do *Porquê a Igreja* nos ajudaram a perceber. É uma das coisas que mais me espanta quando viajo pelo mundo para ir ao encontro das comunidades do movimento: nos lugares mais perdidos, há pessoas simples – não exibicionistas, quase ninguém as conhece – que fazem uma experiência espantosa, que as leva a ter uma gratidão transbordante; nas situações mais diversas, infinitamente mais dramáticas do que aquilo que podemos imaginar, muitos começam a fazer experiência de uma novidade, dum florescer e de uma intensificação da vida, de uma forma diferente de enfrentar as circunstâncias, dificuldades incluídas.

Isto é possível em qualquer lugar e com qualquer pessoa. É o que me deixa sempre de boca aberta. Oçam o que conta de si a Aliona, de Karaganda:

«Encontrei o movimento em 1997, quando o padre Edoardo veio à nossa escola para nos falar, durante a hora de história, sobre Itália. Nasceu uma amizade, vinha jantar a nossa casa, tocava-nos muito e, passado algum tempo, convidou-nos para as férias. Nós nunca tínhamos visto uma coisa assim, conquistou-nos. Começámos a ir à Escola de Comunidade, encontrámos novos amigos, continuámos a participar nas férias. Depois inscrevi-me na universidade e passados dois anos fiquei tomada pela vida de estudante e saí da comunidade, porque [prestem atenção a esta parte] me parecia que na minha vida já tinha recebido a fé, e por isso podia ir sozinha à igreja. Parecia-me que a comunidade tinha deixado de me ajudar. Casei-me, tive duas filhas. Quando nasceu a minha segunda filha, foi diagnosticada à minha filha mais velha uma doença rara. Obviamente, para mim foi uma grande

provação. Comecei a procurar novamente um sentido, sentia uma enorme falta nas relações com o meu marido, nas relações com as filhas, parecia-me que a vida se tinha tornado um beco sem saída, faltava-me sempre alguma coisa. Sete anos depois, a minha filha mais nova tinha de ir para a escola. Na escola, cá fora, encontrei uma ex professora minha, que tinha encontrado o movimento comigo. Falando com ela, perguntei-lhe: “Ainda há Escola de Comunidade e tudo o resto?”, talvez com uma esperança para mim. Ela respondeu-me: “Claro! Nós continuamos”. Depois olhou para mim e perguntou-me como é que eu estava. Quando lhe falei da minha filha mais velha, disse-me: “Uma menina assim é muito mais amada. Venham connosco às férias”. Naquelas férias, reví as pessoas que tinha conhecido muitos anos antes, vi como viviam, os olhos delas estavam cheios, brilhavam de alegria, as famílias estavam felizes com as suas vidas. Eu percebia que estava tão fechada que a minha vida era uma corrida [baseada] comigo mesma, sem sentido. Senti novamente que o meu coração se enchia de entusiasmo. Passaram cinco anos e eu ainda sinto que este é o único lugar onde vivo verdadeiramente, onde sou eu mesma, onde posso amar a minha filha como sempre quis, onde posso amar o meu marido pelo que ele é. E não há mais nada capaz de responder às minhas perguntas, só Cristo. A Escola de Comunidade e a caritativa são aquilo que me restitui a mim mesma».

O que tornou possível esta forma diferente de viver? O que a tornou possível – respondo apontando o factor mais imediatamente evidente – foi o envolvimento da própria vida com a proposta do movimento, ou seja, da Igreja tal como ela nos alcançou de forma persuasiva; foi a fidelidade a esta proposta. Quem aceitou envolver-se com a vida que a Igreja nos propõe através do movimento experimentou uma novidade que podemos constatar e que se comunica, da qual vemos muitos sinais. Nada é mecânico na vida, muito menos no cristianismo. Por isso pode haver gente na mesma comunidade que leva a sério a proposta, que vive uma fidelidade à mesma, e gente que permanece indiferente.

Mas isto renova a pergunta que dá título a estes nossos Exercícios: o que é que resiste ao impacto do tempo? Quanto mais são evidentes a plenitude de vida e a novidade experimentada, tanto mais, com efeito, é aguda a pergunta: como é que esta mudança pode durar?

1. O problema da duração

Como é que este olhar, que às vezes sentimos pousado em nós e que nos faz descobrir a alegria, se torna nosso? Como é que aquela beleza se torna minha? E como é que aquilo que experimento vivendo no meio da comunidade cristã pode chegar a todos, mas mesmo a todos, os aspetos da vida?

Temos muita sorte: Dom Giussani já enfrentou há muitos anos esta mesma pergunta («O que é que dura?»), num determinado momento de viragem da vida dos universitários, e portanto podemos ser acompanhados por ele, passo a passo, na resposta a toda a urgência que sentimos nestes dias. Só há um caminho, diz Dom Giussani, um só: uma vez que foi a fidelidade à proposta que produziu aquela mudança, é preciso sermos fiéis, «continuarmos a ser fiéis!». ⁸²

Mas aqui começa a nossa dificuldade, porque surge também em nós o moralismo que caracteriza a forma de pensar em que estamos mergulhados. Há, de facto, uma maneira de perceber este sermos fiéis que é igual à da maioria das pessoas, e devido à qual, avisa-nos Dom Giussani, «esta fidelidade é toda ela abandonada à vossa capacidade ética». Somos tentados por uma interpretação moralista e voluntarista da fidelidade. Temos tendência a ler tudo em termos de “capacidades”. Como que dizendo: surpreendemos uma determinada novidade de vida, experimentámos uma mudança inesperada, agora temos de nos empenhar em fazê-la durar, em prolongá-la e realizá-la em tudo. «Pensem – diz então Giussani – no tédio de uma obrigação repetitiva, devida a termos de dizer sempre: “é preciso mudarmos as relações entre nós, é preciso que nestas férias nos tratemos com respeito, é preciso que nos desejemos bem como irmãos, é preciso sermos sinceramente amigos, é preciso respeitar o serviço de ordem...”. É preciso!». Consequentemente, «o como seguir em frente» é entendido como «um fenómeno de esforço da vossa vontade», ⁸³ como se bastasse repetir constantemente um apelo para evitar que o ânimo decaia, para ter a moral das tropas sempre alta, como se pudéssemos nós gerar, com as nossas exortações, aquilo que desejamos.

«Mas eu creio – continua Giussani – que não estou a ser uma ave de mau agouro, que não é pessimista prever que, com o passar do tempo, diante da repetitividade do apelo, haja uma certa degradação da vossa atenção, uma certa diminuição do entusiasmo, porque uma pessoa só sente entusiasmo pela novidade». ⁸⁴ E a novidade é a verdade, o divino que se manifesta, atraindo e mobilizando o nosso ser.

A duração da mudança não pode vir da nossa vontade, porque todos sabemos logo à partida que o nosso esforço não consegue aguentar. «Em última análise, esta nossa vontade, este nosso empenho, esta nossa ética, não podem deixar de ficar muito frágeis». ⁸⁵ Sobretudo numa sociedade que diz exatamente o contrário daquilo que nos propomos e procuramos viver.

⁸² L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 55.

⁸³ *Ivi*.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 56.

⁸⁵ *Ivi*.

É impossível escondê-lo: «Esta nossa fragilidade endógena, estrutural, faz-nos ficar como folhas ao sabor do vento, quer dizer, facilmente vítimas do poder, do poder secular, social, civil. Experimentem só pensar em fazer frente, de forma constante, à mentalidade que nos rodeia, à mentalidade que determina as estradas e os caminhos para a carreira universitária, para a profissão; a mentalidade de vossa casa procura o fazer, é a mentalidade de todos! Fazer frente a isto! Não apenas ao poder secular, mas também ao poder eclesial: se a nossa experiência é, ou fosse, boicotada, confrontada, combatida, na realidade da Igreja, a energia comunicativa e a criatividade da nossa adesão iriam rarear, tudo se tornaria cada vez mais limitado, e é muito fácil prever a incapacidade de uma resistência nossa eficaz. Mas uma experiência torna-se história quando não pode ser detida pelo poder».⁸⁶ Isto é ainda mais evidente para todos nós hoje do que o era há algumas décadas atrás.

O convite à fidelidade não é, portanto, «um convite imediatamente determinado pela esperança na vossa força de vontade, não se funda sobre a vossa eticidade».⁸⁷

Então, se não depende da nossa força de vontade, sobre o que é que funda a fidelidade? Para responder, temos em primeiro lugar que nos perguntar: como é que o cristianismo se tornou história? Na resposta a esta pergunta está, de facto, contida toda a sua novidade, a sua excepcionalidade – da qual é necessário tornarmo-nos mais conscientes –, que é o fundamento da fidelidade.

2. «A pretensão de contemporaneidade de Cristo na história»

O que é que tornou possível que o início vivido pelos discípulos continuasse no tempo? O cristianismo continuou na história, tornou-se história graças à força de vontade dos primeiros? Foram assim tão bons que conseguiram assegurar a permanência do início? Também eles foram encurralados pelo colapso de tudo, num determinado momento até por Aquele que tinha despertado neles tanto entusiasmo. Depois da Sua morte, com efeito, dois discípulos regressam a casa dizendo: «Nós esperávamos que tivesse finalmente chegado aquele que podia cumprir a promessa que tínhamos recebido quando o tínhamos encontrado, aquela promessa que correspondia à espera do coração; mas agora tudo acabou».⁸⁸ E quando algumas mulheres correm ao encontro dos apóstolos para lhes dar o anúncio da ressurreição,

⁸⁶ *Ibidem*, pp. 56-57.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 58.

⁸⁸ Cf. *Lc* 24,13-35.

alguns pensam: «São loucas» – como diz o canto –,⁸⁹ são loucas, tanto que os dois de Emaús regressam a casa desiludidos.

Mas então, se não foi um esforço deles – e tomar consciência disto já é libertador –, nem uma tentativa organizativa, o que é tornou possível a continuidade do fenómeno inicial? Como explicar que tenha tenha durado?

É a pergunta que assalta os historiadores e quem quer que aborde os relatos dos evangelhos. Lendo os textos dos evangelhos, que não escondem nada do desconcerto dos apóstolos, encontramos-nos diante deste paradoxo: todos os seus O abandonaram e fugiram, mas depois de alguns dias voltaram a encontrá-los unidos, entusiasmados, disponíveis a tudo; e é precisamente isto o que os historiadores não conseguem explicar. No entanto, esta mudança tem de ter uma explicação! Assim, eles recorrem à mesma palavra que nós usámos nestes dias: deve ter acontecido «alguma coisa», graças à qual pessoas perdidas, desiludidas, que tinham voltado para casa céticas porque a promessa não se tinha cumprido, estão de novo unidas, entusiasmadas, disponíveis a qualquer coisa, com uma energia transbordante.

Até Strauss, o historiador racionalista, que nega a historicidade da ressurreição, para explicar a reviravolta que se verificou nos discípulos é obrigado a admitir que deve ter, por força, acontecido «alguma coisa»: uma mentira inventada pelos discípulos, de facto, não poderia dar uma explicação adequada para tudo quanto lhes tinha acontecido volvido tão pouco tempo. «Uma tal mentira inventada pelos Apóstolos não poderia ter inspirado a coragem de anunciar com tanta constância e no meio dos maiores perigos a ressurreição de Jesus. Com razão, os apologistas insistem ainda hoje em observar que a extraordinária revolução operada no ânimo dos Apóstolos, passando do mais profundo desencorajamento, da perda de toda a esperança no momento da morte de Jesus, até à fé e entusiasmo com que anunciaram o Messias no Pentecostes seguinte, tal revolução não se poderia explicar se entretanto [ou seja, poucas semanas apenas depois da Sua crucifixão] não tivesse acontecido alguma coisa de extraordinariamente consolador, e em particular alguma coisa que os tivesse convencido da ressurreição de Jesus crucificado».⁹⁰

O cristianismo tornou-se história, uma história que chegou até aqui, até mim, até ti, por causa daquilo que aconteceu alguns dias depois da crucifixão. O que é que permitiu que se tornasse história? O facto de que o divino se manifestara com uma força ainda maior: ou seja, a única razão que tornou possível esta reviravolta e a continuidade no tempo foi o facto

⁸⁹ *Barco Negro*, música de Caco Velho e Piratini e texto de D. Mourão-Ferreira.

⁹⁰ D.F. Strauss, *La vita di Gesù o Esame critico della sua storia*, La Vita Felice, Milão 2014, pp. 1395-1396.

de O terem visto vivo. «“Cristo ressuscitou” quer dizer que Cristo é dono do tempo, é o Senhor do tempo, vence o tempo».⁹¹

Cristo está presente agora! Esta é a excepcionalidade do cristianismo, devido à qual Cristo é uma presença diferente de qualquer outra figura do panteão das religiões: «A excepcionalidade é a pretensão de contemporaneidade de Cristo na história».⁹² Uma contemporaneidade que nenhum poder deste mundo conseguiu deter, tanto que chegou até nós. Ela nunca será bloqueada, nunca, por nenhum poder.

Então a fidelidade é fidelidade a Cristo ressuscitado. O que permite a duração, aquilo que resiste ao impacto do tempo, não somos nós com as nossas capacidades, mas aquela novidade – a Sua própria presença, o voltar a acontecer da Sua presença agora, uma Presença agora – que entrou na nossa vida, que vimos reaparecer constantemente, que já não conseguimos arrancar de nós; eu não a consigo arrancar de mim, não a consigo arrancar da minha história; posso ir-me embora, mas então levo-a comigo. Aquela «alguma coisa» que os historiadores como Strauss admitem – embora sem a reconhecerem nem muito menos aderirem a ela – não é mais do que o facto de Cristo ressuscitado. A fidelidade de que falamos é fidelidade a este facto acontecido.

«Aquela experiência de plenitude que tinham tido aqueles primeiros discípulos poderia ser deixada na distância, melancólica e nostálgicamente [...] sentida como igual a outras experiências noutros âmbitos, noutros momentos na história. Mas a excepcionalidade [...], como diz Eliot nos *Quatro quartetos*, a intersecção do sem tempo no tempo dá-se ali onde a mudança provocada dura, dura, se torna duração (“duração” quer dizer uma outra realidade, uma outra forma do real, porque a duração é a consistência do ser, um outro ser), ou seja, se faça história. A excepcionalidade é que a mudança dure, se faça história».⁹³

A permanência da mudança – o tornar-se história desde o início – implica, sim, a minha fidelidade, mas é dada, é gerada por alguma coisa que não sou eu, ou seja, por uma Presença que domina a história, que venceu o tempo e o espaço e está aqui, agora. «Ele está aqui. / Está aqui como no primeiro dia»,⁹⁴ dizia Péguy. Acontece agora. Há «alguma coisa que vem antes» da minha fidelidade e que pede e sustenta a minha fidelidade: é o Seu acontecer agora.

⁹¹ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 63.

⁹² *Ibidem*, p. 64.

⁹³ *Ibidem*, p. 60.

⁹⁴ Ch. Péguy, «O mistério da caridade de Joana d’Arc», em Id., *I misteri*, Jaca Book, Milão 1997, p. 56.

«Há um ano, encontrava-me num momento de grandes dificuldades, não estava bem, mas procurava, com um fio, manter-me ligada a alguns poucos amigos que não se iam abaixo, não tinham medo. Um dia fui ter com um deles, e estava em péssimo estado. Disse-me uma frase: “A nossa amizade é sagrada porque abre questões às quais só um Outro responde”. Algumas semanas depois, estava a jantar com uma outra amiga e, enquanto chorava, ela olhou para mim e perguntou-me à queima roupa: “Tu quem és?”. Aí disse para mim mesma: a resposta para mim não são palavras, explicações cristãs, mas a Sua presença. Nada menos do que isso! A resposta é Ele, que no encontro feriu para sempre o meu coração com a Sua beleza. Nas ondas da minha vida, que é uma história dentro da História, eu vejo que a única coisa que resiste é a fidelidade de Deus, o Seu continuar a esperar por mim, a desejar-me, a vir-me procurar: o Seu estar já ali!» Cristo vem ao nosso encontro através de amigos que não se vão abaixo, que não têm medo.

Qual é então o perigo mortal, que muitas vezes vimos pesar nestes anos? Relegar Cristo – o acontecimento da Sua presença, o encontro com Ele – para o passado e viver na recordação, na nostalgia do início (o arcebispo de Milão disse-nos isto recentemente, na homilia pelo aniversário de Dom Giussani),⁹⁵ na tentativa – e na presunção – de sermos nós a desenvolver as consequências do encontro. É a tentação kantiana. Cristo torna-se assim uma “não presença”, uma presença no passado, uma premissa que está nas nossas costas, na qual inspiramos obrigações e projetos. Isto não é só uma atitude protestante, atenção: pode ser a nossa atitude em relação àquele encontro decisivo com a realidade do movimento que marcou a vida de todos nós que aqui estamos.

«Existe um perigo», diz Giussani, «e experimentámo-lo: quantos caíram nele!». Qual perigo? «Tal como a humanidade sempre pensou na idade de ouro como sendo o início do tempo humano, do paraíso terrestre, assim muita gente sentiu o início do nosso movimento ou o início da sua participação no movimento como uma espécie de idade de ouro, como uma espécie de admirável fascínio que, porém, o tempo priva da sua atratividade: [...] o protestantesimo elevou a sistema este olhar para a figura de Cristo. Aquele “foi” o momento. E por que é que acontece? Acontece para que o homem de todos os tempos possa ter, na recordação daquele momento, motivos de esperança para o futuro, para o além, para o seu destino, enquanto passa por esta vida tão cheia de desilusões em todos os sentidos e, sobretudo, de desilusão consigo, moral!».⁹⁶

⁹⁵ Cf. M. Delpini, «Dimorare in Cristo», Homilia pelo aniversário da morte de Dom Giussani e do reconhecimento pontifício da Fraternidade, 11 de fevereiro de 2019, *chiesadimilano.it*

⁹⁶ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 60-61.

O Papa Francisco acabou de escrever na Exortação Apostólica *Christus vivit*: «Corremos o risco de tomar Jesus Cristo apenas como um bom exemplo do passado, como uma recordação, como alguém que nos salvou há dois mil anos. Isso não nos serviria de nada, deixar-nos-ia iguais, não nos libertaria».⁹⁷

«Por isso – continua Giussani – eu insistia que a excepcionalidade está no facto de que a mudança dure, que se torne duração, que se torne história, que aquele facto se torne história, seja permanente, e passados dois mil anos aquele primeiro Manifesto [ou seja, o anúncio de que Deus se fez carne, se tornou uma presença humana na história] seja ainda verdadeiro, no sentido de experimentado, renovado, tornado novo, vivido, e que daqui a duzentos mil anos, se ainda existir o mundo, ainda o seja. O divino é a vitória sobre o tempo, mas não sobre o tempo escatologicamente entendido (vejam o protestantismo: a vitória de Deus no fim dos tempos, a vitória de Deus no final da tua vida, que te julga depois depois da morte); é a vitória de Deus no tempo, sobre o tempo, dentro do tempo».⁹⁸

O verdadeiro desafio é se aquilo que começou pode continuar, se pode tornar-se nosso, ou seja, se Cristo ressuscitado é capaz de gerar uma criação nova, uma testemunha, em que se veja que a relação com a Sua presença não é remetida para o além, para depois da morte, mas é agora, para que nós possamos tocar a Sua presença agora.

Então, a permanência da novidade não é assegurada pela «tenacidade de uma coerência nossa», não é dada por uma força de vontade, por uma «imperturbável continuidade do chamamento»,⁹⁹ por uma inteligência das nossas tentativas. Não! «A excepcionalidade, aquela devido à qual a mudança se torna história, se torna duração, permanece [...], é dada por alguma coisa de objetivo, que já existe. É claro: a permanência da minha mudança, da tua mudança, ou é dada por qualquer coisa que está em ti, ou é dada por qualquer coisa de objetivo que já existe; ou depende da tua vontade, ou depende de alguma coisa de objetivo que já existe – já existe! –, de uma realidade que domina a realidade em movimento. Esta é a mensagem do segundo Manifesto: Cristo ressuscitou, Deus entregou nas mãos daquele homem a história!».¹⁰⁰

⁹⁷ Francisco, Exortação Apostólica Pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus *Christus vivit*, 124.

⁹⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 61.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 57.

¹⁰⁰ *Ibidem*, pp. 62-63. «Para mim é suficiente se Jesus está vivo. Se ele vive eu vivo; pois a minha alma está suspensa da sua; mais ainda, ele é a minha vida, aquilo de que eu preciso. De facto, o que me pode faltar se Jesus está vivo? Ainda que tudo me faltasse, isso não teria importância para mim, desde que Jesus esteja vivo» (Guerrico d'Igny, «I Sermone per la Resurrezione del Signore», in Scuola Cisterciense, *Pensieri d'amore*, Piemonte, Casale Monferrato (AI) 2000, p. 257).

Podemos voltar a dizê-lo com as palavras do Papa Francisco: «Aquele que nos enche com a sua graça, Aquele que nos liberta, Aquele que nos transforma, Aquele que nos cura e nos consola é alguém que vive. É Cristo ressuscitado».¹⁰¹

Escreve Tolstoi: «Cristo morreu há muito tempo, e a Sua existência carnal foi breve, e nós não temos uma imagem clara da Sua pessoa carnal, mas a força da Sua vida de amor e de razão, a Sua relação com o mundo [...] age até hoje sobre milhões de homens, que acolhem em si esta Sua relação com o mundo e vivem dela. E o que é que age de tal modo? Que coisa é esta, que primeiro estava ligada com a existência carnal de Cristo, e que agora constitui a continuação e a propagação daquela Sua própria vida? Nós dizemos que esta não é a vida de Cristo, e que são, isso sim, as consequências desta. E quando dizemos estas palavras que não fazem nenhum sentido, parece-nos ter falado numa forma mais clara e mais concreta do que a de quem defende que esta força é o próprio Cristo, vivo».¹⁰²

Que Cristo tenha ressuscitado significa que Cristo está aqui, como no primeiro dia: «Existe uma realidade dentro do mundo, existe uma realidade que tocou a nossa carne e os nossos ossos com o Batismo, existe uma realidade que se torna audível e visível através da nossa companhia [...], existe uma realidade que penetra o tempo, criando um fluxo, um povo que não terá fim, à qual todos os homens são chamados, existe uma realidade que é Deus feito homem. Aquele que fez todas as coisas identificou-se com a precariedade de uma carne, identifica-se com a precariedade de uma carne, torna-se audível e tangível com a precariedade de uma carne. Aquele para quem o homem é feito é este Homem que está entre nós».¹⁰³

Em 1984, regressando através da memória ao início da nossa história, Giussani dizia: «O fascínio inicial do movimento foi dado precisamente por isto. Desde o primeiro dia em que falámos, a mensagem dada era a vitória de Cristo sobre o mundo, a vitória de Cristo sobre a história: “Jesus Cristo é o centro do cosmos e da história”».¹⁰⁴

Cristo é contemporâneo à história – torna-se audível e tangível através da companhia da Igreja, através da precariedade de uma carne –, por isso é para vivê-lo agora: por mim, por ti, por nós, é «para viver no seu voltar a acontecer, e todas as forças do poder, de qualquer natureza, civil ou eclesíastica, nunca poderão deter esta contemporaneidade, nunca!». Dom

¹⁰¹ Francisco, Exortação Apostólica Pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus *Christus vivit*, 124.

¹⁰² L. Tolstoi, *Sulla vita*, op. cit., p. 198.

¹⁰³ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, Bur, Milão 2019, p. 115.

¹⁰⁴ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 64.

Giussani acrescenta uma observação que é válida também hoje para nós, tantas vezes desejosos de falarmos do motivo da nossa insegurança existencial: «Não se sabe se serão doze, como supunha e imaginava Soloviev, no fim do mundo, ou doze bilhões: não importa, não interessa nada. Aquilo que interessa é que esta contemporaneidade de Cristo à história não será nunca suspensa e bloqueada, nunca [...]. Então, é preciso que a fidelidade seja experiência daquilo que é Cristo no primeiro Manifesto: é a fidelidade a este facto acontecido. Portanto, a fidelidade é a experiência da mudança como duração na história, a experiência da mudança produzida [...] por uma realidade que já existe: é fidelidade a esta coisa que já existe»¹⁰⁵ e que me muda agora, gerando em mim uma criatura nova que dura no tempo.

Eis um exemplo de fidelidade a esta coisa que já existe:

«Dou-me conta de que basta um nada (uma doença, uma decisão infeliz, um incidente de percurso) para me encostar à parede e deixar escapar aquilo que me parecia ter sob controlo. Já aconteceu um par de vezes. Pode voltar a acontecer. Para responder à tua pergunta, só posso evocar a minha experiência pessoal. O que é que me ajudou a sair daquela que parecia ser, literalmente, uma prisão cujas barras eram a inconsistência das minhas ações e dos meus pensamentos? O turbilhão em que me encontrava não me impediu de me manter ligado aos gestos que os amigos da Fraternidade me continuavam a propor. Gestos simples, discretos, mas propostos com uma fidelidade incansável. Ia aos momentos de Escola de Comunidade com a cabeça noutro sítio, mas ia. Seguia o gesto de uma caritativa organizada com uma simplicidade desarmante. Olhava e ouvia. Da minha “prisão”, olhava para os rostos e ouvia as canções com uma atenção que nunca tinha tido antes. Repetia as palavras e espantava-me pela forma como parecia que me eram dirigidas: “Não tenhas medo”, “Tu és um Deus fiel”, “A cada um tirará os sapatos”, etc. Tenho quase medo de o dizer, mas a vida fazia-se ainda vida através daquela presença simples e fiel evocada por gestos vistos e canções cantadas milhares de vezes. O que era evocada, senão uma Presença presente? Um “Tu” que conhece os meus pensamentos, que vive em mim».

3. «Esta é a vitória que vence o mundo: a fé»

Mas «a experiência da mudança como duração na história», tal como Dom Giussani nos ensinou a olhar para ela, coloca em discussão a nossa imagem da mudança. «O problema é ultrapassar uma imagem psicológica da mudança». Vejam com que perspicácia Giussani a indica: «Con-

¹⁰⁵ *Ibidem*, pp. 64-65.

ção psicológica da mudança é quando uma pessoa diz: “Sim, eu devo ser mais... devo saber amar e não instrumentalizar o outro ou a outra...” [...] mas depois continua na comunidade resignada, ou desilude-se porque não muda». Por que é que tantas vezes ficamos desiludidos? Porque identificamos a mudança com alguma coisa que somos nós a medir. «Quantos e quantos entre nós objetaram isto: que a promessa não era mantida, que nada mudava! Quantas vezes ouvi dizerem-me: “Mas não muda nada!”. É uma conceção da mudança psicológica, ou seja, é uma mudança que tu vês com a tua consciência, que medes com a tua observação, com a observação da tua consciência: eu tinha um temperamento irado e continuo a ter; tinha tendências cleptomaniacas e dou por mim a por nos bolsos as coisas do meu colega; acabei a universidade, entro na profissão, [...] e não sei o que fazer, tudo está como dantes, nada se mexe, ou não se mexe como eu esperava».¹⁰⁶ Em suma, concebemos a nossa mudança segundo a imagem que respiramos à nossa volta, em que acreditamos, ou seja, como o aumento das nossas capacidades, o melhoramento das nossas *performance*.

Mas então, se não se pode medir, em que é que consiste a mudança? É uma mudança virtual? Qual é a verdadeira mudança?

«A experiência da mudança é determinada, acima de tudo, pelo reconhecimento de Cristo como vencedor da história. E é isto a fé.¹⁰⁷ O ponto – o ponto! – é a certeza de que existe entre nós a vitória sobre a história. São Paulo diz: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé, somos os mais miseráveis de todos os homens”».¹⁰⁸

Portanto, a verdadeira mudança, aquela que te faz despertar cada manhã com uma esperança, qualquer que seja a situação que tenhas de enfrentar, qualquer que seja a dificuldade que tenhas de atravessar, é a certeza de que existe entre nós a vitória de Cristo na história. É uma *metánoia*, uma mudança de mentalidade. A verdadeira mudança – quer dizer – é a fé, o

¹⁰⁶ *Ibidem*, pp. 65, 62.

¹⁰⁷ «A primeira tarefa dos cristãos é a de testemunhar a Ressurreição. Também eles são rebeldes que não podem resignar-se à condição humana. Mas sabem que Alguém passou vivo para o outro lado das coisas e lhes abriu o caminho» (O. Clément, *La rivolta dello Spirito*, Jaca Book, Milão 1980, pp. 169-170). «É impensável que Cristo ressuscitado me mantenha tal e qual, sem transformação. Está vivo precisamente para me transformar. Acreditar em Cristo é acreditar que existe um princípio dinâmico de transformação, ou seja, de liberdade. Não sou livre, de facto, porque sou pecador e sei isso muito bem. Não posso tornar-me livre se não for transformado. A Ressurreição é isto. Não é a reanimação de um cadáver, é a passagem para a liberdade, a liberdade de amar. E esta passagem para a liberdade implica uma transformação radical... » (F. Varillon, *Traversate di un credente*, Jaca Book, Milão 2008, p. 149).

¹⁰⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 66.

reconhecimento da Sua presença agora. Esta é a vitória na história e sobre a história, «esta é a vitória que vence o mundo: a fé».¹⁰⁹

É o que nos testemunha esta carta:

«Agradeço-te muito pela pergunta que nos fizeste para os Exercícios da Fraternidade. Desde o dia em que a enviaste que vivo cada momento do meu dia com o desejo de vislumbrar nas circunstâncias aquilo que responde verdadeiramente à provocação que nos lançaste. Neste período dei-me conta de que o que resiste ao impacto do tempo é apenas o reconhecer que Jesus volta a acontecer continuamente e me faz companhia aqui e agora. A única coisa que torna possível a continuidade do início é continuar a vê-lo vivo no meio de nós e possível de encontrar em qualquer circunstância que me é dada. E aquilo que permite a duração, o que me permite, em última instância, estar alegre em qualquer circunstância, mesmo nas mais difíceis, é a fidelidade a este reconhecimento. Neste período, tenho alguns amigos com problemas devido a situações difíceis, familiares, de trabalho, ou doenças, e na relação com eles dei-me conta de que a companhia mais verdadeira que nos podemos fazer uns aos outros é seguirmos juntos um lugar em que nos seja fácil reconhecer Jesus presente, porque só isso permite levantar o olhar e não sucumbir diante das dificuldades. Há quinze dias, um querido amigo meu tinha de entrar no hospital para uma operação complicada, e estava a viver essa circunstância com muito medo e angústia. Inesperadamente, uma noite telefonou-me para dizer que tinha ficado muito impressionado com uma carta da *Tracce* de uma rapariga de Bolonha, porque o que ela contava era exatamente a resposta para aquilo que lhe pesava naquele momento. Disse-lhe: “Fantástico! Mas isso é Jesus para ti!”. No dia seguinte, quando nos vimos, estava com outra cara. Outra cara mesmo, outro olhar, mais alegre, mais confiante. Bastou reconhecer Jesus presente para que o medo e o desconforto fossem vencidos! [Mas alguém ainda acredita nisto?] Reconhecer Jesus que nos faz companhia e ajudarmo-nos a decifrar os sinais inconfundíveis da sua Presença é o que nos permite estar diante das circunstâncias, de qualquer circunstância, com um olhar novo. Então, percebo cada vez melhor que a verdadeira mudança que resiste ao impacto do tempo é o reconhecimento da vitória de Cristo aqui e agora. E seguir-te é, acima de tudo, a possibilidade para mim de ser ajudada constantemente a reconhecer Jesus que se manifesta na nossa vida. O resultado deste caminho na fidelidade à autoridade (que é a forma como, historicamente, o Mistério me alcança) é que todas as noites vou para a cama alegre, em paz, grata por todos os dons que o Mistério continuamente me dá».

¹⁰⁹ Cf. *1Jo* 5,4.

Como veem, é uma mudança que dura no tempo.

«O ponto é a certeza de que existe entre nós a vitória sobre a história. É precisamente esta certeza, que se chama fé [...], que nos dá a capacidade de um inesgotável esforço moral.¹¹⁰ Mas então [...] o esforço moral torna-se “participação num facto”».¹¹¹

O eu como protagonista da história é gerado por Cristo presente, pelo reconhecimento de Cristo presente. Esta é a grande diferença entre o Catolicismo e o Protestantismo. Insiste Giussani: «É o fascínio pela pretensão que tem na história a contemporaneidade de Cristo, [...] é o fascínio do alcance histórico de Cristo ressuscitado, é o reconhecimento de Cristo ressuscitado que constitui o sujeito histórico novo, diferente dos outros, ou seja, nós. E dizendo este “nós”, uma pessoa percebe com espanto a diferença abissal entre esta modalidade com que Deus avança na história e as suas próprias capacidades, o resultado das próprias capacidades. O resultado das nossas capacidades deveria fazer-nos recuar logo. Em vez disso, é outra questão: não a eticidade, mas a fé. A eticidade é possível como consequência da fé. [...] Por isso [como podem ler no Manifesto de Páscoa deste ano], as pessoas que iam atrás d’Ele, os discípulos que foram atrás d’Ele, [...] eram uns pobres coitados como eu e como tu, mas toda a novidade da esperança, a certeza absolutamente nova, a realidade nova que foram, era aquela Presença. A contemporaneidade daquela Presença para mim, para os meus filhos, para aqueles que virão depois, daqui a cem milhões de anos: esta é a vitória que vence o mundo, esta é a novidade absoluta, este é o divino na história! Eu continuo a ser aquele pobre coitado que sou, mas com Cristo tenho certezas, sou rico. A minha pessoa, como fascínio, ou seja, a possibilidade de amar a minha pessoa, é que exista esta Presença.¹¹² Com efeito, só na companhia d’Ele é que a pessoa se ama a si mesma, só pode falar de afeição a si quem traz esta mensagem; amor a si e, portanto, amor aos outros».¹¹³

O verdadeiro recurso da nossa vida é uma Presença presente, que nos enche de espanto porque existe! «Cristo, nossa esperança, está vivo e é a mais formosa juventude deste mundo. [...] Ele vive e quer-te vivo!»¹¹⁴ É

¹¹⁰ «Aquele pessoa sabia ligar-me a uma disciplina, a um sacrificio, com o simples dom de si. [...] O dom de si elevava-me à intuição dos meus deveres, dáva-lhes *corpo* diante de mim» (C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Turim 1990, p. 34).

¹¹¹ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 66.

¹¹² «Ao Senhor, enfim, não deve apenas ser pedida a piedade, mas temos de dirigir para ele todo o nosso afeto: assim amar-nos-emos a nós próprios por ele» (São Bernardo, *Sermonii III: diversi e vari*, Scriptorium Claravallense. Fondazione di Studi Cistercensi, Milão 2000, p. 159).

¹¹³ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 67-68.

¹¹⁴ Francisco, Exortação Apostólica pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus *Christus vivit*, 1.

devido a esta Presença que eu não sou determinado, em última instância, pelas minhas faltas, pelas minhas falhas, pela minha incapacidade, pelo meu mal. Participar na realidade humana em que Cristo se torna presente responde ao niilismo que encontramos em nós, a toda a falta de confiança, a toda a percepção da nossa incapacidade, mais do que mil discursos, do que mil conversas entre nós, do que mil projetos. Um facto, é isto o cristianismo! Não as discussões entre nós, não as nossas tentativas, mas um facto, com uma evidência ineludível.

É precisamente a certeza da Sua presença, que se chama «fé», que nos dá uma capacidade inesgotável de estar diante de tudo. Por isso, a única verdadeira moralidade é a pobreza de espírito de quem reconhece um facto, é a simplicidade de coração, porque os discípulos nunca teriam sonhado, nunca teria passado sequer pelas suas cabeças, que pudesse acontecer uma coisa como aquela com que os seus olhos se depararam depois de O terem colocado no sepulcro: vê-l'O vivo!

De quem é que podemos dizer: «Tu estás sempre comigo»? «Eu sei, meu amor, / Que nem chegaste a partir / Pois tudo, em meu redor / Me diz que estás sempre comigo».¹¹⁵ Atenção, reconhecê-l'O presente não é mecânico, implica uma luta entre a experiência que uma pessoa faz e o mundo que não O conheceu, entre a experiência que fizeram os discípulos com Cristo ressuscitado e todas as conversas que se tinham desencadeado sobre as mulheres: «São loucas! são loucas!», são doidas. Podem dizer o mesmo de nós: «Vocês são doidos!».

O verdadeiro desafio à razão e à liberdade de cada um de nós está neste reconhecimento, por isso não existe decisão maior do que a fé. Não viemos aqui para a cantar alto e bom som – como se costuma dizer –, pensando que já encontrámos aquilo que resiste ao impacto do tempo como que por magia, como se o tivéssemos tirado da cartola. Não, estamos aqui para aprofundar o que nos aconteceu. E nós vemos a fundo aquilo que encontrámos, testemunhamos verdadeiramente a razão da experiência que fazemos – cada um de vocês que diga se não é assim – só na medida em que reconhecemos Cristo em ação no meio de nós. Pensemos: cada um de nós deveria apagar todos os sinais da novidade que encontra em si, se eliminasse o facto de Cristo ressuscitado, presente e vivo na comunidade cristã.

Mas uma vez que O reconheci vivo, presente, como é que poderia levantar-me de manhã sem desejar reconhecê-l'O outra vez, tê-lo sempre no canto do olho? Vamos pôr-nos por uns instantes na pele dos discípulos: depois de O terem visto vivo, como é que poderiam levantar-se na manhã seguinte para ir pescar, para ir, como São Paulo, pelo mundo comunicar Cristo, para

¹¹⁵ *Barco Negro*, música de Caco Velho e Piratini e texto de D. Mourão-Ferreira.

ir fazer as coisas normais (como seria para nós apanhar o autocarro ou limpar a casa), sem O levarem no olhar? Não podiam evitar estarem revestidos da Sua presença. Por isso, a existência cristã, para quem O reconheceu e O reconhece, é resumida nestas lindíssimas palavras de São Paulo, tantas vezes ouvidas: «Enquanto vivo na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim».¹¹⁶ Esta é a verdadeira mudança: eu vivo revestido daquela Presença; não sou definido pelo meu esforço de mudar, mas pela minha consciência daquilo que aconteceu na minha vida. Relaxem, amigos, não somos nós que temos de “resistir”, não é o nosso esforço que sustenta tudo. Não, Ele ressuscitou, e não somos nós que temos de sustentar a Sua ressurreição. É ao contrário: é Cristo ressuscitado que sustenta a nossa vida. E é só porque se reconhece a Sua ressurreição que se relaxa, que a angústia e o *stress* já não prevalecem. Então começamos a mudar, toda a vida começa a mudar, quase sem nos darmos conta, sem querermos: simplesmente, encontramos em nós dinamismos que não são nossos, damos por nós diferentes.

A experiência do reconhecimento de Cristo traz então consigo um outro passo: além do reconhecimento, «a permanência deste reconhecimento. Como é que se chama? Memória. E, com efeito, o que é que Cristo pediu? A memória. Pediu a memória de si: “Fazei isto em memória de mim”. O que é “isto”? Tudo!». É a memória, o «reconhecimento permanente» da Sua presença, a «verdadeira duração da nossa pessoa. Se o reconhecimento é o conteúdo fascinante da nossa pessoa, se o reconhecimento de Ti, ó Cristo, é tudo quanto eu sou como consistência, a permanência deste reconhecimento constitui – constitui! – a nossa pessoa enquanto duração».¹¹⁷

Claro, uma pessoa ainda pode colocar objeções: «Como é que se faz para resistir?». Mas a objeção está radicalmente minada: «“A resistência é já dada” [não és tu que tens de resistir] [...], porque a resistência é Cristo»,¹¹⁸ é Ele que resiste, e resistindo permite-te também a ti resistir. Mais uma vez, é ao contrário. E é profundamente libertador descobri-lo.

4. Um lugar que é estrada

Para manter viva esta memória é-nos dado um lugar: «O lugar onde esta memória surge [...], a fonte desta memória, quer dizer, onde o reconhecimento é solicitado e continuamente chamado, é o sinal desta vitória de

¹¹⁶ Cf. *Gal* 2,20.

¹¹⁷ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 68.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 69.

Cristo na história, é a comunidade viva, a companhia nova, ou seja, homens que estão juntos porque existe Cristo».¹¹⁹

Se queremos durar, se queremos resistir no tempo, só podemos fazê-lo no único lugar que resiste. Não é o nosso esforço que resiste. Por isso, sublinha Dom Giussani, trata-se de «frequentar o sinal da vitória de Cristo!», ou seja, uma companhia no seio da qual está Ele, «Aquele que está entre nós».¹²⁰ Então o nosso dever prático é frequentar o sinal desta vitória, tal como os discípulos O iam procurar no dia seguinte, e no outro, e no outro ainda, precisamente porque estavam conscientes de que, se não estivessem com Ele, a novidade encontrada se perderia com o tempo, tornar-se-ia ineficaz.

«Caríssimo padre Carrón, quero contar-te uma coisa que me aconteceu. Tenho de começar pelo dia 1 de maio de 2012, pela tua carta ao *Repubblica*,¹²¹ na qual – na minha maneira de ver – mantinhas distância de pessoas do movimento envolvidas em inquéritos judiciais. Desprezei aquela carta. Pensei que um pai não escreve assim, sobre os seus filhos, pensei que Dom Giussani nunca teria escrito nada daquele género. Meses mais tarde, também eu fui envolvido num inquérito, e da manhã para a noite, a minha vida mudou: perda do trabalho e todas as dificuldades que nascem nestas circunstâncias. Apesar das dificuldades, acompanhou-me imediatamente a ideia de que aquilo que acontece é para a mudança da pessoa, e além disso Deus não me deixou faltar o essencial: a companhia verdadeira e profunda da minha mulher, a ajuda e o apoio, até material, dos amigos. Porém, estava desorientado: a minha vida de antes (profissional e pública) já não existia, e o meu grupinho de Fraternidade tinha-se desfeito; alguns aspetos importantes dos vinte anos de vida anteriores eram postos em discussão, e o meu interesse pelo movimento estava em mínimos históricos: tudo me parecia complicado, pouco compreensível, distante de mim. A necessidade de resposta levou-me também a formas que não pertencem à minha história: estive em Medjugorje, rezei como nunca tinha rezado na minha vida, e ao mesmo tempo, no meu “recomeçar”, sentia que faltava alguma coisa. Depois a minha mulher, por motivos profissionais, tornou-se amiga de uma pessoa do movimento que quase só conhecíamos de vista. Foi como um buraquinho numa barragem, que depois se alarga, até fazer ceder toda a estrutura. A novidade começou novamente a fazer caminho, através da carne, e eu – mais do que atirar-me – não me opus. Não de forma brusca, mas

¹¹⁹ *Ivi.*

¹²⁰ *Ivi.*

¹²¹ J. Carrón, «Carrón: da chi ha sbagliato un'umiliazione per Cl», *la Repubblica*, 1 de maio de 2012, pp. 1 e 11.

de um modo lento, natural, quase pouco perceptível, e até com reservas, dei por mim neste processo de mudança, neste ser novamente agarrado. Quando, por ocasião da dolorosa condenação de Roberto Formigoni, saiu o comunicado de imprensa de CL,¹²² achei-o muito bonito; e achei ainda mais bonito o artigo do *Avvenire*¹²³ que comentava o comunicado, definindo-o como “infinitamente cristão”. Entro em casa, a minha mulher está ocupada, mas trocamos um olá e eu digo-lhe de jorro como são bonitos o comunicado e o artigo, depois sento-me à mesa e, enquanto estou a jantar, ela manda-me uma mensagem de *WhatsApp*: é uma carta do Carrón, que parece explicar e motivar o comunicado de imprensa. “Esta tinha-me escapado” penso, é uma carta que me parece que “faz explodir” o comunicado, mais analítica, mais completa. Leio-a toda e chego ao fim: não é de hoje, é de 1 de maio de 2012. Era a carta que, quase sete anos antes, eu tinha desprezado. E agora, enquanto escrevo estas linhas e releio a tua carta de há sete anos, tinha vontade de reproduzir aqui todas as frases que me descrevem, mas é impossível escolher, porque toda a tua carta descreve estes meus anos de renascimento; na minha experiência, toda a carta responde à tua pergunta: “O que é que resiste ao impacto do tempo?”».

Basta um buraquinho na barragem e começar a seguir.

Não queres perder aquilo que encontraste? Sabes onde é que te aconteceu encontrá-lo e, portanto, sabes onde é que podes voltar, porque está à tua espera. Não é a vitória da tua tentativa, porque a tua tentativa é falível – como a minha –, não é capaz de resistir, não é capaz de se aguentar. Portanto, não vamos perder tempo indo atrás dos nossos esforços. Queres resisitir? Olha para onde reconheces alguma coisa que resiste. Se o encontraste no movimento, graças à diferença de uma forma de estarmos juntos, graças à capacidade que tem de te prender, graças à persuasividade com que te fez descobrir a fé, então o método para resistir é o empenho com o movimento, com esta companhia, sinal da Sua presença para ti. A fidelidade é a Ele, através da fidelidade a esta companhia.

A nossa companhia, dizia Dom Giussani em 1989 – encontram-no no último livro dos Exercícios, *A verdade nasce da carne* –, «tem esta função capital e imediata para cada um de nós. O Senhor é grande, poderia ter estabelecido milhares de outras formas, e de facto a Igreja está cheia da riqueza destas formas diferentes: nós fomos tocados desta forma. Se não nos tivesse tocado assim, não teria sido, por assim dizer, necessário aquilo que há entre

¹²² «Formigoni. Nota de Comunhão e Libertação», O comunicado do Gabinete de Imprensa de CL sobre a condenação de Roberto Formigoni, 22 de fevereiro de 2019, clonline.org

¹²³ M. Leonardi, «Ma non si è figli perché non si sbaglia», *Avvenire*, 26 de fevereiro de 2019.

nós: tendo sido alcançados desta maneira, isto é necessário, e abandoná-lo, esmagá-lo, esquecê-lo, não utilizá-lo é trair Deus. Não se pode dizer: “Tu, Senhor, vieste até mim por este caminho, eu vou até Ti por um outro”. Não! Por isso, é através desta nossa companhia e amizade, por mais frágil que possa ser, que nós vamos até Ele. Meu Deus, eu queria poder caminhar com cada um de vocês e nem sequer sou capaz, não tenho sequer a energia e o tempo para responder a todas as cartas! E vocês têm de me perdoar, porque vos juro que o coração é diferente do que parece desta maneira. Ajudem-nos: este é o caminho com que o Senhor nos chama a si, à vigilância; um caminho tão frágil, um caminho sob tantos pontos de vista tão discutível, mas é o instrumento pedagógico, a modalidade educativa que o Senhor preparou para ti. Caso contrário, se não estivesse persuadido disto, achas mesmo que eu aceitaria estar aqui a falar? Pelo amor de Deus, pensaria em mim mesmo e retirava-me para rezar!». ¹²⁴ Imaginem como foi libertador para mim, que estou aqui no palco a falar-vos, ler estas palavras de Dom Giussani!

5. «O peso cultural da nossa mudança»

Quando uma pessoa vive o chamamento da memória no lugar que Cristo escolheu para o envolver, então encontra-se cheia de energia para recomeçar sempre, indomável. Como aconteceu aos discípulos. Eu posso errar mil vezes e ainda outras mil, mas recomeço sempre e posso comunicar aos outros uma novidade, posso convidar os outros a participar na nossa vida; muitas vezes me irão dizer que não, mas eu recomeço constantemente, porque não dependo da reação deles. «Esta indomabilidade, fácil como reconhecer e abraçar e beijar o rosto da própria mãe, é realmente experimentar em si a vitória sobre o tempo, é o reflexo em mim mesmo da vitória que é Cristo ressuscitado sobre o tempo». Esta surpreendente indomabilidade é o sinal em mim, em ti, agora, não apenas no último dia, mas na história, na confusão atual, da vitória de Cristo sobre o tempo, da Sua ressurreição. «Então uma pessoa arrisca a sua própria energia na proposta, na proposta a si mesmo e aos outros. Porquê? Porque esta vitória é a concretização do humano». ¹²⁵

Escreve-me uma de vocês:

«Há cerca de dois meses, na escola em que trabalho há quase dois anos, morreu de repente um aluno nosso. A dor e o desconcerto por este facto geraram dinâmicas e diálogos inesperados. Em particular, com um colega, com o qual senti logo uma grande sintonia, foi um verdadeiro e real

¹²⁴ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, op. cit., pp. 239-240.

¹²⁵ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., p. 70.

“encontro”. Começo por dizer que ele se define como ateu e detesta tudo o que tem a ver com a Igreja. Num dos momentos mais difíceis pela perda do nosso aluno, confessou-me que se sente insatisfeito e que há muito procura aplacar a inquietação que o acompanha. Acrescentou que se sente inadequado diante das exigências de ajuda dos nossos jovens e que, pelo contrário, para mim não é assim. De facto, afirmou: “Tu estás à vontade com toda a gente. Quando estás diante o outro acolhe-lo até desapareceres tu, de modo que o outro se torna o centro”. Depois acrescentou: “Tu estás presente. Sempre. Mas também estás sempre noutra sítio”. Por fim, concluiu dizendo-me que se apercebe, sobre mim, que eu sou “completa, plena”. Decidimos encontrar-nos para falar com calma, porque ele quer perceber melhor o que é para mim aquele “outro sítio” que ele viu».

A concretização do humano. «Este é o peso cultural da nossa mudança».¹²⁶ Este é o nosso contributo para o mundo: enquanto a maioria está desorientada e vive no caos, e por isso alguém como Ulrich Beck, depois de ter dedicado a vida toda a estudar a sociedade, tem de concluir que já não percebe o mundo,¹²⁷ nós – pela graça que recebemos e continuamos a receber todos os dias – não estamos desorientados, tal como os discípulos não estavam desorientados no meio do caos do Império romano. Este é o alcance cultural do que trazemos connosco, o alcance cultural da proposta com que enfrentamos a história e o colapso de tudo. Podem ruir todas as formas que resistiram até agora, mas a nossa vitória não se identifica com a permanência de determinadas formas e o ficarmos presos a elas. Por isso podemos recomeçar, tal como os primeiros cristãos recomeçaram depois da queda do Império romano; chegaram os bárbaros, mas os cristãos recomeçaram, em grande. Ainda que tudo tivesse ruído, isso não os fez ruir, porque a sua base não se apoiava naquele mundo que se desfazia. Também nós estamos num momento de passagem, de dificuldades, e também nós podemos desafiar esta situação com uma proposta cheia de significado.

«A experiência da mudança é» – consiste, nasce, floresce – «no reconhecimento de Cristo»; a nossa fé é na presença de Cristo que nos muda, porque «Ele permite ao mundo voltar a ser verdadeiro vencendo o mal, porque o mal é o não humano, é o não verdadeiro», vencendo sobre aquilo que passa e não dura. E assim começamos a participar da Sua vitória, do cêntuplo experimentável neste mundo, de uma letícia, de uma paz, de

¹²⁶ *Ivi.*

¹²⁷ «O mundo está fora dos eixos. São muito os que acreditam nisso. Vagueamos sem meta, confusos, discutindo pró e contra isto e aquilo. Sobre uma frase a maioria as pessoas está de acordo, para lá de todos os antagonismos, e em todos os continentes: “Já não percebo o mundo”» (U. Beck, *La metamorfosi del mondo*, Laterza, Bari 2017, p. XIII).

uma alegria, de uma energia devido às quais nos perguntamos, espantados: «Mas de onde é que me vem isto tudo?». Temos de perceber bem de onde nos vem, senão por que razão havíamos de voltar aqui? Vem-nos de Cristo vivo. «A contemporaneidade de Cristo na história é uma promessa para o presente, é um cêntuplo experimentável, ainda que sempre diferente do imaginável. Quantas pessoas me vêm dizer: “Mas o cêntuplo não existe. Onde é que está o cêntuplo?”. Claro, se tu o vês segundo a tua imagem, então já não é novidade, e voltas a propor os termos da tua falta. A redenção é um cêntuplo experimentável, mas sempre diferente do imaginado, sempre».¹²⁸

Se eu imagino a minha mudança, penso, por exemplo: «Com tudo aquilo que ouvi nestes dias, quando voltar para casa não posso irritar-me mais»; depois acontece-me irritar-me passados apenas vinte minutos, e basta isso para colocar em discussão tudo o que vivi aqui.

Pelo contrário, a minha mudança verifica-se no tempo, segundo uma medida que não é a minha. É uma mudança real, até os outros a veem. Que esta chegue a todos os aspetos da vida – como todos desejamos – é uma questão de tempo. Mas a origem da mudança existe, já aconteceu, é um dado de facto, é uma Presença viva, experimentável agora. E nós esperamos que ela se dilate em toda a nossa vida, de forma a que todas as coisas que toquemos possam ser revestidas desta novidade que alcançou cada um de nós.

Começámos, no início da lição, pela constatação de uma mudança e dissemos de várias maneiras: «“É preciso procurar o que está enterrado, a raiz, a razão daquilo por que a nossa companhia, a nossa amizade, deu os resultados que deu, humanos”. No entanto, é participando neste sinal, é frequentando este sinal que nós seremos chamados continuamente àquele reconhecimento e àquela memória ou reconhecimento duradouros, reconhecimento e memória daquela Presença que é a raiz, que é a fonte do facto de que nós, estranhos, somos irmãos e amigos, do facto de que nós, pobres, sentimos estranhamente como uma riqueza – estranhamente, porque não é segundo os nossos planos, segundo os nossos projetos – tornar-se ardente em nós».¹²⁹

Termino lendo um testemunho:

«Caro padre Carrón, no ano passado, quando voltei dos Exercícios, descobri que estava grávida. Desejávamos ter um segundo filho, mas já nos sentíamos uns sortudos por termos tido a primeira, que chegou depois de os médicos nos terem dito que era altamente improvável para nós termos filhos de forma natural. Em vez disso, em maio do ano passado, chega a se-

¹²⁸ L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, op. cit., pp. 70-71.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 71.

gunda gravidez. Foi claro para nós desde o início que se tratava de uma iniciativa do Mistério em relação a nós que nos espantou e comoveu profundamente. Acontecia, além disso, num momento particular: há pouco mais de um mês, o meu marido tinha perdido o trabalho e, assim, começámos a fazer contas com o problema do desemprego. Durante a primeira consulta médica, tudo estava “perfeito”, os meus valores ótimos e o feto corretamente implantado, e até ouvíamos o seu coração bater. Parecia que tudo ia correr bem. Mas depois eu dou-me conta de que alguma coisa não está bem, dirijo-me com o meu marido às urgências para fazer um controlo e descobrimos que a gravidez se interrompeu algumas semanas antes. Aborto espontaneamente e volto para casa no mesmo dia. Nos dias imediatamente a seguir, muitos tentaram consolar-me com algumas frases. Percebi toda a minha impotência diante do que estava a acontecer, pela minha vida e pela vida da criança. E dei-me conta de que a mesma impotência, se for real, é a que sinto em relação à minha filha. Nem mesmo a ela, de quem posso cuidar de forma concreta, eu posso acrescentar um sopro. O que é que enche de significado cada momento? O que é que resiste ao impacto do tempo? Só uma Presença, real e concreta. Não uma ideia ou uma dedução lógica, mas uma Presença que acontece, um Facto, incontornável, que nenhuma circunstância adversa pode negar nem desmentir. És Tu, ó Cristo, o único que resiste no impacto da vida. Sem esta companhia, porém, Cristo teria continuado a ser para mim um mero nome, não se teria tornado uma Presença certa; e, sobretudo, este é o único lugar que me permite manter vivas as perguntas, não as cala liquidando-as com uma frase de circunstância, conserva-as numa profundidade verdadeiramente interessante. Na experiência do aborto, tornou-se mais claro para mim o que significa que a relação com o Mistério é pessoal. Surgiu como que uma solidão diante do que aconteceu, surgiu a evidência de que não posso delegar em ninguém, nem sequer na companhia, a minha resposta a Cristo. Sou eu diante do Mistério, e estou sozinha nesta relação. Mas o próprio surgir desta solidão fez-me ver o valor que esta companhia tem na minha ligação com Cristo. Os amigos não têm a função de me consolar ou de me seguir, não são capazes de me restituir o meu filho e não é o estarmos juntos que me tira os problemas ou o medo. Mas eu preciso de um lugar assim, que me mantenha ou me remeta na posição correta, que não me permita perder as perguntas que a realidade provoca. Esta história, os rostos, o trabalho e os gestos deste caminho, veiculam a relação com Ele e tornaram-na, com o tempo, familiar. “Ninguém deixa de temer só porque alguém lhe diz: ‘Não temas!’”. É preciso que essa presença – de Deus – tenha entrado nas entranhas do seu eu e tem de tratar-se de uma presença que se demonstrou credível no

seio de uma história. Só uma história vivida pode constituir, com efeito, a base adequada da confiança. Tudo o que Deus fez e faz é ‘para que saibas que eu sou o Senhor’ e possas confiar n’Ele” (*Eis que faço uma coisa nova; não o notais?*, Exercícios da Fraternidade de 2018, p. 26). É esta a história que fez de Deus uma presença credível, na qual posso confiar, e que resiste no tempo. O que quer que Ele faça».

Vamos ouvir, para acabar, *Cristo al morir tendea*, porque é o diálogo com esta Presença que determina a vida; ouvindo-o, sentimos como dirigida a cada um de nós a pergunta: «Deixá-lo-ias por outro amor?».

Canto: *Cristo al morir tendea*.¹³⁰

¹³⁰«Cristo al morir tendea, / ed ai più cari suoi Maria dicea: / “Or, se per trarvi al ciel dà l’alma e ’l core, / lascieretelo voi per altro amore?”. // “Ben sa che fuggirete / di gran timor, e alfin vi nascondrete: / ed ei, pur come agnel che tace e more, / svenerassi per voi d’immenso amore”. // “Dunque, diletti miei, / se a dura croce, in man d’iniqui e rei, / dà per salvarvi il sangue, l’alma e ’l core, / lascieretelo voi per altro amore?”. (Cristo ia morrer, e a sua mãe Maria dizia assim aos discípulos: “Mas se ele, para vos levar para o Céu, está a dar a alma e o coração, quereis acaso abandoná-lo por um outro amor?” “Sabe bem que fugireis, tomados por um grande medo, e que no fim vos ireis esconder; mas ele, como um cordeiro que morre em silêncio, se esvairá por vós, devido ao seu grande amor.” “Portanto, meus caros, se ele, sobre a cruz, pela mão de homens injustos e malvados, está a dar o sangue, a alma e o coração para vos salvar, quereis acaso abandoná-lo por um outro amor?”.)» (Frei Marc’Antonio de São Germano, «Cristo al morir tendea», in *Canti per la Settimana Santa*, Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milão 2007, pp. 50-51).

Domingo, 14 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Wolfgang Amadeus Mozart, Sonata para piano e violino K 304, 376, 378, 301

Clara Haskil piano, Arthur Grumiaux violino

“Spirto Gentil” n. 46, Philips

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Também este ano chegaram muitíssimas perguntas, mais de mil e trezentas que, juntando às duas mil, em cartas e mails, que chegaram em resposta ao convite representado pela provocação do Carrón, perfazem um bom número. É um sinal, juntamente com tantos outros factores, do facto de que este é, cada vez mais, um gesto realmente participado, ao qual não nos limitamos a assistir, mas para cuja construção cada um contribui com a própria presença. Nos Exercícios percebe-se bem, aliás, o que é um gesto – palavra que deriva do latim *gerere*, que quer dizer trazer –: um facto que traz um significado. Nós viemos aqui para descobrir este significado. É essencial para a nossa educação de adultos, porque o adulto – quanto mais avançamos, mais nos damos conta disso – precisa mais do que nunca, tanto ou até talvez mais do que um jovem, de ser educado, para se descobrir, para descobrir o seu próprio rosto humano. Por isso, como tal, este gesto implica inteiramente a nossa humanidade. E isso refletiu-se muito nas perguntas que enviaram, porque, além do pedido de entendimento das palavras que o Julián nos disse nestes dias, há também a tentativa cordial de uma verificação em relação à experiência que fazemos na vida quotidiana e nas dificuldades que somos chamados a enfrentar.

Estamos aqui vinte e dois mil e fazemos parte de uma companhia certa. Mas eu devo dizer que, logo desde a primeira noite, o silêncio que todos pudemos experimentar e que nos acompanhou nestes dias – um silêncio surpreendente, de um certo ponto de vista, sendo nós tantos, e pelo que me lembro foi mais intenso do que de outras vezes – é o sinal de que no seio desta companhia certa cada um de nós está aqui para si, para o reconhecimento de uma solidão última, uma solidão boa, diante do Mistério.

Isto introduz-nos à primeira pergunta.

«Tendo ouvido o último testemunho da lição da tarde, o que quer dizer estarmos sós diante do Mistério, precisando ainda assim de um lugar? E como é que se faz para aprofundar a relação com Cristo numa situação de solidão, ou seja, quando não tens a possibilidade de estar com as pessoas que, para ti, são o sinal da vitória de Cristo? Não percebo bem se o aprofundamento da relação com o Mistério é uma questão de frequentar uma companhia viva de homens ou uma questão que se joga a nível pessoal».

Julián Carrón. A primeira questão, na minha opinião, é perceber a natureza da solidão. Quando li pela primeira vez, há tantos anos, em Espanha, *Passos de experiência cristã*, impressionou-me logo a forma com a qual Dom Giussani enfrenta o problema da solidão: «Quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais nos apercebemos de que não as podemos resolver por nós, como o não podem os outros, homens como nós. [...] É este sentido de impotência que dá origem à *solidão*». Portanto, ao contrário daquilo que tantas vezes pensamos, «a verdadeira solidão não provém tanto do facto de se estar só fisicamente, como de descobrir que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros». Dizia-o a testemunha citada ontem: ninguém pode voltar a dar àquela mulher o filho que perdeu. Por isso, «pode-se perfeitamente dizer que o sentido da solidão nasce no próprio coração de qualquer compromisso sério com a nossa humanidade. Pode perceber bem tudo isto quem julgue ter encontrado a solução para uma necessidade importante em alguma coisa ou em alguém: e este desaparece, vai-se embora, ou revela-se incapaz». Consequentemente, se nós colocarmos a esperança nesta ou naquela coisa, nesta ou naquela pessoa, ficamos desiludidos. «Estamos sós», continua Giussani, «com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente. Como alguém que está sozinho no deserto, a única coisa que pode fazer é esperar que alguém chegue. E a solução não virá decerto do homem, porque são precisamente as necessidades do homem o que é preciso resolver».¹³¹

Só esta consciência nos coloca na posição de perceber a natureza da nossa solidão. Se a reduzimos ao facto de estarmos sós fisicamente, podemos resolver o problema de muitas maneiras. Mas se a verdadeira solidão é a solidão gerada pela impotência diante das nossas exigências últimas, da nossa necessidade de sermos e de nos realizarmos, de que tantas vezes não

¹³¹ L. Giussani, «Passos de experiência cristã», em *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p.79.

nos damos conta, então a questão que se põe é o que é capaz de vencê-la, porque não podemos responder nós mesmos, nem sequer juntos, à nossa profunda necessidade de ser.

O filho pródigo achava que se conhecia a si mesmo, a natureza da sua necessidade, e portanto achou que resolvia a questão indo-se embora de casa com a sua parte da herança. Mas a presunção de safar-se sozinho rapidamente revela a sua mentira: a um certo ponto, percebe que tem necessidade de alguma outra coisa, que não se pode dar a si mesmo. Só quando descobrimos verdadeiramente quem somos, a dimensão das nossas exigências, é que podemos dar-nos conta do que é capaz de lhes responder. Por isso sempre me impressionou – repeti-o em várias ocasiões – a famosa frase de Chesterton: «O problema dos sábios não é que eles não consigam ver a resposta; é que eles não conseguem sequer ver o enigma»,¹³² ou seja, não percebem o problema, não compreendem do que se trata. Daqui nasce a nossa presunção de nos safarmos sozinhos. Pelo contrário, quando uma pessoa se dá conta da origem da sua solidão, e por isso, da sua impotência, percebe que a este problema só um outro pode responder, diferente de nós, maior do que nós, alguém à altura da nossa exigência humana. Foi por isso que veio Cristo! Ele é o único que pode vencer a nossa impotência.

Fica em suspenso a segunda parte da pergunta, aquela sobre o nexo entre frequentar uma companhia viva e a relação pessoal com o Mistério. A este propósito, é essencial repararmos na consciência que o próprio Cristo tem de si: Ele concebe-se como relação com o Pai, como «o enviado do Pai» («Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas sim naquele que me enviou»¹³³); e a sua missão é a de introduzir o homem, ou seja, cada um de nós, na relação definitiva com o mistério de Deus, do Pai, da qual tudo recebe consistência, da qual neste instante a minha vida depende. Se Cristo procura atrair-me a si, é só para nos introduzir à relação com o Pai («dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste»¹³⁴). Mas este remeter para Outro é o que define também a Igreja, ou seja, nós, que fomos agarrados por Cristo através de um encontro e nos encontramos aqui: «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós».¹³⁵ Dom Giussani, com a sua vida, deu-nos a prova disto. Celebrando o seu funeral, o cardeal Ratzinger sublinhou-o: «Tendo guiado as pessoas, não para si, mas para Cristo, ganhou os corações, ajudou a melhorar o mundo, a abrir as portas

¹³² G.K. Chesterton, *Ortodossia*, Edizioni Martello, Milão 1988, p. 49.

¹³³ Cf. *Jo* 12,44.

¹³⁴ Cf. *Jo* 17,6 .

¹³⁵ *Jo* 20,21.

do mundo para o céu».¹³⁶ Giussani não fez um legado de si mesmo, mas levou-nos a Cristo.

Então, aquilo que Dom Giussani sempre nos propôs foi, sim, um lugar, o frequentar um lugar – a companhia, a Igreja –, mas com o objetivo para o qual esta existe: tornar Cristo palpável, introduzir-nos à relação pessoal com Cristo e, através d’Ele, à dependência reconhecida do Pai. Até um ateu, quando encontra algum de nós, é remetido através de nós para um «outro sítio», como dizia a carta da nossa amiga citada ontem, ou seja, para alguma coisa diferente de nós, maior do que nós, que é a profundidade daquilo que vê. Se somos convidados a frequentar um lugar é para sermos colocados em relação com Aquele que o gera, o único que pode responder à nossa necessidade de vida. Mas se não «vemos o enigma», se não temos uma consciência viva da nossa exigência, não podemos sequer abrir-nos ao reconhecimento de Cristo e não entendemos a natureza estranha da nossa companhia. Por isso tantas vezes ficamos desiludidos.

Prosperi. Uma das passagens que levantou mais interrogações foi aquela em que tu, contando o episódio do *Inominado* de Manzoni, nos fizeste a pergunta: «Quem é o nosso cardeal, o cardeal de cada um de nós?». Isto levantou o tema da autoridade na nossa vida. Formulo assim a pergunta, entre as muitas recebidas.

«Podes esclarecer por que é que a autoridade é a forma com a qual o Mistério nos alcança? O que é e quem é a autoridade?»

Carrón. Quando abordo esta questão, vem-me sempre à cabeça, novamente, uma outra passagem de *Passos de experiência cristã*, em que Dom Giussani nos introduz à compreensão da natureza da autoridade e à sua fonte original. É daqui que é preciso partir sempre.

Depois de ter esclarecido o significado da solidão, ou seja, o sentimento de impotência, e de ter abordado o tema da comunidade, concentra-se na autoridade. E como é que a descreve? «No ambiente em que vivemos [na comunidade em que nos encontramos, conscientes da nossa impotência] existem de facto pessoas com mais sensibilidade para uma experiência de humanidade, desenvolvem *de facto* uma maior compreensão do ambiente e das pessoas, provocam *de facto* mais facilmente um movimento de comunidade. Elas vivem a nossa experiência mais intensamente, mais comprometidas; cada um de nós sente-se melhor representado nelas; com elas sentimos

¹³⁶ J. Ratzinger, «Homilia no funeral de Dom Giussani, Milão, 24 de fevereiro de 2005», em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 1219.

muito mais gosto em estar lado a lado com os outros, em comunidade. Reconhecer este fenómeno é ser leal consigo mesmo e com a própria humanidade; é um dever de bom senso. Mas o encontro com quem melhor sente e percebe a minha experiência, o meu sofrimento, a minha necessidade, a minha expectativa, leva-me naturalmente a *segui-lo*, a tornar-me seu *discipulo* por causa daquela humanidade que, quando nos descobrimos impotentes e sós, nos impele a reunir-nos. Nesse sentido, estas pessoas constituem naturalmente para nós uma *autoridade*, ainda que não estejam condecoradas com honras ou títulos». ¹³⁷ Não é acima de tudo uma questão de cargos, aos quais tantas vezes reduzimos o problema da autoridade. O ponto é reconhecer as pessoas que me facilitam o crescer e o viver a experiência humana com uma plenitude maior, como eu desejo.

Por isso «torna-se naturalmente autoridade, em primeiro lugar, quem mais lealmente compreende ou vive a experiência humana. A autoridade surge, assim, como uma riqueza de experiência que se impõe aos outros». Uma pessoa torna-se autoridade pela evidência daquilo que traz. «Gera novidade, espanto, respeito. Há inevitavelmente uma atração nela», como aconteceu com Jesus: «Este sim, tem autoridade» ¹³⁸ e não como acontecia com os escribas. É assim que nasce naturalmente a autoridade, é assim que renascerá sempre. Por isso é fácil reconhecê-la.

Cada um de nós é chamado a uma lealdade em relação àquilo que vê aparecer na sua própria experiência. Quem seguir as sugestões que a experiência lhe fornece, não terá nenhum problema em identificar a autoridade, não terá nenhuma dificuldade em identificar o seu cardeal, porque será evidente. É diretamente proporcional à consciência da natureza da necessidade: quanto mais uma pessoa é necessitada, e está consciente do alcance da sua necessidade, tanto mais facilmente reconhece a autoridade. O reconhecimento de uma autoridade está estreitamente ligado à experiência da própria impotência. Com efeito, se uma pessoa não for presunçosa, se se der conta da impotência que vive, se reconhecer que tem necessidade, adere mais facilmente a quem lhe testemunha de forma mais persuasiva a existência de uma resposta e a ajuda a vivê-la.

Pelo contrário, se pensamos que nos safamos sozinhos, nem mesmo se tivermos a resposta à nossa frente, com toda a evidência possível e imaginável, a reconheceremos: como aconteceu aos que se encontraram diante de Jesus e não O reconheceram. Por quê? Porque Jesus veio para os

¹³⁷ L. Giussani, «Passos de experiência cristã», em *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 81.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 81.

pobres, para os doentes, para aqueles que têm uma lealdade com a sua ferida, com a sua incapacidade estrutural de ir ao fundo de si mesmos: assim que O veem, aderem a Ele com simplicidade, por um amor a si mesmos e não porque se devem submeter a uma qualquer regra; aderem porque não querem perder a vida vivendo.

Dom Giussani fez-nos compreender as coisas na sua fonte: assim tudo se torna definitivamente mais simples. De facto, se observarmos como é que acontecem as coisas na experiência, tudo se torna simples.

Durante a Assembleia dos Exercícios da Fraternidade em Espanha surgiu uma pergunta semelhante sobre o tema da autoridade:

«A experiência da correspondência que nasce do encontro que me aconteceu liga-me à origem, à realidade histórica do movimento e a quem guia esta realidade, porque na origem estes elementos estão unidos. Quando era estudante, havia esta unidade na minha experiência. Dou-me conta de que a única maneira de continuar a experimentar a correspondência é seguir o lugar onde Cristo me aconteceu. Dou-me conta, de facto, depois de vinte e cinco anos de movimento, que quando me separo da experiência da correspondência, quando me separo da minha verdadeira necessidade, da urgência da minha humanidade, das minhas feridas, das minhas exigências, a comunidade e a autoridade se convertem em alguma coisa que já não me constitui. Na experiência do encontro, pelo contrário, a comunidade e a autoridade constituem-me. Às vezes vivi o movimento como se pudesse tê-lo vivido ou não, estar de acordo ou não, com uma posição do tipo “agrada-me” ou “não me agrada” – no mundo contemporâneo, dado que somos todos filhos do Instagram, o “agrada-me” ou “não me agrada” é o critério de juízo –. Muitas vezes, posso estar no CL e experimentar um certo ceticismo; mesmo seguindo o CL, posso tornar-me cético. Dou-me conta de que o problema está no juízo de correspondência, no seguir a correspondência ajuizada (a inicial e a atual). E vejo isto em muitos âmbitos do movimento, nos estudantes e nos adultos: pode haver uma maneira de estar no movimento como separado deste factor original em que tudo está unido. Na experiência do encontro, a correspondência, a comunidade e a autoridade estão unidas. Queria que me ajudasses neste ponto».

Carrón. Parece-me que aquilo que disseste ajuda a compreender claramente o tipo de experiência que cada um de nós faz. Porque é evidente que, quando falta um destes elementos, o tipo de experiência é completamente diferente. Às vezes resolvemos o problema de forma abstrata e não, como tu explicaste muito bem, a partir da unidade da experiência. Pensamos por

isso que a autoridade é alguma coisa que se acrescenta, de fora, à nossa experiência. Porquê? Porque, como eu referi, nem todas as experiências de cristianismo são iguais. No *Porquê a Igreja*,¹³⁹ Dom Giussani descreve três atitudes diante do facto cristão, três métodos para alcançar hoje a certeza sobre o facto de Cristo, dos quais derivam consequências diferentes: o método racionalista, o método protestante e o método ortodoxo-católico. O primeiro considera o facto de Jesus como um mero facto do passado, igual a tantos outros, ao qual devem ser aplicadas as categorias da “razão histórica”. Ele reduz o conteúdo da mensagem cristã – Deus tornou-se presença na história – antes mesmo de a ter considerado. O segundo método reconhece o conteúdo do grande anúncio, mas confina-o a um momento determinado: Deus fez-se presença na humanidade só num ponto, Cristo. Como pode então o homem de hoje alcançar a certeza sobre esta presença? Através de uma experiência exclusivamente interior, uma iluminação do Espírito. É uma atitude que, embora profundamente religiosa, não respeita todos os dados do anúncio cristão. O terceiro, por sua vez, continua a ser coerente com a estrutura do acontecimento cristão tal como ele se propôs originalmente: Deus tornou-se em Cristo presença integralmente humana e permanece como tal na história através da realidade da Igreja, a companhia dos crentes n’Ele; o encontro com a Sua presença hoje – um encontro em que se juntam o aspeto exterior e interior, objetivo e subjetivo – é o método para chegar à certeza sobre Ele.

Os primeiros dois métodos, apesar de conterem elementos de verdade, conduzem a uma experiência totalmente diferente da que é gerada pelo terceiro. A experiência de uma pessoa para quem o cristianismo não é um acontecimento presente e à qual falta o ponto de referência objetivo dado pela autoridade (protestantismo) é dum tipo completamente diferente da experiência de um católico. Mas temos de descobrir esta diferença na nossa experiência pessoal da comunidade, ou seja, de uma realidade guiada: caso contrário, a autoridade parecer-nos-à sempre algo de estranho à nossa fé e, conseqüentemente, o cristianismo estará à mercê de um subjetivismo último, ou seja, do arbítrio da nossa interpretação. Há um mês, uma rapariga pedia-me um esclarecimento sobre o significado da autoridade do Papa. Disse-lhe: «Mas se falares dez minutos com uma pessoa, consegues perceber, daquilo que ela te diz sobre a Igreja, se na sua experiência está presente a autoridade do Papa, não precisas de ir falar com o Papa para verificar se aquilo que ela diz sobre a Igreja coincide com o pensamento do Papa». Bastam-nos dez minutos para perceber se uma pessoa tem em si

¹³⁹ Cf. L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 23-42.

mesma a ligação com a autoridade do Papa. Basta que abra a boca para que nos demos conta se na sua experiência existe o nexo com a autoridade, ou se a autoridade é para ela algo de extrínseco, de acrescentado de fora da sua experiência. Acontece o mesmo na vida do movimento. Como diz Giussani no primeiro ponto de *Passos de experiência cristã*,¹⁴⁰ a autoridade é um elemento constitutivo da experiência humana.¹⁴¹ Mas como é que uma pessoa pode perceber se o é efetivamente para si? Pelo tipo de experiência que faz. Porque nós não temos estampado na cara o tipo de experiência que fazemos. «Pelo fruto se conhece a árvore»,¹⁴² ou seja, pela experiência de correspondência que uma pessoa vive, percebe-se a verdade do seu ponto de origem. É um método absolutamente infalível, porque só uma determinada árvore produz determinados frutos; uma árvore diferente não pode produzir os mesmos frutos. Na minha maneira de viver, testemunho o tipo de experiência que faço na comunidade cristã. Dom Giussani observa que não existe comunidade cristã sem a referência última à autoridade, não existe um carisma católico que não tenha uma ligação última com a autoridade: não é simplesmente um problema teológico, é uma coisa que vai à raiz da nossa experiência cristã; por isso cada um de nós, na sua maneira de viver, canta diante de todos a sua «*Traviata*».

Prosperi. Há duas perguntas que estão ligadas entre si.

«O que significa que a experiência implica a inteligência do sentido das coisas e que a realidade não é de todo agarrada se não for afirmado o significado?»

«Disseste que podem acontecer-nos coisas espantosas, mas nós não aprendemos nada, e que para perceber o alcance daquilo que acontece na vida é preciso responder à exaltação da “capacidade cognitiva da consciência” que o próprio facto gera. Podes aprofundar este ponto?»

Carrón. Continuamos a ligar as duas perguntas.

Como é que me dou conta de que uma determinada presença é decisiva para a minha vida? Isso acontece porque ela corresponde às exigências da minha humanidade como nenhuma outra. Mas isto implica uma comparação entre a realidade e as minhas exigências e, portanto, um juízo da minha

¹⁴⁰ Cf. L. Giussani, «Passos de experiência cristã», em *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 81.

¹⁴¹ O mesmo é válido também no âmbito da experiência cristã: «Não existe nenhuma versão da experiência cristã [...] que não implique, pelo menos em última instância, [...] esta referência à autoridade» (L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 129). Ver aqui, pp. 19-20.

¹⁴² *Mt* 12,33.

razão: «Aqui está qualquer coisa que finalmente corresponde ao que eu procuro». Para ter experiência de alguma coisa não basta que eu embata nela, que me provoque uma reação; é preciso que eu capte o seu alcance, o significado, o nexo comigo. A experiência não se reduz ao golpe sentimental das coisas: implica que eu lhe descubra o sentido, caso contrário, mais cedo ou mais tarde, perco-a pelo caminho. É preciso, por isso, que eu perceba o alcance da presença encontrada, que eu capte o nexo entre aquela presença e a minha necessidade e me dê conta de que cresço na relação com ela. Isto é fazer experiência. Se não me dou conta da pertinência daquilo que me acontece com as minhas exigências, as coisas que acontecem – por mais espantosas que sejam, como os factos que tantas vezes contamos entre nós – são como pedrinhas da gravilha, porque não as surpreendemos na ligação que têm com as nossas exigências. Assim, não tendo captado o significado do encontro, algum tempo depois vamos embora.

Giussani começou tudo só para «mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida»,¹⁴³ ou seja, para que nós pudessemos perceber – perceber! – a pertinência do acontecimento de Cristo, daquilo que nos propõe Cristo, daquilo que nos propõe o movimento, ao nosso desejo humano. Caso contrário, tudo se torna moralista, torna-se qualquer coisa que “devo” fazer: já não adiro ao que me é proposto porque preciso de o fazer, porque o reconheço pertinente às minhas exigências, porque me aconteceu a coisa maior que me podia acontecer. Se não estou grato que me tenha acontecido, o cristianismo torna-se uma enorme complicação, um peso insuportável! Pelo contrário, quanto mais uma pessoa percebe o seu alcance, mais fica preso, mais se cola – Giussani falava de «punhados de cola» a propósito da relação dos discípulos com Jesus – e mais é grata: «Ainda bem que tu existes, Cristo. Ainda bem, caso contrário eu estaria sozinho com o meu nada».

Espanta-me que, tantas vezes, não demos atenção às coisas excepcionais que vemos acontecer entre nós (das quais tivemos uma prova nas cartas que citei). Como lemos na Escola de Comunidade, podemos passar diante da santidade, dos muitos frutos que a imanência à vida da Igreja gera entre nós, e não os vermos, e, conseqüentemente, não captarmos o seu alcance.

Pelo contrário, para ir à segunda pergunta, quando uma pessoa embate em alguma coisa que percebe, ao contrário de tudo o resto, como verdadeiramente decisiva para si, como carregada de uma promessa para a vida, o que é que acontece? Que o facto provoca um espanto tão grande que escancara a sua capacidade de ver, de perceber. Por isso Giussani diz que «este mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem»,

¹⁴³ L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 20.

vindo ao encontro da nossa impotência, dilata, «exalta também a capacidade cognitiva da consciência, adequando a agudeza do olhar humano à realidade excepcional»¹⁴⁴ diante da qual o faz estar. Como quando uma pessoa se apaixonou, encontra a presença que a atrai e que a faz ser mais ela mesma: este acontecimento escancara o seu olhar, a sua capacidade de conhecer tudo, em primeiro lugar quem está à sua frente, o valor que aquela pessoa tem para si. E todos sabemos o quanto isto é decisivo: se não captarmos o alcance para a nossa vida da pessoa a que nos ligamos, mesmo se tivéssemos sempre debaixo do nosso nariz seria como se ela não existisse.

Se isto acontece numa relação afetiva, imaginem a que profundidade pode acontecer na experiência do encontro com Cristo, de que o enamoramento é apenas um pálido reflexo. O que é que aconteceu e acontece? Ouvimo-lo nos testemunhos: «Esqueci-me de muita coisa, mas não daqueles olhos com que fui olhada»; desde aquele momento, aquela rapariga nunca mais se pôde olhar como antes, mudou a sua maneira de entender as coisas. No encontro com Cristo, através do caso humano de que Ele se serve para nos conquistar, há uma evidência que nos arrasta, que nos cola e alarga a nossa razão, abre-nos a perceber, a reconhecer o que aconteceu, não à força, como quando se utiliza a calçadeira para fazer entrar o pé num sapato muito pequeno, nem através de uma conclusão lógica, que já não prende ninguém: só é preciso responder à ação da Sua presença em nós. «O reconhecimento da presença de Cristo acontece porque Cristo “vence” o indivíduo», vence-me, com a Sua iniciativa, a Sua graça, alcançando-me através de um encontro humano sem comparação. Por isso, resume Giussani: «Como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, assim vivifica em mim a capacidade de apreendê-lo e reconhecê-lo na sua excepcionalidade. Assim a minha liberdade aceita aquele acontecimento, aceita reconhecê-lo».¹⁴⁵

Prosperi. «Citando Ratzinger, disseste que “a possibilidade de ‘ver’ Deus depende da purificação do coração”, da pobreza de espírito. Em que consiste esta purificação? Disseste também que é preciso tornarmo-nos conscientes do nexa entre conhecimento e pobreza, e depois que a única moralidade é a pobreza de espírito do reconhecimento. Podes retomar o nexa entre pobreza e conhecimento?»

¹⁴⁴ *Ibidem*, pp. 129-130.

¹⁴⁵ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 30-31.

Carrón. Ratzinger observa que os Padres da Igreja evidenciam o nexo entre conhecimento e pobreza e que isto é o que o Evangelho repete continuamente: «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. [...] Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus». ¹⁴⁶ O Evangelho não põe outra condição – para conhecer, reconhecer Deus – do que esta pobreza. Por isso é que eu insisti na impotência. Fomos feitos para um destino tão desmesurado («Fizeste-nos para ti, ó Deus», ¹⁴⁷ diz Agostinho) que não podemos alcançá-lo com as nossas forças; não podemos ser nós a responder à exigência de plenitude que nos constitui. Por isso é que Cristo veio. Veio porque sem ele nós não podemos fazer nada, mas mesmo nada, para responder à nossa sede de felicidade, de destino. É inútil irritarmo-nos com a realidade – com a mulher, o marido, o trabalho, as circunstâncias – porque nada pode responder adequadamente à nossa exigência de felicidade: «Tudo é pouco e pequeno para a capacidade da nossa alma», ¹⁴⁸ dizia Leopardi. Por isso é inútil irritarmo-nos com a vida. A única coisa que podemos fazer é esperar que aconteça Quem traz a resposta. Juntamente com o reconhecimento da própria impotência estrutural e da consciência de que a resposta só pode vir de Outro, é necessária a simplicidade de coração de reconhecê-l’O e aderir a Ele. «Quem não receber o reino de Deus como um pequenino, não entrará nele», ¹⁴⁹ perdê-lo-à.

Portanto, a única coisa a fazer diante do dom sem igual da Sua presença é acolhê-l’O. Quanto mais conhecemos Cristo, e reconhecemos o dom que representa para nós, mais nos damos conta de que a nossa primeira e original atividade diante d’Ele – diante do Ser que se tornou companhia na história – é uma passividade: ¹⁵⁰ receber e reconhecer com simplicidade de coração Aquele que vem e continua a vir para nos salvar. Muitas vezes, encontro pessoas que vivem o movimento com uma simplicidade desarmante, que me deixa sem palavras. E gostaria que todos o pudessem ver. Porque não é um problema de inteligência, a vida; é um problema de pobreza, de simplicidade de coração, que nos permite dar-mo-nos conta do que nos aconteceu. É preciso sermos cada vez mais crianças. Ser criança não é infantilidade, como tantas vezes imaginamos. Na criança pequena, ainda é tudo espontâneo, mas não foi ainda conquistado como consciência. Sermos crianças sendo grandes, esta é a grande questão! Para nós é

¹⁴⁶ Mt 5,3-8.

¹⁴⁷ Santo Agostinho, *Le Confessioni*, I,1.1.

¹⁴⁸ G. Leopardi, «Pensieri», LXVIII, in Id., *Poesie e prose*, vol. II, Mondadori, Milão 1980, p. 321.

¹⁴⁹ Mc 10,15.

¹⁵⁰ Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 143.

quase uma ingenuidade, é quase uma contradição, que em grandes posamos ser crianças. Pelo contrário, é esta a verdadeira sabedoria, a única sabedoria indicada pelo Evangelho, aquela que devemos ter se não quisermos perder o melhor.

Na sua vida terrena, Jesus testemunhou-nos como é que um adulto pode continuar a ser criança: «Eu faço sempre aquilo que agrada ao Pai».¹⁵¹ Foi o que nos testemunhou também Giussani até à morte: espantava-se com tudo, qualquer coisa o animava, brilhavam-lhe os olhos como a uma criança. Sem esta simplicidade de coração, perdemos a vida. A nossa vocação é conquistar aquilo para que o Mistério nos fez, mas aquilo que Ele nos quer dar, o dom da Sua presença, é de tal maneira desproporcional às nossas capacidades, às nossas forças, que só podemos estar disponíveis – como crianças – para O receber, O reconhecer e O abraçar. E então tudo se torna simples.

Prosperi. Aquilo que acabaste de dizer sobre a criança em relação à sensatez e à sabedoria vale também para a dimensão afetiva, tanto assim que na relação com o pai e a mãe, quando esta relação é clara, a criança tem uma certeza que o adulto muitas vezes não consegue ter na relação com a realidade; o adulto, com efeito, tende a reduzir a própria experiência aos aspetos psicológicos, ou seja, à forma como sente as coisas a partir de si mesmo. A um certo ponto, tu fizeste uma passagem sobre a mudança, e eis a pergunta.

«Podes aprofundar o que significa que o problema é superar uma imagem psicológica da mudança e a nossa tentativa de medi-la?»

Uma outra pergunta acrescenta outro ponto.

«Falaste da fidelidade como sendo aquilo que produz a mudança, mas disseste que esta não deve ser reconduzida a algo de ético, a um problema de capacidade; porém, pressupõe o eu estar, a minha iniciativa, a minha liberdade. Como é que a fidelidade não interfere com este meu movimento, acabando num esforço ético?»

Carrón. Partimos da segunda pergunta e do exemplo mais simples, ou seja, o enamoramento. O apaixonar-se não pode ser o resultado de um esforço ético (caso contrário, se bastasse querer, haveria uma fila com todas as pessoas que estão à procura de alguém que responda ao seu desejo de serem amadas), não é uma coisa que possamos ser nós a gerar. Mas quando acontece devemos acolhê-lo, a liberdade deve envolver-se. A fidelidade é o envolvimento da nossa liberdade com um facto acontecido, que não somos nós a produzir, e é continuamente evocada e sustentada pelo voltar a acon-

¹⁵¹ Cf. Jo 8,29.

tecer desse mesmo facto, ou seja, pela contemporaneidade de Cristo, como eu disse na lição de ontem à tarde.

Passando à primeira questão, que tem um nexó muito estreito com tudo o que acabámos de referir, sublinhava ainda ontem que a mudança não se pode reduzir à sua imagem psicológica, ou seja, a alguma coisa que posso medir com a minha medida: tinha um temperamento irado e ainda o tenho; pensava que ia voltar para casa depois destes dias mudado, e em vez disso irritado-me como antes, devido ao meu mau feitio, e portanto penso que não ficou nada daquilo que vivi. É esta imagem da mudança que nos bloqueia. Somos sempre tentados a identificá-lo com um potenciar das nossas capacidades, com o realizarmos mais coisas, que é aquilo que tantos procuram obter treinando.

Não, não é esta a mudança de que falamos e de que precisamos. A verdadeira mudança consiste em reconhecer Aquele que responde à nossa impotência. Tal como não é uma capacidade minha que gera esta resposta, também não posso ser eu a gerar esta minha mudança. Trata-se simplesmente, como dizia antes, de estar disponível para a iniciativa que Cristo tomou em relação à minha vida. Esta é então a verdadeira mudança: viver tudo tendo esta Presença no olhar, com a consciência da Sua companhia fiel: «E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que a si mesmo se entregou por mim».¹⁵² A mudança é passar da presunção de si ao reconhecimento da Sua presença.

Introduz-se assim na vida uma diferença, uma novidade, em que também os outros reparam, mas que não corresponde às imagens que fazemos, que não consiste numa impecabilidade, numa infalibilidade, numa superioridade nossa, como fruto de uma capacidade nossa, mas no reflexo em nós do reconhecimento de Quem responde à nossa impotência, da certeza da Sua presença, que a pouco e pouco entra nas nossas entranhas. É como uma tonalidade de letícia, de fecundidade, de positividade, que se insinua então lentamente em tudo o que fazemos, mesmo continuando a ser frágeis como somos.

Dom Giussani disse-o com todas as letras: a mudança é o reconhecimento daquela presença viva que vem ao nosso encontro, não alguma coisa que eu meço. Tudo o resto vem daqui; talvez aconteça até aquilo que tu desejas que aconteça – por exemplo, a mudança do teu mau feitio –, mas não é necessário; e ainda assim, será sempre segundo um tempo e um desígnio que não são teus. Isto, muitas vezes, enlouquece-nos, por causa da nossa impaciência: queríamos mudar como e nos tempos estabelecidos por nós, em vez de estarmos simplesmente gratos porque Ele existe. É Ele que nos liberta da nossa medida.

¹⁵² Cf. *Gal* 2,20.

Como acontece com a criança: está o pai, está a mãe, não é preciso medir-se. A mudança virá, mas segundo um desígnio que não é o meu.

Prosperi. A próxima pergunta é pessoal; escolhemo-la porque tem a ver com todos nós, de uma forma ou de outra.

«Estou a viver o mesmo drama do pai da parábola do filho pródigo na minha família. Mas como é que aquele pai fez para deixar o filho ir-se embora e não ceder à tentação de ir buscá-lo do meio das prostitutas e trazê-lo para casa? Onde é que foi buscar a força para deixar verdadeiramente ao filho a liberdade de não voltar e, portanto, de talvez nunca mais o ver? Não é tanto a posição do filho que me interessa agora, mas a do pai. Como é que conseguiu esperar tão livremente que o filho voltasse, sem raiva? Se não, não teria feito aquela festa no seu regresso. De que é que viveu na espera? A mim parece-me que não consigo viver com uma ausência tão grande».

Carrón. Este é o nosso problema: nós não conseguimos, e por isso nunca nos vamos comportar como o pai do filho pródigo. E por que é que Deus, pelo contrário, consegue? O porquê está enraizado na plenitude da vida divina, ou seja, da relação do livre e recíproco amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É para participar em tal superabundante plenitude que Deus cria um ser, o eu humano, feito à sua imagem e semelhança, isto é, livre, que reflete originalmente o mistério do ser uno e trino precisamente nesta liberdade. E Deus deixa-o livre precisamente porque o ama infinitamente, como só Deus pode amar. A parábola do filho pródigo exprime, portanto, a verdadeira natureza de Deus: o pai ama de tal modo o filho que o deixa livre, sabe que sem liberdade seria apenas um escravo na sua casa.

Dom Giussani formulou frases verdadeiramente espantosas, que talvez fosse bom lermos, úteis para todos os que entre vocês estão preocupados com a liberdade dos filhos: «O maior sacrifício para os pais, seguramente o maior, logo a seguir ao de lhes morrer um filho, é o de ver um dos seus filhos, a quem educaram com amor, a quem deram tudo aquilo que sabiam e podiam, tomar decisões e rumos, ou formular juízos diferentes daqueles que eles considerariam certos. É o que de mais terrível experimentamos, também nós, na escola, em relação aos nossos alunos, embora para os pais seja mil vezes mais duro». Todavia, nesta atitude esconde-se uma possível tentação, que Dom Giussani quer desmascarar: «O poder sobre as almas: possui-las para seu próprio bem, arrancar-lhes a liberdade, para assegurar a sua felicidade», sempre para o bem do filho, naturalmente! Bem diferente é a perspectiva cristã: «Cristo morreu para nos dar a liberdade!». Prossegue Giussani: «Quanto mais fortemente se deseja a liberdade dos nossos

alunos [ou dos nossos filhos], quer dizer, que alcancem o seu destino, [...] tanto mais dolorosa e miraculosamente se aprofunda o respeito pelas suas decisões, pelas suas tomadas de posição. Não pode haver para eles uma felicidade que não tenha sido escolhida por eles, um destino que não tenham sido eles mesmos a reconhecer e a aceitar».¹⁵³

Por isso a liberdade não tem um papel decisivo apenas no caminho para o destino, mas também na descoberta do mesmo. «É certo – conclui Giussani – [...] preferiríamos agarrá-los pelo pescoço e levá-los onde devem ir. Preferiríamos ir contra a sua liberdade, entendida como liberdade de escolha», devido à ansiedade que nos assalta. O que é que pode serená-la? A única coisa que a pode serenar e «que verdadeiramente nos dá paz, é que haja Um [com maiúscula], um Outro [com maiúscula] que os quis, que estabeleceu com eles uma aliança, dando-lhes o ser».¹⁵⁴

Diante destas vossas experiências familiares, penso sempre na inquietação de Deus. Se vocês estão tão inquietos diante do destino dos vossos filhos, imaginem Deus, que poderia fazer tantas coisas que nós nem sequer sonhamos, e não as faz; que inquietação! Por que é que Ele pode esperar, o que o sustenta? Só a plenitude que Ele vive. Por isso, a única forma de responder verdadeiramente a esta ansiedade chama-se «virgindade», ou seja, uma relação tão forte com o Mistério que me deixa livre para deixar ao filho a sua liberdade. E não porque eu não deseje todo o bem para o filho, mas porque quero que alcance o seu bem através da liberdade. É preciso que eu tenha uma paz tal, uma tal consistência e certeza de que existe Alguém que lhe quer bem, que deu a vida por ele e estreitou uma aliança com ele, para esperar por ele como Ele espera. Que relação é preciso terem, e termos, com Cristo para podermos educar assim os filhos e os nossos jovens, sem ceder à tentação de nos substituímos à sua liberdade!

Isto não quer dizer que, então, não podemos fazer nada. Não é que Deus não tenha feito nada: enviou o Seu filho para dar a vida por nós, para tornar possível esta experiência de plenitude. Não enviou Cristo para nos tirar a liberdade. Cristo esperou, como dizíamos ontem, que o homem O reconhecesse. E nós, o que podemos fazer? Aquilo de que os filhos mais precisam: viver diante deles, mais do que dizer-lhes apenas o que devem fazer. Vivamos diante deles! Ponhamos diante deles uma atração tal, que possam ser desafiados pela beleza que veem vibrar em nós, para poderem aderir livremente, não com a calçadeira. Muitas vezes, nós estamos preocupados com que adiram, mas não com a liberdade deles.

¹⁵³ L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Diel, Lisboa 2003, p. 222.

¹⁵⁴ *Ibidem*, pp. 222-223.

Estão preocupados com os vossos filhos? Vivam como adultos, testemunhando-lhes toda a atratividade da vossa vida. Foi a única coisa que Deus fez: enviou o Seu filho para oferecer a todos uma atração tão poderosa que nos conquistasse a Si. Sem isto, vamos apenas gerar lugares onde os filhos sufocam, em vez de lugares onde respiram, com o desejo de se envolverem e participarem.

Durante a Assembleia dos Exercícios da Fraternidade em Espanha surgiu uma pergunta semelhante sobre o papel da liberdade no fenómeno do conhecimento.

«Esta manhã, disseste que a liberdade não é só ir na direção de Deus quando O descobrimos, mas que se joga na própria descoberta de Deus. Não percebo, porque a mim parece-me que a descoberta de Deus é alguma coisa de imediato: quando acontece, descobre-l’O. O que quer dizer, então, que a liberdade se joga na própria descoberta de Deus?».

Carrón. Este é o problema. Nós não percebemos que no conhecimento se jogam constantemente a razão e a liberdade. N’ *O sentido religioso* Dom Giussani coloca três premissas, que implicam três elementos: para conhecer, diz, é preciso *realismo* (a realidade tem a primazia: é o objeto que determina o método de conhecimento), *razoabilidade* (é necessário um uso adequado da razão por parte do sujeito cognoscente) e *moralidade* (aqui surge o elemento liberdade: na posição que o sujeito assume, a liberdade está necessariamente em jogo).¹⁵⁵ Ele propõe um exemplo que pode ajudar a compreender a nossa questão. Quando Pasteur descobriu o papel dos microorganismos na medicina, todos os cientistas deveriam ter reconhecido o valor daquilo que ele tinha visto ao microscópio – era evidente que tinha visto alguma coisa de importante e de novo –; mas, pelo contrário, os cientistas mais proeminentes da época foram os mais ferozes opositores daquela descoberta. Porquê? Porque não estavam em jogo apenas a realidade e a razão, mas também a liberdade deles: sentiam-se ameaçados no seu prestígio por aquela descoberta.

A liberdade representa um papel decisivo no conhecimento. Todos sabiam que o «cego de nascença» era cego; porém, depois da cura milagrosa, alguns tentaram até demonstrar que não o era: não estavam dispostos a aceitar o facto acontecido, a liberdade deles recusava-se a reconhecê-lo; não porque não fosse evidente, mas devido a um fechamento preventivo diante dele. Por isso se diz que «não há pior cego do que aquele que não

¹⁵⁵ Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp. 13-51.

quer ver». O que significa: a liberdade tem um papel capital no conhecimento.

A liberdade não entra em jogo apenas no caminho para o que descobri depois de o ter descoberto, mas também e acima de tudo na própria descoberta. Por isso é que a simplicidade de coração é decisiva no conhecimento. Os episódios de Pasteur e do cego de nascença não têm a ver apenas com o passado, mas são válidos também para hoje. Às vezes, com efeito, depois de termos participado em determinados encontros, ouvindo o que alguns contam, pergunto-me: mas será que estávamos no mesmo sítio? Vimos as mesmas coisas? Ouvindo as diferentes descrições parece, com efeito, que não aconteceram as mesmas coisas. Pergunto-me: é porque alguns amadureceram uma atitude crítica mais apurada, ou é porque não estão dispostos a ver? Sem uma abertura, sem uma disponibilidade da liberdade, já não vemos, na realidade, as coisas que acontecem. Estudámo-lo na Escola de Comunidade: «Pode, naturalmente, passar-se ao lado do milagre, do equilíbrio humano, da intensidade da experiência da santidade na Igreja com uma atitude de perfeita estranheza»,¹⁵⁶ ou seja, sem ver. Pelo contrário, vem outro e, diante das mesmas coisas, surpreende-se com aquilo que vê. Isto atesta que a liberdade joga constantemente um papel no conhecimento. É decisivo dar-mo-nos conta dele, porque se acontece a mesma coisa e nós não a reconhecemos (por uma razão qualquer), perdemos o melhor: pensamos que não esteja a acontecer nada e, pelo contrário, está a acontecer. Atenção: não é que eu não o reconheça porque não acontece. O ponto está mesmo aqui: é porque eu digo que não pode acontecer que, quando acontece, não o reconheço, nego que tenha acontecido, a ponto de dizer: o cego de nascença não era cego; Pasteur não viu aquilo que viu. Temos de tomar consciência deste elemento de liberdade. Tu dizes: mas se uma coisa é evidente, que necessidade há da liberdade? Não, não, calma. Há um elemento de liberdade que representa, está a representar agora, um papel determinante no meu e no teu reconhecimento daquilo que está a acontecer agora diante de nós.

Prosperi. «Falaste da verificação como o único caminho da personalização da fé. Pela maneira como falas dela, é uma coisa entusiasmante, ao passo que tantas vezes, entre nós...»

Carrón. É entusiasmante porque a verificação é de Cristo, não das nossas tentativas!

¹⁵⁶ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 279.

Prosperi. Com efeito, «tantas vezes, entre nós a verificação é vivida como um moralismo e assim, não nos identificando, na realidade não verificamos senão a nossa tentativa, que não pode deixar de nos deprimir...».

Carrón. Perfeito!

Prosperi. «Podes ajudar-nos a perceber os termos da verificação que nos desafia a fazer? Se a experiência de Cristo é uma coisa da qual não se volta atrás, a partir do momento em que gera uma atração indestrutível da qual não consigo separar-me, por que é que precisamos de uma verificação? Do que se trata?»

Carrón. Temos de ver se aquilo que nos aconteceu é verdade em qualquer situação. É esta verificação que nos torna cada vez mais certos: experimentar que Cristo serve para tudo, que é capaz de responder a tudo, que é verdadeiro diante de qualquer desafio, não apenas diante daqueles em que nós pensamos que possa responder, mas de tudo! Quanto maior é o desafio, mais eu estou desejoso de ver como é que Ele se vai safar desta vez. Porque a verificação é de Cristo. Se eu esperar tudo de Cristo, em qualquer situação, quando perco um filho ou quando não o tenho, estarei disposto a ver como saberá levar-me à plenitude, sem que se concretize a imagem de realização que eu tenho. Como me levará a experimentar o «cêntuplo já aqui», não segundo a imagem que eu construí?

Nós pensamos que a realização é alguma coisa que entra na nossa imagem, que é muitas vezes aquela que a mentalidade comum nos fornece, mas essa imagem é demasiado pequena, demasiado reduzida. Estamos disponíveis a aceitar o desafio de que Cristo nos possa realizar numa forma que vai além da nossa medida? Estamos disponíveis a dar-lhe o espaço para que no-la possa mostrar? Damos-lhe a possibilidade? Só os simples de coração podem aceitar o desafio desta verificação, não aqueles que pensam que Cristo se adequa ao que têm na cabeça; ou então, a Sua resposta não será uma resposta real.

Prosperi. As últimas duas perguntas têm a ver com a tua insistência sobre um lugar como caminho.

«Podes esclarecer o ponto do lugar que é caminho? Qualquer companhia cristã serve? Ou há uma companhia específica e quais são as suas conotações?»

«A fonte da memória é a comunidade viva, homens que estão juntos porque existe Cristo. Mas este mesmo lugar (as pessoas que o compõem) pode tornar-se objeção. Como superar esta objeção?»

Carrón. O lugar é aquele que gerou e gera Cristo através daqueles que Ele agarra e que O reconhecem. A questão é se nós estamos juntos por Cristo, porque queremos ir para o destino que é Cristo. Perguntemo-nos: a razão pela qual estamos juntos, pelo menos como tensão, é Cristo? Quem de nós quer estar junto para se ajudar a caminhar para o destino? Quem quer estar junto única e exclusivamente por Cristo? Fazendo-nos esta pergunta, começaremos a ver quem é capaz de nos fazer verdadeiramente companhia. As conotações são claríssimas, qualquer outra razão para estarmos juntos é, em última instância, insuficiente. Isto exige-nos uma lealdade: «Quem são aqueles que me acompanham verdadeiramente? São todos iguais?». Se sabemos distinguir um médico que responde à nossa necessidade de outro que não consegue, como é que podemos não distinguir quando é que uma companhia nos leva ao destino e quando não leva? Será que precisamos de frequentar um curso de Harvard? Precisamos de um abanão!

É fácil identificar o lugar que é caminho: não se trata de inventá-lo, mas de reconhecê-lo e segui-lo.

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: Is 50,4-7; Sal 21 (22); Fil 2,6-11; Lc 22,14 – 23,56

HOMILIA DO PADRE JULIÁN CARRÓN

Nesta Semana Santa, a Igreja ilustra o método escolhido por Deus para atrair a nossa liberdade sem a eliminar. «Cristo Jesus, apesar de ter a condição de Deus, não considera um privilégio ser como Deus, mas despojou-se a si mesmo». O método de Deus é despojar-se até do facto de ser Deus para assumir «uma condição de servo». E assim, aceitando a condição de servo, entregando-se a Si mesmo, todo, nas mãos do seu Pai, segundo um desígnio que também para Ele foi dramático, porque passava pela Sua entrega e a Sua morte, Cristo mostrou-nos qual é o único método que Deus considera adequado para nos atrair: a Sua entrega, um amor até ao fim. «Ninguém tem um amor maior do que quem dá a vida pelos seus amigos.»

É este o amor que Deus coloca diante dos nossos olhos. A Igreja dá-nos toda esta semana para olhar para ele, para que cada um de nós possa ser envolvido pelo único método em que Deus acredita, ou seja, o Seu amor por nós. Não há mais nenhuma coisa que possa mover verdadeiramente a liberdade, que consiga atraí-la, a não ser esta. Isto indica também o caminho para todos nós, que somos chamados a partilhar o mesmo método na relação com todos os homens, para comunicar a todos aquilo que nos foi dado como graça: uma paixão pelo destino deles, como a de Cristo por nós, um interesse por cada um deles, segundo a modalidade com que Deus se interessou por nós. Este é o nosso contributo para o mundo, que não pode ser diferente da forma como Deus se moveu. Uma gratidão invade então a nossa vida, ao ver o amor que Deus tem por nós, para que possamos testemunhá-lo também nós a todos, livres de qualquer resultado, como Ele se entregou colocando tudo nas mãos do seu Pai.

AVISO
Julián Carrón

Fundo comum

É sempre comovente receber as vossas cartas sobre o fundo comum.

«Com grande tristeza, vi a situação dos meus pagamentos do fundo comum do ano passado. Estava e estou consciente disso. A minha família está a atravessar um grande problema económico. As entradas – já baixas – diminuíram entretanto, porque o mercado de trabalho do meu marido ficou mais restrito e as tentativas de encontrar novos trabalhos tiveram resultado negativo. Teremos, provavelmente, de tomar também decisões sobre a nossa casa. Reduzo portanto o meu já mínimo contributo para o fundo comum, na esperança de que isso me facilite a fidelidade ao gesto. Quero permanecer solidamente ligada àquela amizade que me educou e me educa para o sentido da vida».

Li-vos esta carta porque o facto de que uma pessoa tenha a simplicidade de dizer que, não podendo manter o compromisso assumido, reduz o contributo para o fundo comum, de que haja entre nós pessoas que têm esta liberdade, revela uma consciência de adultos que, sinceramente, me enche de comoção.

Entre os contributos recebidos para a preparação dos Exercícios tocou-me a experiência do fundo comum descrita por alguns:

«Quando Dom Gius lançou a proposta de comprar “tijolos” para adquirir o Sacro Cuore e dar uma “casa” ao movimento, a minha mulher e eu, que nunca tínhamos tido a possibilidade de comprar uma casa, fomos pedir um empréstimo ao banco».

«Quando a minha empresa faliu, fiquei quase um ano sem trabalho e, nos quinze anos seguintes, tive de usar uma grossa fatia dos meus ganhos para extinguir a dívida provocada pela falência. Durante todas estas dificuldades, a coisa que sempre quisémos fazer, pondo-a à frente de quase tudo o resto, foi pagar o fundo comum da Fraternidade. Claro que tivemos de reduzir a quantia e ainda hoje não conseguimos voltar ao nível de antigamente, mas fizémo-lo sempre. Por quê? Porque acreditamos que sustentar esta presença, esta vida, que é diretamente o movimento e indiretamente a Igreja, é a verdadeira garantia para a vida dos nossos filhos e dos nossos netos de que permaneça materialmente uma presença que possa ser encontrada e escolhida tal como nós a pudemos encontrar». É o que diz uma pessoa que percebeu o alcance daquilo que vivemos juntos.

Dois jovens casados escrevem: «A decisão de aderir à vocação a que o Senhor nos chama nasceu e cresceu no seio de um caminho de fé que há

anos percorremos juntos. Neste caminho, a companhia do movimento foi fundamental. Sem esta companhia, que continuamente nos ajuda a olhar para o mais fundo de nós e, portanto, a descobrir que estamos em relação constante com o Mistério, este passo seria para nós inimaginável. Gratos pelo encontro que fizemos, desejamos contribuir para o crescimento do movimento na esperança de que também outros possam ser alcançados pela mesma graça que nos alcançou a nós. Por isso desejamos fazer uma oferta que possa sustentar as necessidades e as intenções do movimento».

Há quem esteja reconhecido porque, depois de vários desvios, conseguiu licenciar-se; quem completou sessenta anos e fez uma oferta para as nossas missões, «para que Cristo seja mais conhecido e mais amado no mundo». Há um grupo de Fraternidade que fez um pagamento extraordinário por ocasião dos cinquenta anos de casados dum casal do grupo, «como sinal de gratidão pela vida deles na descoberta quotidiana, juntos, da Presença feita carne, que transforma os dias e o tempo».

Por último, surpreendeu-nos um amigo que telefonou para a secretaria da Fraternidade dizendo que este é o primeiro ano em que não consegue vir aos Exercícios por motivos de saúde. Queria ainda assim participar como podia, por isso fez um pagamento extraordinário com o valor correspondente à quota «Exercícios».

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

mais uma vez, a Providência concede a todos os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação o intenso gesto dos Exercícios Espirituais em comum.

É uma ocasião privilegiada para aprofundar a relação com Cristo como sentido de toda a nossa vida, e de encontrar nesta relação o caminho para acolher cada irmão na fé, cada homem.

«*O que é que resiste ao impacto do tempo?*» O tema deste ano revela imediatamente uma clara consciência das dificuldades que estamos a atravessar, seja a nível eclesial, seja a nível civil.

A pessoa do Servo de Deus Mons. Giussani e o seu carisma indicam a resposta a esta pergunta. Nós vivemos com verdade e justiça se deixarmos transparecer a decisão de fé de querer seguir, apesar dos nossos limites, a orientação que Deus dá à nossa existência e à de toda a família humana. Só uma liberdade que se deixa docilmente conduzir pela mão de Deus é que resiste ao impacto do tempo e o transforma, não sem sacrifício e dor, em oportunidade para uma vida mais intensa e mais bonita.

Asseguro a todos Vós a minha oração e a minha bênção.

Com afeição

S.E.R. cardeal Angelo Scola

Arcebispo emérito de Milão

Caríssimo padre Julián Carrón,

recebe a minha saudação e a minha oração pelos bons resultados dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação deste ano de 2019.

Estou próximo de todos vocês nestes dias de graça sempre decisivos para o crescimento na experiência do carisma de Dom Giussani, que revela a sua capacidade de responder às expectativas do coração propiciando a tantas pessoas o encontro com Cristo e com a Igreja.

Os exercícios são um acontecimento em si, porque tornam possível o voltar a acontecer de um novo início e ilustram a possibilidade de uma duração no tempo do fascínio do primeiro encontro. Por isso a grande pergunta «*O que é que resiste ao impacto do tempo?*» coloca-nos na posição correta e não óbvia de humildade e disponibilidade para alcançar a água viva do amor de Cristo que jorra para a vida eterna (cf. *Jo* 4,14).

Rezo por toda a Fraternidade de CL, que tu, Julián, conduzes, para que na plena fidelidade ao Santo Padre, o Papa Francisco, prossiga com ardor a sua missão e seja sinal da permanência da Misericórdia do Senhor na Igreja e no mundo.

Saúdo-vos cordialmente

e invoco sobre todos vocês a bênção do Senhor e a proteção da Mãe de Deus,

S.E.R. monsenhor Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo padre Julián,

tocou-me muito que o tema dos Exercícios deste ano seja uma pergunta: «O que é que resiste ao impacto do tempo?». É uma pergunta verdadeira e dramática, neste tempo em que a Igreja vive uma hora de paixão e em que domina uma profunda confusão no coração dos nossos irmãos homens.

No entanto, há uma Presença irredutível que acontece por graça, na vida dos homens e mulheres reais, talvez em circunstâncias imprevisíveis: só o acontecimento d' «Aquele que está entre nós», o Ressuscitado que vive – «*Christus vivit*» – é que pode resistir ao «impacto do tempo».

Acompanho com a minha oração e a minha bênção o grande gesto dos Exercícios, para que estejam cheios da Sua doce presença.

S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti

Bispo de Pavia

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

vinte e dois mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram nos Exercícios Espirituais anuais em Rimini assim como outros em ligação de treze países sobre o tema «O que é que resiste ao impacto do tempo?». Tendo acolhido o convite contido na sua mensagem – pela qual lhe estamos tão gratos – de «prescrutar os sinais dos tempos», identificámos um destes sinais na urgência de alguma coisa que permaneça nesta mudança de época. Isto tornou-nos mais conscientes da natureza do cristianismo tal como nos chegou através do carisma de Dom Giussani: um encontro imprevisível que nos fez experimentar sermos preferidos. «Tu és precioso a meus olhos» (Is 43,4). Identificámo-nos com a experiência dos primeiros: «Os discípulos que foram atrás d’Ele, eram uns pobres coitados como eu e como tu, mas toda a novidade da esperança era aquela Presença. A contemporaneidade daquela Presença para mim, para os meus filhos, para aqueles que virão depois, daqui a cem milhões de anos: esta é a vitória que vence o mundo, este é o divino na história!». O Único que resiste ao impacto do tempo, «Aquele que nos liberta é alguém que vive. É Cristo ressuscitado» (*Christus vivit*), que permanece historicamente presente num lugar de vida, a «Igreja santa», e nos alcança através de testemunhos de santidade.

Regressamos às nossas casas mais certos de que Ele vive, pelo cêntuplo que nos faz experimentar aqui e agora: uma letícia, uma paz e uma alegria que nos encham de espanto. Pedindo a Nossa Senhora que cada coisa que toquemos possa ser revestida da Novidade que nos conquistou, continuamos a rezar por Vossa Santidade, testemunha do Deus vivo através da letícia que vemos no seu rosto de pai e guia do povo cristão.

Boa Páscoa de todos nós, os seus filhos da Fraternidade.

padre Julián Carrón

Sua Santidade Papa emérito Bento XVI

Santidade,

os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação propuseram-se como tema a pergunta que Dom Giussani se coloca enfrentando a revolução de 68, da qual falou nos últimos dias: «O que é que

resiste ao impacto do tempo?». Aprofundámos a consciência da diferença do cristianismo como acontecimento novo no mundo: vivo quer dizer presente, Cristo ressuscitado. É Ele que resiste ao impacto do tempo. Que impressão ler no seu texto recente que o Ressuscitado nos alcança também hoje na «Igreja santa» através de «testemunhas do Deus» que nos tornam «alegres pela fé!» Todos bem conscientes da infinita dívida que temos para com a sua pessoa, desejamos-lhe um feliz aniversário e uma Boa Páscoa.

padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Kevin Joseph Farrell

Perfeito do Dicastério para os leigos, a família e a vida

Eminência caríssima,

Vinte e dois mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação participaram nos Exercícios Espirituais anuais em Rimini, além de outros milhares ligados a partir de 13 países. À pergunta: «O que é que resiste ao impacto do tempo?», respondemos com as palavras do Papa Francisco: «É alguém que vive. É Cristo ressuscitado» (*Christus vivit*), que nos alcança na historicidade e aspeto concreto de um encontro. Na memória do carisma de Dom Giussani – nosso pai na fé –, que nos enche de entusiasmo por Cristo e pelo Papa, renovamos o empenho de testemunhar a novidade que nos conquistou para sempre, criando – tanto quanto nos é possível – espaços de vida para a fé. Boa Páscoa de ressurreição.

padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Gualtiero Bassetti

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

«O que é que resiste ao impacto do tempo?». Perguntámo-lo durante os Exercícios Espirituais que reuniram em Rimini vinte e dois mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação provenientes de toda a Itália. Na herança de Dom Giussani e no magistério do Papa Francisco encontrámos a resposta convincente, que permite vencer o medo, hoje tão espalhado entre os nossos irmãos homens: «“Vivo” quer dizer presente!». «Aquele que nos liberta é alguém que vive. É Cristo ressuscitado» (*Christus vivit*). É isto que queremos testemunhar na realidade quotidiana, como

filhos da «Igreja santa», alegres na fé e abertos ao encontro com todos.
Boa Páscoa.

padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo emérito de Milão

Obrigado, caríssimo Angelo,
por aquilo que nos escreveu. O caminho que Dom Giussani fez ajudou-nos a aprofundar a consciência de que só a novidade imprevista e imprevisível que aconteceu na nossa vida – Cristo vivo – é capaz de resistir ao impacto do tempo; vemo-lo pelos frutos na vida de quem decide responder à evidência da Sua presença: uma letícia e uma paz que nos encham de gratidão. Boa Páscoa.

padre Julián Carrón

S.E.R. monsenhor Filippo Santoro
Arcebispo Metropolitano de Taranto

Caríssimo Filippo,
gratos pelas tuas orações, renovámos a nossa disponibilidade para ceder à atração de Cristo, conscientes de que só Ele resiste ao impacto do tempo. Esta é a segurança da nossa fé e da nossa missão no mundo. Boa Páscoa.

padre Julián Carrón

S.E.R. monsenhor Corrado Sanguineti
Bispo de Pavia

Caríssimo Corrado,
este tempo dramático para vida da Igreja foi precisamente a ocasião preciosa para nos darmos conta de que não são os nossos esforços que resistem ao impacto do tempo, mas a vitória de Cristo, «Aquele que está entre nós», presente na história de hoje como há dois mil anos. Boa Páscoa.

padre Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

(Guia para a leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)

Os frescos quattrocentistas da Capela Sistina

O ciclo dos frescos quattrocentistas nas paredes da Capela Sistina foi realizado nos anos entre 1481 e 1483 por alguns dos maiores artistas do Renascimento. O programa iconográfico previa duas séries de cenas, representando respetivamente episódios da vida de Moisés e da vida de Jesus, colocadas em paralelo e caracterizadas por múltiplas referências recíprocas. As duas cenas iniciais – *Nascimento e encontro de Moisés* e *Natividade de Cristo* – foram destruídas para dar lugar ao *Juízo* de Miguel Ângelo na parede do fundo. O percurso nas paredes laterais começa precisamente na parede do *Juízo*. As cenas da vida de Moisés estão do lado esquerdo, as cenas da vida de Cristo no lado direito. As cenas finais, na parede da entrada, são de época posterior. Cada cena reúne, quase como se fosse uma fita cinematográfica, diversos episódios.

Cenas da vida de Moisés

1. Pietro Perugino, *A despedida de Moisés do sogro Jetro: A viagem de Moisés para o Egito; A circuncisão do filho de Moisés* (Es 4,18-26).
2. Sandro Botticelli, *Episódios da vida de Moisés: A morte do egípcio; O encontro com as filhas de Jetro; A sarça ardente; O cortejo do povo hebreu que deixa o Egito* (Es 2,11-21; 3,1-12).
3. Cosimo Rosselli, *A passagem do Mar Vermelho: O faraó em conselho com os generais; O exército egípcio engolido pelas águas do Mar Vermelho; O canto de vitória do povo hebreu* (Es 14,5-31).

4. Cosimo Rosselli, ***As tábuas da Lei e o Vitelo de ouro***: *A entrega da Tábuas da Lei a Moisés; As águas de Massa e Meriba; A adoração do vitelo de ouro; Moisés destrói as tábuas da Lei; Moisés apresenta as tábuas da Lei ao povo* (Es 24,12-17; 32,1-35; 34,1-4).

5. Sandro Botticelli, ***Punição de Coré, Datão e Abirão***: *A tentativa lapidação de Moisés; A recusa da oferta do incenso; A punição dos rebeldes* (Nm 16,1-35).

6. Luca Signorelli, ***A confirmação da Lei e a morte de Moisés***: *O povo hebreu reunido em volta de Moisés; A divisão da terra prometida entre as tribos de Israel; A entrega da vara do poder a Josué; Um anjo mostra a Moisés, no monte Nebo, a terra prometida; A descida do monte; A morte de Moisés* (Dt 33 e 34).

7. Hendrick van den Broeck (século XVI) ***A disputa sobre o corpo de Moisés entre São Miguel e Satanás***, a partir de um original de Domenico Ghirlandaio.

Cenas da vida de Jesus

1. Pietro Perugino, ***O Batismo de Jesus***: *O Padre bendizente; A pregação de João Batista, O Batismo de Jesus; A pregação de Jesus* (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,29-34).

2. Sandro Botticelli, ***As tentações de Jesus***: *As três tentações de Jesus; A caçada de Satanás; Os Anjos preparam uma mesa para Jesus; Jesus rodeado pelos anjos* (Mt 4,1-11; Mc 1,40-45; Lc 5,12-16).

3. Domenico Ghirlandaio, ***A vocação dos discípulos***: *O chamamento de Pedro e André; A pesca milagrosa, O chamamento de Tiago e João* (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11).

4. Cosimo Rosselli, ***O discurso da montanha e A cura do leproso*** (Mt 5 e 7; Lc 6,17-49; Mt 8,1-4; Mc 1,40-45; Lc 5,12-16).

5. Pietro Perugino, ***A entrega das chaves***: *O tributo; A tentativa de lapidação de Jesus* (Mt 17,24-27; Jo 8,31-59; 10,31-39).

6. Cosimo Rosselli, *A última ceia*: a *Oração no horto*, a *Captura de Jesus* e a *Crucificação* (Mt 26,17-29; Mc 14,12-25; Lc 22,7-23; Jo 13,21-30).

7. Matteo da Lecce (século XVI), *A ressurreição*, a partir de um original de Luca Signorelli.

*As imagens foram realizadas por G. Vannini e G. Roli para Scripta Manent.
Copyright Governatorato SCV – Direção dos Museus Vaticanos.
Todos os direitos reservados.*

COMENTÁRIOS DE DOM GIUSSANI ÀS MÚSICAS DE ENTRADA

Os textos foram retirados do volume *Spirto Gentil. Um convite à audição da grande música guiados por Luigi Giussani*, organização de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011.

Sexta-feira, 12 de abril, noite – L. van Beethoven, *Sinfonia n. 7*

«É um acorde que enche quase todo o trecho e o domina, enquanto a melodia tem uma tal sugestividade e riqueza de variações que uma pessoa devia ficar contente, mas já não consegue ficar: o tema do destino e da tristeza domina sobre o tema da vida como um pano de fundo constante» (p. 96).

Sábado, 13 de abril, manhã – L. van Beethoven, *O quarteto para cordas em lá menor, op. 132*

«“É belo louvar o Senhor”, é belo reconhecê-lo! Escutamos, nem que seja só um minuto, Beethoven e dizemos, dentro de nós: que bonito! A beleza de reconhecer o Senhor é desta natureza, mas mais profunda, como a raiz que aprofunda a aparência que mal desponta da árvore que está a nascer; muito mais profunda e sem comparação mais estável: uma forma total diante das formas parciais e efêmeras» (p. 175).

Sábado, 13 de abril, tarde – W.A. Mozart, *Concerto para piano e orquestra n. 20*

«A Beleza é nexa entre o presente e o eterno, pela qual o presente é sinal do eterno, é o início do eterno, é experiência inicial do eterno, pela qual o gosto da vida começa a palpitar com uma nota inconfundível, a nota do permanente: a justiça, o amor. Numa palavra: a exigência da satisfação plena, a exigência do cumprimento do eu (só através de uma presença alegre é que o nosso coração se torna por sua vez alegre: sozinhos, a alegria não consegue florescer em nós)» (p. 64).

Domingo, 14 de abril, manhã – W.A. Mozart, *As sonatas para piano e violino K 304, 376, 378, 301*

«A música envolvente, penetrante, persuasiva de Mozart [...] nasce da experiência da absoluta gratuidade da piedade do Ser, que continuamente

se debruça sobre a permanente indigência do homem. [...] O que é esta piedade, senão o desejo e quase angústia – angústia na sua manifestação suprema, que é Cristo na cruz – que o Mistério originário tem da nossa felicidade? Não só para o além, mas para hoje! Hoje, agora» (p. 86).

Índice

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 12 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 16

Sábado, 13 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – «*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*» (Mt 5,8) 17

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S.E.R. MONSENHOR MATTEO ZUPPI* 37

Sábado, 13 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – «*Esta é a vitória que vence o mundo: a fé*» (1Jo 5,4) 42

Domingo, 14 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 64

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE JULIÁN CARRÓN* 83

AVISO 84

MENSAGENS RECEBIDAS 86

TELEGRAMAS ENVIADOS 88

A ARTE E A MÚSICA NA NOSSA COMPANHIA 91

Tradução do italiano de Maria Ramos Ascensão

© 2019 Fraternidade de Comunhão e Libertação para os textos de L. Giussani e J. Carrón

Na capa: *Cristo no limbo ressuscita os eleitos* (século XV).

Capela de Saint Sébastien, Lanslevillard, França. © De Agostini Picture Library/Scala, Florença.

Esta edição não se destina a venda no circuito comercial

Taprobana – Associação Cultural

R. Mouzinho da Silveira, 27, 5º D, 1250-166 Lisboa

Tel. (+351) 213590584 – cl@taprobana.pt

Paginação: Ultreya, Milão

Impressão: Impressral Center, Lda.

Acabou de se imprimir em junho de 2018.

